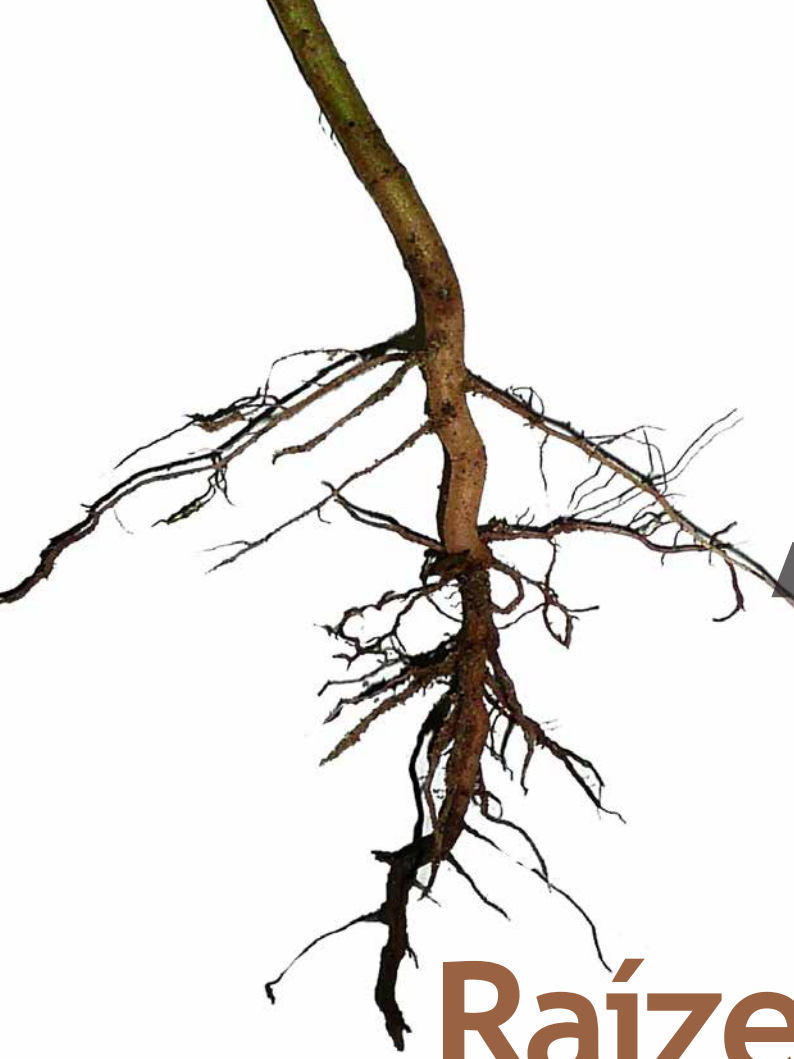




IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Nº 498 | Ano XVI
28/11/2016

ISSN 1981-8769
(impresso)
ISSN 1981-8793
(online)

Raízes do Brasil 80 anos

*Perguntas sobre a nossa
sanidade e saúde democráticas*

Luiz Werneck Vianna: *O moderno pactuou com o atraso e a civilidade, com a cordialidade*

Luís Augusto Fischer: *Os limites de Raízes do Brasil para cartografar o hoje*

Lilia Schwarcz: *A atualidade da obra e a necessidade de ser lida no seu tempo*

**Pedro Gilberto Gomes
e Elson Faxina:**
O supercêrebro da
sociedade em MídiaTização

**Jorge Euzébio
Assumpção:**
A omissão do papel do
negro na história do
Rio Grande do Sul

**Diego Pautasso, Augusto
Colório e Vitória Galle:**
Eurasianismo: identidade e
diplomacia na Rússia

“Raízes do Brasil” – 80 anos. Perguntas sobre a nossa sanidade e saúde democráticas

Os 80 anos da publicação de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, propiciam o momento de voltar a ler, a partir do atual momento político, econômico e social do Brasil, esta obra importante para, juntamente com outras, interpretar o país.

Na presente edição da revista **IHU On-Line**, contribuem **Lília Moritz Schwarcz**, professora na Universidade de São Paulo - USP e na Universidade de Princeton, e **Pedro Meira Monteiro**, também da Universidade de Princeton, que organizam a edição comemorativa de *Raízes do Brasil*, e o diplomata **Luiz Feldman**, autor do livro *Clássico por amadurecimento: estudos sobre Raízes do Brasil*.

Além deles, outros professores e pesquisadores trazem suas percepções. É o caso de **Luís Augusto Fischer**, doutor, mestre e graduado em Letras e professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, que, por sua vez, identifica no livro bons palpites para se entender o Brasil, mas alerta para os riscos de o ter como mapa para ler a atual situação do país.

O cientista social **Robert Wegner** observa como o *homem cordial* segue firme e forte no Brasil, numa sociedade hierárquica e que resiste a encarar a combater as desigualdades. Para ele, o exemplo mais claro é o recente episódio envolvendo a figura de Geddel Vieira Lima.

Luiz Werneck Vianna, professor-pesquisador na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, analisa os conceitos de cordialidade e civilidade, presentes na obra de Holanda, e os atualiza nas perspectivas da trajetória do Partido dos Trabalhadores - PT e da Operação Lava Jato.

Para o economista **Carlos Lessa**, ex-reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e ex-presidente do BNDES, só é possível superar estado de crises a partir do processo de autorreconhecimento, seja como indivíduo, seja como nação. Para ele, o mérito de *Raízes do Brasil* está justamente em fazer o país se enxergar no espelho.

A obra de Sérgio de Holanda também inspira o campo da psicanálise. Essa é a entrada de **Paulo Gleich**, bacharel em Jornalismo e Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, no livro. Para ele, a obra ajuda a pensar o país na atualidade e a localizar problemas e questões a serem ampliadas através de outras leituras e diálogos. Já os psicanalistas **Lucia Serrano Pereira** e **Robson de Freitas Pereira** avaliam a importância dessa reflexão de Holanda para subsidiar a escuta psicanalítica.

Também podem ser lidas as entrevistas dos pesquisadores em Comunicação **Pedro Gilberto Gomes**, da Unisinos, e **Elson Faxina**, da Universidade Federal do Paraná, sobre a incidência do processo de midiaticização na sociedade contemporânea, e de **Jorge Euzébio Assumpção**, professor do curso de História da Unisinos, que reflete a respeito da omissão que se dá sobre o povo negro na historiografia do Rio Grande do Sul.

Diego Pautasso, professor de Relações Internacionais da Unisinos, e os acadêmicos de RI **Augusto Colório** e **Vitória Galle**, assinam o artigo *Eurasianismo: identidade e diplomacia na Rússia*.

A todas e a todos, uma boa leitura e uma excelente semana.

Imagem da capa:
RoRo_wikimedia_commons

IHU ON-LINE

A **IHU On-Line** é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no site www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da **IHU On-Line** é *copyleft*.

Diretor de Redação

Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br)

Coordenador de Comunicação - IHU

Ricardo Machado - MTB 15.598/RS
(ricardom@unisinos.br)

Jornalistas

João Flores da Cunha - MTB 18.241/RS
(joaoflores@unisinos.br)

João Vitor Santos - MTB 13.051/RS
(joaovs@unisinos.br)

Márcia Junges - MTB 9.447/RS
(mjunges@unisinos.br)

Patrícia Fachin - MTB 13.062/RS
(prfachin@unisinos.br)

Vitor Necchi - MTB 7.466/RS
(vnecchi@unisinos.br)

Revisão

Carla Bigliardi

Projeto Gráfico

Ricardo Machado

Editoração

Rafael Tarcísio Forneck

Atualização diária do site

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evelyn Zilch, Fernanda Forner e Luísa Boésio.

Colaboração

Jonas Jorge da Silva, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR.



Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950
São Leopoldo / RS
CEP: 93022-750

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128

e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling

Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br)

Sumário

Destaques da Semana

- 6 Destaques On-Line
- 8 Linha do Tempo
- 10 Pedro Gilberto Gomes; Elson Faxina: O supercérebro da sociedade em Midiatização

Tema de Capa

- 18 Raízes do Brasil
- 20 Luiz Werneck Vianna: O moderno pactuou com o atraso e a civilidade, com a cordialidade
- 26 Carlos Lessa: A necessidade de se reconhecer diante do espelho
- 31 Lilia Moritz Schwarcz: A atualidade da obra e a necessidade de ser lida no seu tempo
- 37 Pedro Meira Monteiro: 1936 reeditado em 2016: a volta do vazio da política representativa
- 41 Luiz Feldman: Ideias em movimento e o constante repensar de *Raízes do Brasil*
- 46 Luís Augusto Fischer: Os limites de *Raízes do Brasil* para cartografar o hoje
- 50 Robert Wegner: A insistência da cordialidade
- 54 Paulo Gleich: Um processo psicanalítico para rever o Brasil
- 59 Lucia Serrano Pereira; Robson de Freitas Pereira: "O brasileiro é cordial" compõe imaginário dentro e fora do Brasil

IHU em Revista

- 64 Jorge Euzébio Assumpção: A omissão do papel do negro na história do Rio Grande do Sul
- 68 Diego Pautasso; Augusto Colório; Vitória Galle: Eurasianismo: identidade e diplomacia na Rússia
- 70 Publicações: Roberto Romano - Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia
Castor Bartolomé Ruiz - A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas
- 71 Retrovisor



ECOFEIRA UNISINOS



TODAS AS
QUARTAS

Saiba mais em:
ihu.unisinos.br



HORÁRIO
11h às 19h

Conheça o projeto
TENDA VIVA
TENDAVIVA.STRIKINGLY.COM



CCIAS
CENTRO DE CIDADANIA E AÇÃO SOCIAL
UNISINOS



UNISINOS

IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Destques da Semana

Destaques On-Line

Confira algumas entrevistas publicadas no sítio do IHU

Feminicídio. Um crime diferente que demanda respostas diferentes

Entrevista especial com Débora Prado, jornalista do Instituto Patrícia Galvão e uma das organizadoras do Dossiê Feminicídio, que tem como finalidade “debater algumas perguntas que consideramos essenciais para desnaturalizar essas discriminações que alimentam violências”.

Publicada em 25-11-2016

Disponível em <https://goo.gl/9U4uke>

A Lei 13.104/2015, a qual prevê a penalização para crimes de feminicídio, que caracteriza o assassinato de mulheres por conta da discriminação de gênero, tem como finalidade não só diminuir a “invisibilidade” desses casos, mas “dar visibilidade ao problema, conhecer melhor sua dimensão e o contexto em que ele acontece para poder embasar políticas públicas para proibir e coibir o feminicídio”, diz Débora Prado à **IHU On-Line**, em entrevista concedida por telefone.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

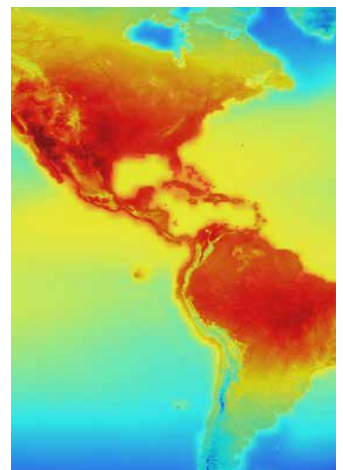
Acordo de Paris é mais sólido que o de Kyoto

Entrevista especial com Pedro Telles, coordenador da Campanha de Clima e Energia do Greenpeace e mestre em Estudos do Desenvolvimento pelo Institute of Development Studies, na Inglaterra.

Publicada em 24-11-2016

Disponível em <https://goo.gl/mZKdFM>

“A discussão sobre mudanças climáticas já atingiu um grau de importância geopolítica internacional importante, e vários países, como China, França e Brasil, se manifestaram dizendo que seguirão adiante com o Acordo de Paris. Disseram também que um retrocesso dos EUA em relação ao acordo não será bem-vindo”, diz Pedro Telles à **IHU On-Line**, em entrevista concedida por telefone.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

A religiosidade dos pobres e a esquerda. Os preconceitos intelectuais e a indisposição para aprender com o outro

Entrevista especial com Roberto Dutra Torres Junior, doutor em Sociologia pela Humboldt Universität zu Berlin e mestre em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF. Atualmente leciona no Laboratório de Gestão e Políticas Públicas - LGPP da UENF.

Publicada em 23-11-2016

Disponível em <https://goo.gl/vJlVwd>

A recente eleição de Crivella no Rio de Janeiro, especialmente sua popularidade nos bairros pobres da cidade, tem trazido à tona um debate sobre o modo como a esquerda, em geral, enxerga os evangélicos. Quase todos na esquerda, diz Roberto Dutra em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, "rejeitam a adesão dos evangélicos à 'teologia da prosperidade' e aos ideais de autonomia e valorização do indivíduo como se isso fosse uma distorção da autêntica forma de ser e agir das classes populares".



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

A novidade da Lava Jato. Ataque ao modo de reprodução do patrimonialismo mafioso e neocolonial

Entrevista especial com Giuseppe Cocco, graduado em Ciência Política pela Université de Paris VIII e pela Università degli Studi di Padova; mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade pelo Conservatoire National des Arts et Métiers e em História Social pela Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne); doutor em História Social pela Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne). Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e editor das revistas Global Brasil, Lugar Comum e Multitudes. Coordena a coleção A Política no Império (Civilização Brasileira).

Publicada em 21-11-2016

Disponível em <https://goo.gl/jwcGwY>

As prisões dos ex-governadores do Rio de Janeiro Anthony Garotinho e Sérgio Cabral "têm um significado geral de que os poderosos intocáveis podem ir para a prisão, e isso inquieta muita gente. É a quebra de um tabu. 'Branco, rico e morador de bairro nobre' não vai para a prisão no Brasil. Político poderoso, ainda menos. Essas prisões não deixam de ser uma democratização. Paradoxal, mas real", diz Giuseppe Cocco à **IHU On-Line**, em entrevista concedida por e-mail.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Protagonismo juvenil é pacífico e questiona políticas impostas de cima para baixo

Entrevista especial com Maria Stela Graciani, graduada em Pedagogia e mestra em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP, doutora em Educação pela Universidade de São Paulo - USP. Coordena os Cursos de Pós-Graduação Lato Sensu de Formação em Políticas de Gestão e Segurança Pública, Pedagogia e do Núcleo de Trabalhos Comunitários, na PUCSP, onde também leciona.

Publicada em 18-11-2016

Disponível em <https://goo.gl/5rWA0K>

"Esse movimento que está havendo agora, de ocupação de muitas escolas, é um desdobramento do que aconteceu em São Paulo. Não analisei ainda a amplitude dessa ação, que tem um protagonismo juvenil muito avançado. Mas, pelo que pude perceber, trata-se de uma ação pacífica, amorosa, respeitosa, e não de uma 'luta com pedradas'. Ao contrário, eles mostram que a qualidade da escola precisa melhorar para que possam se empoderar de outras concepções, seja da geografia, da literatura ou da história", diz Maria Stela Graciani em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Linha do Tempo

A IHU On-Line apresenta seis textos publicados no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU que tiveram destaque ao longo da semana

Estupros coletivos, a barbárie sexual do Brasil

“Implorava para eles pararem, mas foi inútil. Me machucavam ainda mais. Aos poucos, foram chegando mais até que me dei conta de que havia dez homens abusando de mim. Diziam que iriam me matar, que me jogariam num bueiro se gritasse”. A história de Claudia (nome fictício), uma vendedora de roupas de 34 anos e mãe de três filhas, ocupou as páginas de alguns jornais do Rio de Janeiro no fim de outubro. Era a mais recente vítima conhecida de um estupro coletivo, crime que é cometido de norte a sul do país, mas que as mulheres mantêm em silêncio. A reportagem é de María Martín, publicada por El País em 24-11-2016.

Leia a reportagem completa em <https://goo.gl/kmyscM>

O Comum: um ensaio sobre a revolução no século 21

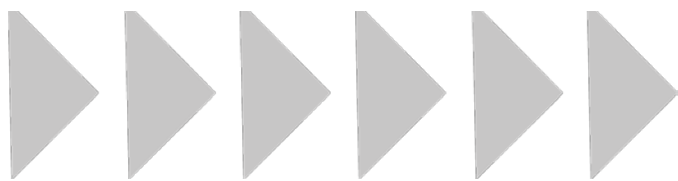
“Os comuns não são ‘produzidos’ ou ‘instituídos’. É por isso que somos muito relutantes em aceitar a noção de ‘bens comuns’. Parece-nos que o raciocínio deveria ser o inverso: todo comum que é instituído é um bem, mas nenhum bem é por si comum. É preciso cuidar para não confundirmos um bem no sentido ético e político (agathon) e um bem no sentido de uma aquisição que pode ser trocada e vendida (ktesis). Todo comum é um bem no sentido ético e político, mas apenas na medida em que não é uma aquisição. Uma vez instituído, um comum não é alienável; a partir de então ele se instala na esfera de coisas que não podem ser apropriadas. Isto significa que ele escapa da lógica proprietária em qualquer de suas formas (privada ou estatal)”, escrevem Pierre Dardot e Christian Laval, em artigo publicado por UniNômade, 24-11-2016.

Leia o texto completo em <http://bit.ly/2gnfYlb>

Descarte inadequado de lixo e entulho em área de recarga compromete Aquífero Guarani

O hábito da população de descartar objetos e materiais em qualquer local, principalmente em rios, lagos, lagoas e mares, pode comprometer o meio ambiente e também a população que vive nas redondezas, como é o caso da Lagoa do Saibro, em Ribeirão Preto. A reportagem foi publicada por Jornal da USP em 24-11-2016.

Leia a reportagem completa em <https://goo.gl/hj5eDy>



Igreja Católica em plena guerra civil

O Papa Francisco fechou a Porta Santa, mas a sua mensagem é acompanhada pelo ruído de uma crise subterrânea. Uma guerra civil está em curso na Igreja. Um confronto que toca a autoridade do pontífice e o seu programa reformador. Estão em jogo visões opostas sobre o papel da Igreja, o “pecado”, a salvação das almas. E, como em todas as guerras civis, o conflito não contempla compromissos.

A reportagem é de Marco Politi, publicada no jornal *Il Fatto Quotidiano*, 21-11-2016.

Leia reportagem completa em <http://bit.ly/2frKWfk>.

A ecologia deles e a nossa. A profecia de Gorz

“Há mais de 40 anos, o filósofo André Gorz alertava: o capitalismo tentaria capturar causas ambientais. Antídoto: a ideia radical de que uma boa vida não está ligada a privilégios, mas à construção do Comum”, escreve Razmig Keucheyan, professor de sociologia na Universidade de Bordeaux (Centre Émile Durkheim), autor do livro *La nature est un champ de bataille: Essai d'écologie politique*, 2014 (em tradução livre, A natureza como campo de batalha. Ensaio de ecologia política), em artigo publicado por OutrasPalavras em 24-11-2016. A tradução é de Inês Castilho.

Leia o artigo completo em <https://goo.gl/v8NvXh>

“A esquerda está desmaiada, mas não foi a nocaute. A partida não acabou”. Entrevista com Boaventura de Sousa Santos

Visto como uma estrela entre os intelectuais da esquerda, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos acredita que a Proposta de Emenda Constitucional do Teto de Gastos (a PEC 55 no Senado), que tramita no Legislativo brasileiro e foi editada pelo governo Michel Temer, é um sinal claro da elite político-econômica para a população de baixa renda: “As classes mais pobres não podem esperar nada do Estado nos próximos 20 anos”.

Estudioso da situação social e política brasileira, Santos frequenta o Brasil desde a década de 1970. Foi um dos fundadores do Fórum Social Mundial. Sua última passagem pelo país foi no fim outubro, para lançar sua obra *A difícil democracia* (editora Boitempo).

Em entrevista publicada no *El País* em 21-11-2016, o sociólogo português prevê que Lula será preso e diz que sociedade brasileira ainda está atordoada com o impeachment de Dilma.

Leia a entrevista completa em <https://goo.gl/Ol4x7b>

O supercêrebro da sociedade em Mdiatização

Os pesquisadores Pedro Gilberto Gomes e Elson Faxina lançam livro que debate a maneira pela qual a sociedade, imersa nas novas tecnologias de comunicação e conexão, conforma um novo modo de ser no mundo

Por Ricardo Machado

Nossas sociedades, complexas e conectadas, formaram uma imensa rede cuja figura de linguagem pode ser retomada a partir de Joel Rosnay, já na década de 1970, que falava de um supercêrebro, uma película pensante global. “Essa visão unificada é como um cérebro, com a diferença que, ao passo que as células do cérebro humano cumprem uma função química, não têm pensamento, as células do supercêrebro são moléculas pensantes, porque são seres humanos”, analisa o professor doutor e pesquisador em Comunicação Pedro Gilberto Gomes, em entrevista concedida pessoalmente à IHU On-Line.

A entrevista é realizada no contexto da publicação do livro *Mdiatização: um novo modo de ser e viver em sociedade* (São Paulo: Paulinas, 2016), lançado recentemente. O professor doutor e pesquisador em Comunicação Elson Faxina, da Universidade Federal do Paraná, que também é autor da obra e concedeu entrevista por e-mail, chama atenção para a emergência de uma nova ecologia social. “O grande desafio é entender que o ser humano de hoje é diferente do ser humano de ontem, e não apenas por uma evolução humana natural, mas essencialmente pelas conexões trazidas pelas novas tecnologias”, aponta.

Pedro Gilberto Gomes é Pró-reitor Acadêmico da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, especialização em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Santiago, mestrado e doutorado em Ciên-

cias da Comunicação pela Universidade de São Paulo - USP. Atualmente atua, também, como professor titular da Unisinos. É autor e organizador de diversos livros, dos quais destacamos *10 Perguntas para a produção de conhecimento em comunicação* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013), *Da Igreja Eletrônica à sociedade em mdiação* (São Paulo: Edições Paulinas, 2010) e *Filosofia e ética da comunicação na mdiação da sociedade* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006).

Elson Faxina possui graduação em Comunicação Social - Habilitação Polivalente, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, mestrado em Ciências da Comunicação, na área de Cinema, Rádio e Televisão, pela ECA/USP e doutorado em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. É autor e organizador de diversas obras, entre elas *Pensando com Darcy Ribeiro* (São Paulo: Escola Nacional Florestan Fernandes, 2013), *Pensando com Caio Prado Júnior* (São Paulo: Escola Nacional Florestan Fernandes, 2013) e *Pensando com Celso Furtado* (São Paulo: Escola Nacional Florestan Fernandes, 2013).

Confira a entrevista.



IHU On-Line - No que consiste o processo de Mdiatização?

Pedro Gilberto Gomes - O processo de mdiação é uma interpretação que fazemos hoje a partir

do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos, em que procuramos olhar o conjunto de redes sociais, interações e meios de comunicação que criam uma espé-

cie de novo modo de ser no mundo, uma nova ambiência. Isso significa um olhar mais amplo do que o de perceber os meios em suas singularidades. Há um conjunto de



Há um conjunto de interconexões e inter-relações, o qual chamamos de sociedade em midiatização

interconexões e inter-relações, o qual chamamos de sociedade em midiatização, onde as pessoas e principalmente as novas gerações já nascem sob este signo. Para os mais velhos, os imigrantes digitais, o telefone é somente um telefone, enquanto para as novas gerações é inimaginável uma vida sem *tablet*, sem *Ipad*, sem essas tecnologias. Então é bem mais amplo, não se trata de um estudo dos meios de comunicação individualmente, mas a concepção de que está havendo uma grande ambiência na sociedade contemporânea, aquilo que chamamos de o novo modo de ser e viver em sociedade.

Elson Faxina - Olhar e analisar os meios de comunicação, as mediações, os processos de recepção é fundamental, mas parece-nos insuficiente neste momento em que as novas tecnologias da comunicação não têm mais uma incidência apenas no processo informativo ou de entretenimento, mas criam novas práticas sociais para além dos conteúdos emitidos por esses meios. Criam, na realidade, novos modos de convivência, de estar junto, de gostar e desgostar, de "curtir" e "descurtir"... multiplicam infinitamente as comunidades, criam nova temporalidade, borram as distâncias. Por isso, trata-se do estudo desse novo ambiente complexo, possibilitado pelas novas tecnologias da comunicação, que chamamos de uma nova e grande ambiência social, envolvendo tanto os meios de comunicação - antigos e novos - quanto as novas maneiras de acessá-los, manuseá-los, anexá-los ao próprio fazer diário, que levam a um novo modo de ser - individual e em sociedade -, nova convivência humana, novas formas de cognição, de apreensão do conhecimento.

IHU On-Line - E como se conforma esse novo modo de ser?

Pedro Gilberto Gomes - Primeiro, esse novo modo de ser não está fechado, está em processo. É difícil determinar o que será, mas o que se pode dizer é que as gerações mais novas começam a quebrar paradigmas que eram dados como totalmente estabelecidos, tais como a ideia de espaço e tempo. Por exemplo, as novas gerações interagem entre si via redes sociais como nós estamos conversando face a face. Nós, os antigos, achamos que esta é a verdadeira interação, ao passo que para os mais jovens não funciona assim, necessariamente, ou seja, interação é interação, sem hierarquias, seja via redes sociais ou pessoalmente. Às vezes dois irmãos estão em quartos diferentes e se falam por Skype, Facebook ou WhatsApp. Mesmo eu, que sou imigrante digital, faz anos que não escrevo uma carta, mas mando e-mail, falo por Skype etc.

Essa é uma configuração que está mudando o espaço, e o conceito de presença e participação é questionado. A dimensão do tempo também está mudando. Por quê? Porque eu estou no Brasil e entro no Skype e posso conversar com alguém na Coreia, mesmo havendo 12 horas de diferença. O tempo se torna quase que instantâneo. Antigamente, mandava-se uma carta e ela levava quase seis meses para chegar ao destinatário, viajando de caravela, o que, às vezes, resultava que o remetente ou o destinatário pudessem estar mortos quando a carta chegasse ao destino. Mesmo na história da Companhia de Jesus, isso ocorreu com Santo Inácio de

Loyola¹ e São Francisco Xavier² - este último já havia morrido quando chegaram cartas endereçadas a ele.

No caso do Facebook, se eu compartilho alguma coisa com algum amigo na rede social e isso aparece na *timeline* dele, seus contatos podem (re)compartilhar novamente a mensagem com outras pessoas. Mas, se de repente, eu decido que quero recolher essa mensagem, eu até posso recolher, mas o texto inicial já se foi e está na rede, porque ele tem vida própria, é exponencial. Tudo isso vai criando um modo distinto das pessoas agirem e se relacionarem. A mesma coisa podemos pensar sobre a participação, em que uma pessoa é tão presente a um evento se ela está lá pessoalmente ou se ela participa via Facebook, Twitter, YouTube etc. Não se trata de uma coisa fechada, estanque, senão de um fenômeno que estamos apenas começando a perceber.

Elson Faxina - Como disse Pedro Gilberto, o conceito de presença e participação está sendo questionado. Como as comunidades desterritorializadas ganharam espaço para se multiplicarem exponencialmente com essas tecnologias, a participação presencial tornou-se apenas uma forma de estar presente e não a única. Hoje integramos dezenas ou centenas de comunidades com milhares de pessoas com as quais nunca estivemos em contato pesso-

¹ **Inácio de Loyola** (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, a Ordem dos Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. A Ordem teve grande importância na Reforma Católica. Atualmente a Companhia de Jesus é a maior Ordem religiosa católica no mundo. Para saber mais sobre Loyola, acesse a edição 186 da IHU On-Line, disponível em <http://bit.ly/1IBwk2U>. Foi canonizado em 12 de março de 1622 pelo Papa Gregório XV. Festeja-se seu dia em 31 de Julho. (Nota da IHU On-Line)

² **São Francisco Xavier** (1506-1552): missionário cristão espanhol e apóstolo das Índias, um dos pioneiros e cofundador da Companhia de Jesus. Morreu na China, onde se preparava para cristianizar essa vasta região. Foi canonizado pelo Papa Urbano VIII. Leia também Francisco Xavier: o aventureiro de Deus. Entrevista especial com o jornalista espanhol Pedro Miguel Lamet sitio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1ILDIsq>. (Nota da IHU On-Line)

al, mas nos falamos com uma frequência que nem mesmo a maioria das comunidades geográficas possibilita. E mais, nos sentimos tão presentes quanto nossa presença é sentida e desejada por esses nossos interlocutores.

IHU On-Line - Trata-se de um processo em permanente devir...

Pedro Gilberto Gomes - Exatamente. Cada ponto de chegada é ponto de partida para uma nova caminhada. Além disso, como é uma sociedade em rede, cada ponto permite uma entrada. Vivemos em um tempo onde não existe um centro que determina valores, tais como a ética. Não existe um centro, é um rizoma, diria Deleuze.³ As pessoas quando estão em uma rede, não percebem que estão imersas e para percebê-la é preciso olhá-la de cima, fazer um *zoom out*. A rede, a propósito, é um conjunto de "nadas" com limites e com nós, e quando se tiram os limites fica um buraco enorme. Para os chamados migrantes digitais há a tendência de fazer julgamentos, atribuindo valores, dizendo o que é bom ou o que é ruim. Esta experiência é a tentativa de aplicar à realidade os nossos critérios, só que para quem nasceu sob o signo da digitalidade os critérios são outros. É por isso que crianças de dois anos já sabem mexer em um *tablet* ou celular, porque fazer essas coisas tem o mesmo valor que aprender a andar de bicicleta e caminhar, pois como uma criança novinha não sabe nada, tudo o que ela aprende tem o mesmo valor.

IHU On-Line - O livro faz um recorrido histórico desde Platão⁴ e

3 Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos e singularidades. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Platão (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacamos *A República* (São Paulo: Editora Edipro,

os pós-platônicos até os autores da teoria da complexidade. Como esse processo ajuda a compreender a midiatização?

Pedro Gilberto Gomes - Algumas pessoas dizem que não acontece nada no mundo que um grego não tenha pensado ou falado. Esse livro é fruto de duas pesquisas, uma delas se debruçava sobre a questão da unicidade das coisas. Teilhard de Chardin⁵ é uma grande inspiração nesse trabalho, e ele considera que a humanidade é uma reta em direção à noosfera, e tudo o que sobe converge, passando da história para a supra-história, que no caso dele, por ser cristão, era o próprio Cristo. A ideia de noosfera de Chardin vem do (grego) *nous*, que significa mente, aí analisamos quem trabalhou com o tema e percebemos que começava em Platão

2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de 04-09-2006, disponível em <http://bit.ly/pte-X8f>. Leia, também, a edição 294 da Revista **IHU On-Line**, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em **IHU On-Line**)

5 Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no *Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade*, promovido pelo IHU em 2005. Sobre ele, leia a edição 140 da **IHU On-Line**, de 09-05-2005, *Teilhard de Chardin: cientista e místico*, disponível em <http://bit.ly/ihuon140>. Veja também a edição 304, de 17-08-2009, *O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin*, em <http://bit.ly/ihuon304>. Confira, ainda, as entrevistas *Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria*, na edição 135, de 05-05-2005, em <http://bit.ly/ihuon135> e *Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry*, publicada na edição 142, de 23-05-2005, em <http://bit.ly/ihuon142>, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista *Teilhard e a teoria da evolução*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon143>. Leia também a edição 45 edição do Caderno IHU Ideias *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica*, disponível em <http://bit.ly/1l6IWAC>; a edição 78 do Cadernos de Teologia Pública, *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã*, disponível em <http://bit.ly/1pvlEG2>; e a edição 22 do Cadernos de Teologia Pública, *Terra Habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs*, disponível em <http://bit.ly/1pvlJJL>. (Nota da **IHU On-Line**)

e em Plotino.⁶ Evidentemente não pegamos todos os filósofos antigos, mas pegamos uma linha de alguns daqueles que foram platônicos ou neoplatônicos, inclusive na Idade Média. Essa escolha foi feita porque gostaríamos de ver a questão da complexidade e da visão unitária.

Na ciência moderna o grande autor foi Aristóteles⁷ com a taxonomia, com a divisão, de modo que o paradigma era ir dividindo e analisando as partes todas. Platão analisava a partir da unidade. É claro que não se pode simplesmente pegar as teses e fazer aplicação direta, mas podemos perceber aproximações. E é nesse sentido que o pensamento da complexidade converge, porque percebemos que o mundo como um todo é complexo e não podemos fazer superespecializações, porque elas não são capazes de dar a compreensão do todo. Na Comunicação é o seguinte: se várias pessoas fazem pesquisas e analisam os meios de forma individualizada - estudos só sobre TV, outros só sobre Internet, outros ainda só sobre jornal -, mesmo que somemos os resultados de cada pesquisa, eles não dão a totalidade. Porque a soma das partes é menor que o todo, porque o todo é a relação, o todo é complexo, daí

6 Plotino (205-270): filósofo egípcio, discípulo de Amônio Sacas e mestre de Porfírio, que nos legou seus ensinamentos em seis livros de nove capítulos cada, chamados de *As Enéadas*. Acompanhou uma expedição à Pérsia, onde tomou contato com a filosofia persa e indiana. Regressou à Alexandria e, aos 40 anos, estabeleceu-se em Roma. Desenvolveu as doutrinas aprendidas de Amônio numa escola de filosofia com seletos grupos de alunos. Pretendia fundar uma cidade chamada Platonópolis, baseada nos ensinamentos da República de Platão. Plotino dividia o universo em três hipóstases: o Uno, o Nous (ou mente) e a alma. (Nota da **IHU On-Line**)

7 Aristóteles de Estagira (384 a.C.-322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas - por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega - acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

nossa visita a Maturana,⁸ Morin⁹ e à teoria da complexidade.

IHU On-Line - De que maneira o conceito de noosfera de Teilhard de Chardin contribui metodologicamente para compreendermos a Miatização como um novo modo de ser?

Pedro Gilberto Gomes - Trabalhamos ainda mais no livro, depois de ter visto a questão da miatização na academia, centramos-nos no pensamento de dois pensadores que foram profetas de seu tempo e perceberam coisas que estamos vendo hoje, um deles é Teilhard de Chardin. O livro da Miatização se centra a partir de uma perspectiva trazida pela obra de Chardin, chamada *O Fênomeno Humano* (São Paulo: Editora Cultrix, 1995), em que há uma visão a partir da complexidade e da consciência de que, quanto mais aumenta a população terrestre, mais a terra se comprime e cria-se uma película pensante.

Outro autor é o McLuhan,¹⁰ que fala da questão da aldeia global,

8 Humberto Maturana: biólogo chileno, criador da autopoiese e um dos inspiradores do pensamento sistêmico. (Nota da **IHU On-Line**)

9 Edgar Morin (1921-): sociólogo francês, autor da célebre obra *O Método*. Os seis livros da série foram tema do *Ciclo de Estudos sobre "O Método"*, promovido pelo IHU em parceria com a Livraria Cultura de Porto Alegre em 2004. Embora seja estudioso da complexidade crescente do conhecimento científico e suas interações com as questões humanas, sociais e políticas, se recusa a ser enquadrado na sociologia e prefere abarcar um campo de conhecimentos mais vasto: filosofia, economia, política, ecologia e até biologia, pois, para ele, não há pensamento que corresponda à nova era planetária. Além de *O Método*, é autor de, entre outros, *A religião dos saberes*. *O desafio do século XXI* (Bertrand do Brasil, 2001). Confira a edição especial sobre esse pensador, intitulada *Edgar Morin e o pensamento complexo*, de 10-09-2012, disponível em <http://bit.ly/ihuon402>. (Nota da **IHU On-Line**)

10 Herbert Marshall McLuhan (1911-1980): sociólogo canadense. Fez, em suas obras, uma crítica global de nossa cultura, apontando o fim da era do livro, com o domínio da comunicação audiovisual. Seus principais livros são *A galáxia de Gutenberg* (1962) e *O meio é a mensagem* (1967). Confira a edição 357 da **IHU On-Line**, de 11-04-2011, intitulada 100 anos de McLuhan: um teórico de vanguarda, disponível em <http://bit.ly/oZJlrh>. (Nota da **IHU On-Line**)

começando pela ideia de tribalização, que foi o primeiro movimento dos humanos em função do gregarismo; depois fala da destribalização em função da escrita, que chega ao seu auge com a invenção do alfabeto, afinal não existe nada mais fragmentador e fragmentado que o alfabeto - essa radical divisão não está diretamente relacionada à escritura, porque sabemos que a escritura inicialmente era feita por meio de símbolos; e, por fim, com a eletricidade e o rádio, McLuhan passou a sustentar que estaríamos vivendo uma retribalização, mas não de pequenas aldeias, senão de âmbito global, isto é, voltamos à tribo não como um retorno saudosista, mas à tribo como aldeia global.

“
O grande desafio é entender que o ser humano de hoje é diferente do ser humano de ontem

Em um primeiro momento após a publicação de suas obras, houve um boom do pensamento de McLuhan e depois ele começou a ser criticado, com a divisão da história dos meios de comunicação em quentes e frios, onde o meio quente não permite participação e o meio frio permite mais participação. No século XXI, lendo seus textos, podemos perceber que várias de suas intuições estão muito presentes em nossas sociedades. Na base do pensamento de McLuhan estava Teilhard de Chardin, sobretudo no argumento de que os meios de comunicação são mais do que veículos de entretenimento e informação e são, também, extensões tecnológicas dos seres humanos que expressam a evolução do ser humano e da sociedade. Temos hoje uma “glotribalização”. Vale

lembrar Joel Rosnay,¹¹ autor de *O Homem simbiótico* (Petrópolis: Vozes, 1997), publicado na década de 1970, que sustenta que a sociedade involucreada forma um supercêrebro. Então toda essa visão unificada é como um cérebro, com a diferença que, ao passo que as células do cérebro humano cumprem uma função química, não têm pensamento, as células do supercêrebro são moléculas pensantes, porque são seres humanos.

IHU On-Line - Como a ecologia comunicacional inaugura uma nova ecologia social?

Pedro Gilberto Gomes - Essa é a grande questão, o problema do novo modo de ser no mundo. A sociedade se estrutura a partir dessa nova realidade em que todas as coisas ficam unidas em relações de modo complexo, com inter-relações e interconexões, estabelecendo uma nova ambiência que tem incidência no modo de ser das pessoas.

Elson Faxina - É preciso entender que as tecnologias não são aparatos distantes, estanques, que funcionam de forma isolada da pessoa, elas são exatamente a concretização de uma ampliação desejada do ser humano, seja superando limites físicos, seja criando um novo tempo e um novo espaço. Essas tecnologias ampliam o alcance de meus braços, pernas e, fundamentalmente as da comunicação, eliminam as distâncias e outros obstáculos até então impostos. Isso significa viver num ambiente social completamente novo, em que as prioridades são alteradas porque os modos de estar-juntos mudaram. Nesse contexto, as maneiras de compreender e acessar a política, a economia, a cultura, a religião, de se informar e se entreter passam por enormes transformações. Por isso dizemos que vivemos em uma nova sociedade.

11 Joël Rosnay: escritor científico e biólogo molecular francês, pesquisador no Massachusetts Institute of Technology, nos EUA. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - De que ordem são os desafios para compreendermos o contexto social em que estamos inseridos, onde as tecnologias são, também, parte da constituição humana e de suas relações?

Elson Faxina - O grande desafio é entender que o ser humano de hoje é diferente do ser humano de ontem, e não apenas por uma evolução humana natural, mas essencialmente pelas conexões trazidas pelas novas tecnologias. Elas se tornaram as novas estradas, novos transportes, novas salas de estar, novos bares, novos lugares de reunião, novos espaços de aprendizagem e, não raramente, novos ombros de consolo, novos confesionários e divãs. Em decorrência, surge um novo ser humano, porque sonha, deseja, pensa, age e se realiza de forma diferente. O pensar desse novo ser humano não é mais um processo inicialmente intelectual para depois ir à prática, é um processo misto, como se pensássemos com os dedos. Se o que fiz não valeu, não ficou bom, delete e refaça uma, duas, dez vezes se necessário, inclusive com menos tempo do que exigia o processo anterior para fazer a primeira vez. O refazimento é a prática do pensar hoje.

Portanto, mais do que incensar e até desejar o retorno de um ambiente do passado, num modo saudosista, quase idílico - aliás, que existe muito mais no sonho do passado do que no real vivido -, devemos estar imersos nesse novo modo de ser e estar no mundo, em que essas tecnologias se tornaram nossas extensões - as extensões de nossas nervuras, como dizia McLuhan - para então entender as novas formas de realização humana, de sonhos de felicidade.

IHU On-Line - De que maneira poderia ser possível resolver o paradoxo de que nossas sociedades evoluíram exponencialmente em termos tecnológicos, mas parecem continuar indigentes em termos éticos?

Elson Faxina - O livro não faz e nem se propõe a fazer essa análise

comparativa entre esses dois fenômenos, que por ora parecem incongruentes, mas aponta os desafios de se compreender essa sociedade complexa que surge com essa evolução tecnológica. E um dos maiores desafios para esta nova sociedade é, necessariamente, a questão da ética. Quando as coisas tinham fronteiras mais claras, quando as comunidades, os lugares de imersão social eram palpáveis, quando o real e o virtual eram fenômenos completamente distintos, era mais fácil estabelecer fronteiras entre a ética e a não-ética. Mas agora que o concreto e o abstrato, o palpável e não palpável, o físico e o virtual se mesclam de forma exuberante, o ético e o não-ético parecem perder a dimensão que se tinha antes.

Novas Tecnologias e o problema ético

Fato é que as novas tecnologias fizeram eclodir os desejos de onipresença e de diferenciação individual que sempre estiveram em nós, dando vazão inclusive a certos comportamentos narcísicos. Hoje importa mais o 'estar' do que o 'como estar' na mídia, seja ela a tradicional, as redes sociais ou apenas as conectivas. O estar ausente da mídia gera um sentimento de 'não ser'. Portanto, o não ser é muito pior do que o ser criticado. O antigo adágio "fale bem ou fale mal, mas fale de mim" nunca foi tão assertivo como agora.

Para esta nova sociedade a ética não tem mais a importância que tinha antes. Ela é uma possibilidade, um desejo, uma busca, mas...

Isso preocupa, mas não é o fim do mundo. O problema ético sempre foi o calcanhar de Aquiles da humanidade. Entendo que, com o aflorar desse novo ambiente social, em que tudo parece possível, ao nosso dispor, os primeiros desejos que afloram e ganham corpo são, naturalmente, os do instinto. Mas não tenho dúvidas de que os demais desejos - de realização social, de harmonia, de convivência, de vincular-se ao outro como forma de realização do eu etc. - virão na se-

quência. Ainda vivemos a primeira infância dessa nova sociedade, agora mediatizada ou em processo de mediatização. Será necessário esperar o aflorar da juventude desse novo modo de ser, e depois a maturidade, não sem antes passar pela adolescência. Esperar não significa aguardar, mas acreditar e se engajar para que isso aconteça. Se não nos dedicarmos a isso, corremos o risco de termos uma sociedade vivendo eternamente na primeira infância, povoada de ingenuidades e de conhecimentos meramente instintivos, superficiais.

Portanto, mais do que criticar esta nova sociedade, devemos arregaçar as mangas na busca de experiências éticas de fácil absorção, com práticas querigmáticas, ritualísticas, acessíveis. Até agora tratamos muito a ética como uma reflexão cuja compreensão estava ao alcance de poucos, distante dos menos letrados, embora quase sempre são eles os que têm os melhores exemplos de comportamento ético. Hoje precisamos aterrissar esse conceito às práticas cotidianas. Ou seja, assim como se acessa uma tecnologia "pensando com os dedos", a compreensão do que é ético deverá seguir o mesmo preceito. Isto é, passar antes pela experiência pessoal e coletiva. Talvez esta seja uma marca deste novo ambiente social: a teoria vem depois da prática. Ou ainda, a teoria é resultado prático da experiência vivida que, ao ser revivida, é pensada.

Como vivemos em uma sociedade em que o parecer e o aparecer - usando conceitos de Michel Maffesoli,¹² em seu livro *No fundo*

¹² **Michel Maffesoli**: sociólogo francês. Leciona na Sorbonne - Paris V, é diretor do Centro de Estudos sobre o Atual e o Quotidiano (CEAQ) e edita a revista *Sociétés*. Escreveu inúmeros livros importantes para a compreensão da mutabilidade social moderna e pós-moderna, como *A conquista do presente* (Rio de Janeiro: Rocco, 1984); *A contemplação do mundo* (Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1995); *A transfiguração do político: a tribalização do mundo* (Porto Alegre: Sulina, 1997); *Lógica da dominação* (Rio de Janeiro: Zahar, 1978); *Moderno e pós-moderno* (Rio de Janeiro: UERJ, 1994). A edição 162 da IHU On-Line, de 31-10-2005, publicou uma entrevista exclusiva com Maffesoli sob o

das aparências (Petrópolis: Vozes, 1996) - existem inclusive à revelia do ser e do existir, precisamos exercitar a prática da ética para além do ser estável e da existência concreta. Creio que a prática a ser acessada, experimentada aqui é o exercício da empatia, que é o alicerce do pensar ético.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Elson Faxina - Embora o livro não se dedica a fazer nenhuma análise de processos comunicacionais específicos, ele nos permite entender o verdadeiro reboio que essas novas tecnologias criam no interior das pessoas e das sociedades. Um exemplo é o excesso de informações que essas tecnologias da comunicação, especialmente as mídias sociais, produzem. Isso leva a um volume quase indigesto de dúvidas, gerando uma natural instabilidade individual e, portanto, social, clamando por explicações

título *Culturas locais estão sendo revalorizadas*, disponível em <http://migre.me/69ujD>. Leia também "A política moderna não tem mais sentido", disponível em <http://bit.ly/ihu230414>. (Nota da **IHU On-Line**)

totalizantes, palpáveis, de fácil compreensão. De um modo geral, isso leva o indivíduo a filtrar, acessando apenas as informações que lhe dão estabilidade, aquelas que reforçam o que ele já pensa. E, nesse contexto, interessa menos a informação, as diferentes verdades sobre um mesmo fato, e mais a sua interpretação, o comentário, a opinião.

O problema é que a opinião é um atalho perigoso para o conhecimento, porque ela pode prescindir de outras verdades, e esse é um terreno propício à intolerância, ao fascismo, o que é muito comum depois de grandes transformações epocais, como esta que estamos vivendo. Hoje não temos tempo de ler e refletir sobre tudo e, em decorrência, pensamos a partir de manchetes e não da análise dos conteúdos, dos diferentes pontos de vista. E um pensamento de manchete é naturalmente excludente, porque ele precisa fazer um recorte, se firmar em algo para chamar a atenção.

Um exemplo claro surge nesses tempos de *impeachment*, de ope-

ração Lava Jato, onde sobejam conclusões que não resistem a uma segunda linha de leitura, a um segundo argumento distinto. Em decorrência, estamos esgueirando os limites da intolerância, do fascismo, do clamor por justiceiros, mais do que por Justiça. Para usar a imagem que criei da primeira infância que estaríamos vivendo, é como se permitíssemos a essa criança brincar com faca. Mas, ainda assim, creio que a solução está mais em dialogar com essa "criança", do que proibi-la de usar os artifícios em seu entorno.

Por isso, há que se dar tempo ao tempo. Esses momentos confusos, em que predominam os comportamentos de manada, levarão a um cansaço, porque em última instância cada ser humano não quer ser massa, quer ser indivíduo, reconhecido como único, e é nessa forma de "individação" desejada que devemos canalizar nossas energias. Precisamos começar a apostar nessas tecnologias também como espaços de multiplicação de informações que a velha mídia sempre omitiu e, estranhamente, continua omitindo. ■

LEIA MAIS

- *Um projeto para o nosso tempo*. Artigo de Pedro Gilberto Gomes publicado nas **Notícias do Dia**, de 19-3-2011, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2goQc2V>.
- *A nova versão do meio como mensagem*. Entrevista especial com Pedro Gilberto Gomes publicada na revista **IHU On-Line**, nº 357, de 11-4-2011, disponível em <http://bit.ly/2gH9PUq>.
- *A tecnologia digital está colocando a humanidade num patamar distinto*. Entrevista especial com Pedro Gilberto Gomes publicada na revista **IHU On-Line**, nº 289, de 13-4-2009, disponível em <http://bit.ly/2gcdLsK>.
- *O impacto da midiatização na sociedade latino-americana*. Entrevista especial com Pedro Gilberto Gomes publicada nas **Notícias do Dia**, de 30-8-2008, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2fZrhCv>.
- *Processo de midiatização: da sociedade à Igreja*. Entrevista especial com Pedro Gilberto Gomes publicada nas **Notícias do Dia**, de 18-11-2007, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2gtPIG6>.
- *Processos Midiáticos e Construção de Novas Religiosidades*. **Cadernos IHU ideias**, edição nº 8, disponível em <http://bit.ly/2gtMAdl>.
- *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema*. **Cadernos IHU ideias**, edição nº 12, disponível em <http://bit.ly/2gHaTro>.



15
ANOS

Ouse pensar
o que ninguém pensou.

ihu.unisinos.br

agex.com



JESUÍTAS BRASIL

UNISINOS

Somos infinitas possibilidades

IHU ON-LINE



INSTITUT
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Tema de Capa

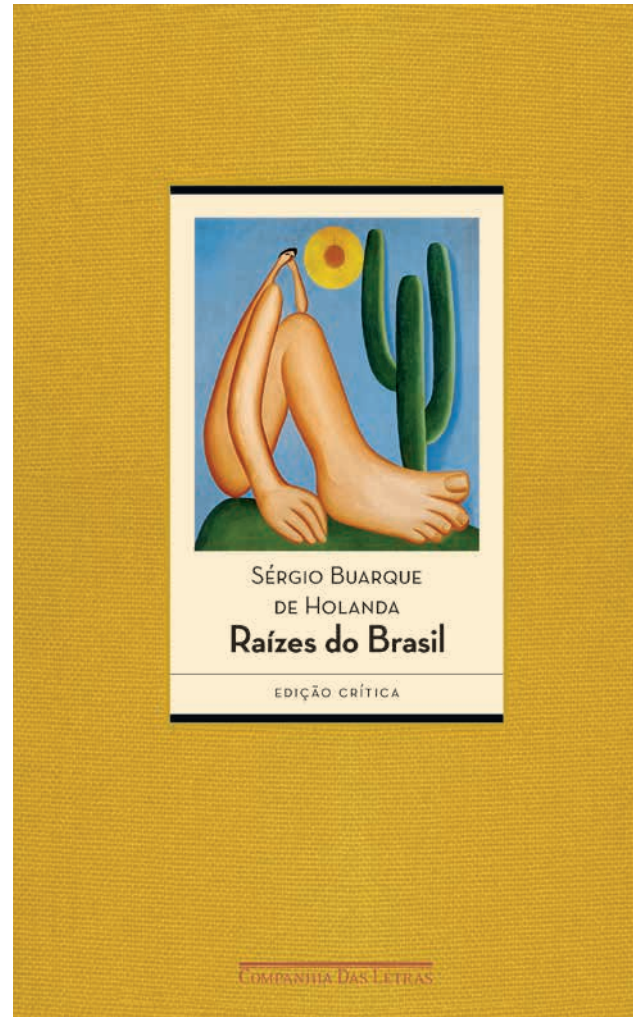
Raízes do Brasil

De autoria do historiador brasileiro Sérgio Buarque de Holanda, o livro *Raízes do Brasil* foi publicado originalmente pela Editora José Olympio em 1936. O próprio autor vai submetendo o livro a revisões que dão origem a novas edições. A primeira revisão, de 1948, é a que traz mais modificações ao texto original. A última mudança, aprovada por Holanda, foi em 1969. O livro também foi traduzido e editado em italiano (1954), espanhol (1955) e japonês (1971, 1976), bem como em alemão e em francês.

Raízes do Brasil aborda aspectos centrais da história da cultura brasileira. O texto consiste em uma macrointerpretação do processo de formação da sociedade brasileira. A tese central é a de que o legado personalista da experiência colonial constituía um obstáculo, a ser vencido, para o estabelecimento da democracia política no Brasil. Destaca, nesse sentido, a importância do legado cultural da colonização portuguesa no Brasil e a dinâmica dos arranjos e adaptações que marcaram as transferências culturais de Portugal para a sua colônia americana.

O autor, com sua capacidade de se referir com grandeza de detalhes às relações que os habitantes de épocas diversas do Brasil tinham entre si e com o meio, tenta mostrar as transformações (ou continuidades) das subjetividades desde o período colonial até a época da publicação do livro.

Como parte das celebrações dos 80 anos da primeira publicação, agora em 2016, a editora Companhia das Letras preparou uma nova edição comentada da obra. Além de recuperar a célebre apresentação de Antonio Candido, que toma o livro como “um clássico de nascença”, a edição busca reconstituir os passos de Holanda no processo de revisão a que se submete seu texto.



Edição comemorativa de 80 anos de *Raízes do Brasil*. Imagem: Companhia das Letras

Quem foi Sérgio Buarque de Holanda

Historiador brasileiro, também crítico literário, jornalista e um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores - PT, nasceu em São Paulo em 11 de julho de 1902. Faleceu em abril de 1982. Viveu e estudou em São Paulo até 1921, quando se muda com a família para o Rio de Janeiro. Lá, participou do movimento Modernista de 1922 em meio a figuras como Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Formou-se pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuou como jornalista no *Jornal do Brasil*, seguindo para Berlim, como correspondente, nos anos 1929-1931.



Sérgio Buarque de Holanda/Imagem: Universidade Federal Fluminense – UFF

De volta ao Brasil no começo dos anos 30, continuou a trabalhar como jornalista. Em 1936, obteve o cargo de professor assistente na Universidade do Distrito Federal. Neste mesmo ano, casou-se com Maria Amélia de Carvalho Cesário Alvim, com quem teve sete filhos: Sérgio, Álvaro, Maria do Carmo, além dos músicos Ana de Hollanda, Cristina Buarque, Heloísa Maria, a Miúcha, e Chico Buarque.

Em 1946, voltou a residir em São Paulo, para assumir a direção do Museu Paulista, cargo que ocuparia até 1956. Em 1948, passou a lecionar na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, na cátedra de História Econômica do Brasil. Ainda viveu na Itália entre 1953 e 1955, onde esteve a cargo da cátedra de estudos bra-

sileiros da Universidade de Roma. Em 1958, assumiu a cadeira de "História da Civilização Brasileira", agora na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP. A partir de 1960, passou a coordenar o projeto da "História Geral da Civilização Brasileira". Em 1962, assumiu a presidência do recém-fundado Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Entre 1963 e 1967, foi professor convidado em universidades no Chile e nos Estados Unidos e participou de missões culturais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura em Costa Rica e Peru. Em 1969, num protesto contra a aposentadoria compulsória de colegas da USP pelo então vigente regime militar, decidiu encerrar a sua carreira docente.

BIBLIOGRAFIA

Confira mais algumas publicações importantes de Sérgio Buarque de Holanda

- Cobra de Vidro. São Paulo, 1944.
- Monções. Rio de Janeiro, 1945.
- Expansão Paulista em Fins do Século XVI e Princípio do Século XVII. São Paulo, 1948.
- Caminhos e Fronteiras. Rio de Janeiro, 1957.
- Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo, 1959.
- Do Império à República. São Paulo, 1972. (História Geral da Civilização Brasileira, Tomo II, vol. 5).
- Tentativas de Mitologia. São Paulo, 1979.
- O Extremo Oeste (obra póstuma). São Paulo, 1986.
- Livro dos Prefácios. São Paulo, 1996. (coletânea de prefácios escritos pelo autor)



Educação, indivíduo e biopolítica: a crise do governo

Dora Lilia Marín-Díaz

"Os procedimentos de exercitação usados pelos humanos há muitos séculos, para tentarmos saber de nós mesmos e aperfeiçoarmos nossos modos de existência, adotaram novas formas em função dos propósitos de sucesso e felicidade que aparecem como centrais nas formas de governo neoliberal."

#cadernosIHUideias

Acesse:

ihu.unisinos.br/publicacoes/cadernos

O moderno pactuou com o atraso e a civilidade, com a cordialidade

A trajetória do PT e as ações da Lava Jato, segundo o sociólogo Werneck Vianna, representam, na atualidade, a cordialidade e a civilidade expostas em *Raízes do Brasil*

Por Patricia Fachin

Raízes do Brasil é um clássico não porque reflete sobre o Brasil dos anos 30, mas porque é uma obra “aberta”, que tem sido “recepcionada de forma diferente” a cada geração, e que tenta compreender o Brasil a partir das tensões entre cordialidade e civilidade, que parecem permear a sociedade brasileira desde o início da sua história. Aliás, diz o sociólogo Werneck Vianna, “quem começou esse tipo de leitura de Raízes do Brasil como obra aberta foi o próprio autor, que ao longo do tempo foi revisitando, corrigindo e revisando sua obra. Ele deixou esse caminho, essa pista para que as gerações futuras pudessem interpretar a obra a seu modo”.

Em um exercício de compreender a atualidade de Raízes do Brasil, o sociólogo sugere que a atualização mais contemporânea da obra pode ser identificada na “ação da Lava Jato”, “que atua no sentido de ser um investimento contra a nossa tradição de cordialidade”, porque os “principais personagens” dessa Operação, diz, fazem parte do “movimento americanista, uma categoria com a qual o Sérgio Buarque trabalha, que estariam em oposição à Ibéria, à cordialidade”. E acrescenta: “Eu diria que o alvo principal da Lava Jato é esse de romper com o patrimonialismo, entre essas relações entre Estado e mercado, Estado e interesses, essas relações cordiais e não civis entre os empresários e os dirigentes políticos do Estado”.

Werneck Vianna pontua ainda que embora Raízes do Brasil aluda a uma civilidade que “prometeria uma sociedade mais impessoal, igualitária, menos patrimonialista”, “a cordialidade permanece, independentemente da obra, como uma presença no nosso enredo, nas nossas estruturas políticas, na nossa cultura, na nossa mentalidade, na nossa formação, a um ponto tal que se pode perguntar se ela é de fato erradicável de tudo”. E conclui: “Eu diria que de todo, a cordialidade não é suprimível entre nós, e o que quer que venhamos a fazer conosco e com a nossa história, ela vai persistir como presente porque ela é uma marca desde o nosso nascimento”.

Luiz Werneck Vianna é professor-pesquisador na Pontifícia Universidade Católica - PUC-Rio. Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo, é autor de, entre outras obras, A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil (Rio de Janeiro: Revan, 1997); A judicialização da política e das relações sociais no Brasil (Rio de Janeiro: Revan, 1999); e Democracia e os três poderes no Brasil (Belo Horizonte: UFMG, 2002). Sobre seu pensamento, leia a obra Uma sociologia indignada. Diálogos com Luiz Werneck Vianna, organizada por Rubem Barboza Filho e Fernando Perlatto (Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012).

Confira a entrevista.



Creio que ele comporia o tema do nacional-desenvolvimentismo na chave da cordialidade, na chave da Ibéria, do atraso. Não creio que ele valorizasse isso de forma alguma

IHU On-Line - Que leitura o senhor faz de Raízes do Brasil? Que Brasil é apresentado nessa obra que foi publicada há 80 anos?

Luiz Werneck Vianna - Neste ano a Companhia das Letras fez uma edição crítica de *Raízes do Brasil*, que é uma referência. Um aspecto que me chama atenção é de que *Raízes do Brasil* não deixa de ser uma obra aberta no sentido de que cada geração a tem recepcionado de forma diferente. Aliás, quem começou esse tipo de leitura de *Raízes do Brasil* como obra aberta foi o próprio autor, que ao longo do tempo foi revisitando, corrigindo e revisando sua obra. Ele deixou esse caminho, essa pista para que as gerações futuras pudessem interpretar a obra a seu modo.

Raízes do Brasil é um clássico, um marco, mas que foi escrito em um momento muito particular do Brasil e do mundo. Sérgio Buarque começa a redigir a obra na Alemanha, sob a influência da teoria social e política que lá se cultivava. Na primeira versão da obra, ele mantinha uma posição de reserva quanto ao liberalismo. No Brasil estamos nas circunstâncias do levante de 1935¹, da emergência do integralismo², de muita radica-

lização na política brasileira, que levou logo depois ao Estado Novo, cujo autoritarismo despertou uma nova animação nas concepções liberais de que Sérgio Buarque vai se se tornar um exemplo.

Cordialidade X Civilidade

Assim, em 1948 Sérgio Buarque revisou a obra em aspectos cruciais, mas, de qualquer forma, ele não suprimiu a ambiguidade que lhe é constitutiva quanto ao tema da cordialidade. A cordialidade seria algo a ser valorizado, um caráter nacional a ser preservado, uma singularidade importante do país e, de outra parte, seria algo que nos limita e nos distancia da impessoalidade e da civilidade contemporânea. O advento da civilidade prometeria uma sociedade mais impessoal, igualitária, menos patrimonialista. Essa é a promessa que, no capítulo final, dedicado à “nossa revolução”, Sérgio Buarque sugere: a industrialização e a urbanização crescentes, de uma forma

dora, inspirada na Doutrina Social da Igreja Católica, teorizada por Charles Maurras no início do século XX. Essa ideologia expressa-se principalmente em círculos monárquicos. Inicialmente promovida pela Action Française seguindo depois a sua natural internacionalização, nomeadamente, com algumas diferenças entre si, através da Ação Integralista Brasileira e do Integralismo Lusitano entre outros. Entre vários aspectos defende o princípio de que uma sociedade só pode funcionar com ordem e paz, no respeito das hierarquias sociais, fundamentando-se para isso nas aptidões e nos méritos pessoais demonstrados (em oposição às doutrinas igualitárias saídas da Revolução Francesa, como o comunismo e anarquismo), e na harmonia e união social. (Nota da **IHU On-Line**).

lenta e processual, estariam minando o estatuto patrimonial que teria predominado na nossa formação e, com isso, ensejando a formação de uma sociedade dominada pelos padrões da civilidade.

Cordialidade vem do coração, cor, e isso seria a marca da personalização das relações sociais no Brasil, seria um traço da nossa resistência em mudar, em se tornar uma sociedade mais impessoal e regida pelas leis. A trama de Raízes do Brasil é essa, embora Sérgio Buarque não deixe de constatar e de valorizar, de certo modo, a cordialidade como uma forma nossa de ser - e essa é uma interpretação minha - que deveria ser preservada.

IHU On-Line - Contemporaneamente, como a obra tem sido reinterpretada?

Luiz Werneck Vianna - Essa discussão nas gerações posteriores passou a ser interpretada numa chave que ele mesmo permitia, da passagem do iberismo para o americanismo: a nossa formação ibérica, com o que havia de atrasado e personalista nela, estaria sendo ultrapassada por um processo de americanismo, que estaria mexendo com as suas raízes, as suas bases, prometendo uma sociedade moderna, diversa daquela com a qual nascemos.

Um traço ainda muito contemporâneo dessa apropriação ou dessa recepção de *Raízes do Brasil* está no próprio nascimento do Partido dos Trabalhadores, do qual Sérgio Buarque é um dos signatários, um dos intelectuais que manifestou publicamente apoio a esse partido, junto com outros, como Florestan Fernandes e Raymundo Faoro. Isso significaria o que nos idos das origens do PT? Significaria que o tema dos interesses, que é um tema caro da versão americanista, estaria se emancipando e se desvencilhando das estruturas políticas do Estado e com isso criando identidades a partir da própria sociedade civil. O PT nasce em oposição à consolidação das leis de trabalho, à ligação que havia entre Estado e sindicato,

¹ **Intentona Comunista:** também conhecida como Revolta Vermelha de 35, Revolta Comunista de 35, Levante Comunista, e Levantes Anti-Fascistas, foi uma tentativa de golpe contra o governo de Getúlio Vargas realizado em 23 de novembro de 1935 por militares, em nome da Aliança Nacional Libertadora, com apoio do Partido Comunista Brasileiro – PCB e do Comintern. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Integralismo:** Também denominado “nacionalismo integral”, é uma doutrina política de inspiração tradicionalista, ultraconserva-

em oposição ao nacional-desenvolvimentismo, que faria com que os setores subalternos, os trabalhadores, não fossem animados pela luta pelos seus interesses, assim conformando uma identidade própria, e fossem absorvidos por uma ideologia nacional, pelas estruturas estatais. Nesse sentido, há uma comunicação evidente entre esse enredo com que o PT nasce e algumas das inspirações originais em Raízes do Brasil.

Os vínculos com o patrimonialismo de Estado

Contudo, assim como a ambiguidade entre civilidade e cordialidade é presente na obra do Sérgio Buarque, tal ambiguidade não deixa de, por ironia, continuar presente entre nós. O fato é que apesar de o PT ter nascido com essa vocação de dissolver e destruir os vínculos existentes entre os setores subalternos e o Estado, mais à frente, por volta dos anos 1990, tais vínculos são restaurados, como se a nossa história se revoltasse contra um enredo que a desenraizasse de suas marmas de origem. E daí que, de oposição às consolidações das leis do trabalho, de oposição à presença do Estado na economia, de oposição a um projeto nacional popular, nacional-desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek a Jango, o PT se converte a essa agenda e reforça a consolidação das leis do trabalho, especialmente ao fazer com que as centrais sindicais viessem a se vincular às verbas originadas do imposto sindical, o que reforçou por cima, pelas centrais, as relações do sindicalismo com o Estado - embora não tenha sido algo direto, foi isso que aconteceu. Essa presença foi revitalizada e a unidade sindical, por exemplo, que era uma pedra de toque da consolidação das leis do trabalho, foi preservada, apesar do movimento originário do PT pela pluralidade no sentido de desvincular e dissociar o Estado das estruturas corporativas existentes e de apostar num sindicalismo que nascesse de baixo, e da auto-organização dos trabalha-

dores que deviam, nas suas contribuições voluntárias, via acordos coletivos, angariar recursos.

Esse é um momento - na equação que Sérgio Buarque estabelece entre cordialidade e civilidade - de reforço das estruturas que nos vinham da cordialidade, que nos vinham do mundo ibérico, desses vínculos com o patrimonialismo de Estado. Penso que esse enredo da nossa história, tal como ela tem se desenrolado, reproduz ainda as ambiguidades que a obra de 1936 já tinha notado e assinalado. É claro que mais à frente, nas edições revisadas, Sérgio Buarque vai tomando mais partido em nome da organização liberal da política, vai entendendo como negativa essa tradição patrimonial e cordial personalista, mas isso ficou como um ponto presente na nossa vida.

O combate e o retorno

“Cordialidade vem do coração, cor, e isso seria a marca da personalização das relações sociais no Brasil

da formação ibérica

Eu escrevi há uns cinco anos um pequeno ensaio cujo título é O Estado Novo do PT, no qual registro exatamente esse processo que estou assinalando nesta entrevista, de como esse moderno que vinha, essa América que vinha por força da industrialização, da urbanização e da emancipação dos interesses, isso tudo foi transtornado pelos dilemas presentes na sociedade brasileira, a um ponto tal que todo o movimento que nasce para combater uma certa tradição, que nasce para combater a tradição ibérica, para combater a cordialidade, aca-

ba por retrazer esses processos de forma subordinada na medida em que a intenção geral era a da liberação ao fim desse processo. Mas o fato é que, para se pôr em marcha esse projeto, o moderno pactuou com o atraso e a “civilidade pactuou com a cordialidade”.

Para tornar essa discussão ainda mais contemporânea, mais presente e de forma mais contundente, podemos identificar a ação da Lava Jato como essa grande presença nos dias atuais, atuando no sentido de remover a nossa tradição de cordialidade.

IHU On-Line - Então a Lava Jato é a tentativa atual de romper não só com a cordialidade, mas com o patrimonialismo presentes em nosso país?

Luiz Werneck Vianna - Eu concedi uma entrevista a você, da qual gostei muito³, em que eu falava do espírito de missão que mobiliza esses personagens da Lava Jato, e identificava esses personagens a partir de uma leitura das crenças religiosas que os animam. Esses homens não são homens da catolicidade, mas são homens da Reforma. Seus principais personagens são ligados à Igreja Batista, como é o caso do Dallagnol⁴. Nesse sentido, eles fariam parte desse movimento americanista, uma categoria com a qual o Sérgio Buarque trabalha, que estariam em oposição à Ibéria, à cordialidade. Acho esse um dado interessante para ser analisado, e que mostra

³ A entrevista mencionada pelo entrevistado foi publicada no sítio do IHU, em 14-03-2016, intitulada *A sociedade tradicional brasileira estrebucha com a intervenção cirúrgica no mundo da política*, disponível em <http://bit.ly/1Z9oaCu>. (Nota da IHU On-Line)

⁴ **Deltan Martinazzo Dallagnol** (1980): mais conhecido por Deltan Dallagnol, é procurador do Ministério Público Federal - MPF desde 2003 que ganhou notoriedade por integrar e coordenar a força-tarefa da Operação Lava Jato que investiga crimes de corrupção na Petrobras. Protestante da igreja Batista, é filho do procurador de justiça Agenor Dallagnol e formado em Direito pela Universidade Federal do Paraná - UFPR e realizou ainda mestrado em direito por Harvard. Dallagnol é especialista em crimes contra o sistema financeiro nacional e lavagem de dinheiro. (Nota da IHU On-Line)

bem a contemporaneidade das análises de Sérgio Buarque, ou seja, mostra exatamente como Raízes do Brasil permanece como uma obra aberta. Cada geração vai relendo-a do seu modo, de tal forma que podemos entender a Lava Jato como um canal através do qual o processo da civilidade se impõe sobre o da cordialidade.

Eu diria que o alvo principal da Lava Jato é esse de romper com o patrimonialismo, entre essas relações entre Estado e mercado, Estado e interesses, essas relações cordiais e não civis entre os empresários e os dirigentes políticos do Estado. Essas forças, ao que parece - está se mostrando agora -, tiveram um papel na montagem desse sistema. Basta ver as relações pessoais do ex-governador Sérgio Cabral⁵ com os empresários da construção civil. As cenas de comemoração disso em Paris, registradas pela imprensa, testemunham com muita força as relações cordiais de amizade entre esses negócios.

IHU On-Line - Nessa perspectiva de Raízes do Brasil ser uma obra aberta, que correções acertadas foram feitas pelo autor ao longo de sua revisão e em que aspectos ele não foi tão preciso em entender o Brasil e as relações brasileiras?

5 Sérgio de Oliveira Cabral Santos Filho [Sérgio Cabral] (1963): é um jornalista e político brasileiro filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Foi governador do Rio de Janeiro de 1 de janeiro de 2007 até 3 de abril de 2014, quando renunciou ao cargo. Foi considerado pela Revista Época um dos 100 brasileiros mais influentes de 2009. Filho do jornalista Sérgio Cabral (crítico de música e arte), um dos fundadores de O Pasquim, Sérgio Cabral Filho é jornalista formado pela Faculdade da Cidade (atual UniverCidade). Atualmente está preso no Complexo Penitenciário de Gericinó acusado de comandar um esquema de propina com diversas empreiteiras durante seu período como governador do Estado. Cabral é acusado de movimentar mais de 220 milhões de reais em contratos ilegais. A seção Notícias do Dia do sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, vem reproduzindo uma série de textos sobre a prisão de Cabral, a situação do Rio de Janeiro e os desdobramentos da Operação Lava-Jato. Acesse ihu.unisinos.br/noticias. (Nota da **IHU On-Line**)

Luiz Werneck Vianna - A revisão mais importante foi a que ele estabeleceu ao valorizar a cultura liberal, a partir da segunda edição da obra. Essa mudança foi muito bem percebida, valorizada e enfatizada pelo ensaísta Antonio Candido num trabalho famoso a respeito de Raízes do Brasil. Diz-se até, de modo provocador, que há um Raízes do Brasil que é mais obra de Antonio Candido do que de Sérgio Buarque. Mas o fato é que todas as alterações que o próprio Sérgio Buarque introduziu foram no sentido de valorizar a cultura da democracia política liberal.

“Podemos entender a Lava Jato como um canal através do qual o processo da civilidade se impõe sobre o da cordialidade

IHU On-Line - O que fez com que ele valorizasse o liberalismo e como o liberalismo é apresentado em Raízes do Brasil?

Luiz Werneck Vianna - Foi o tempo e os acontecimentos que levaram ao nazifascismo, à guerra e à mudança na cultura política. Na primeira edição ele cita Carl Schmitt, um teórico de matriz autoritária do constitucionalismo alemão, mas a menção a esse autor, nas edições subsequentes, é eliminada, quando Sérgio Buarque faz profissão de fé no liberalismo. Essa edição crítica da Companhia das Letras é muito interessante porque vai evidenciando para o leitor todo esse processo de mudanças e de recepção de como a obra foi recebida e vem sendo recebida. Eu, aqui nesta modestíssima entrevista, estou tentando situar que esse enredo continua, tal como o exemplo que fiz da Lava Jato.

IHU On-Line - Alguns dizem que a obra dele inclusive segue uma perspectiva neoliberal. O senhor também percebe esse acento em Raízes do Brasil?

Luiz Werneck Vianna - Neoliberal ele não é mesmo. Sérgio Buarque faz uma adesão liberal democrática no sentido americano de democrata.

IHU On-Line - E como ele pensa o Estado a partir dessa revisão e adesão ao liberalismo?

Luiz Werneck Vianna - Nessa revisão ele não chega a esses aspectos mais particulares. O problema dele passa a ser a formação autônoma da vontade política do brasileiro. Tanto é que mais à frente ele vai apoiar a fundação do PT. E com que pretensão? Com a pretensão de que se constituísse, embaixo, vontades autônomas, independentes do Estado, de modo que essas vontades encontrassem formas de organização na política, nos partidos - no caso, o PT -, e o conflito seria o de interesses, por concepções ideais, seria uma forma de a democracia brasileira avançar no plano da civilidade, rompendo com o patrimonialismo então reinante. Ele via a revolução brasileira como uma revolução lenta, molecular, a ser realizada ao longo do tempo.

IHU On-Line - Sobre a democracia brasileira, Sérgio Buarque chegou a dizer que ela era um “mal-entendido”. Que atualizações ele fez em relação a esse ponto e que atualizações ainda são possíveis de serem feitas nos dias de hoje?

Luiz Werneck Vianna - A questão que fica é a seguinte: em 1936, que é a primeira edição, para o autor a democracia é um mal-entendido. E a partir da segunda edição, de 1948, essa percepção é derrotada pelas próprias cogitações do autor, quando ele manifesta claramente seu compromisso com um processo de democratização do Brasil.

Ele acaba por entender que a democracia não é um mal-entendido, mas algo que precisa ser construí-

do; é um projeto das gerações vindouras, é um projeto permanente. Agora, não será fácil, dadas as nossas raízes. Essa é uma dialética complicada, mas enfim, a nossa dialética é complicada, porque nós nascemos da Ibéria e estamos numa trajetória em direção à América. Estamos fazendo ao longo do tempo essa trajetória, mas não em direção à América deles [norte-americana], mas à nossa América. E nesse particular há páginas em Sérgio Buarque que são magistrais de como, na prática da agricultura, por exemplo, os ibéricos colonizadores, de origem portuguesa, perceberam que o arado das terras, ao invés de ajudar o plantio e a colheita, prejudicavam, porque tiravam a riqueza do solo, e passaram a trabalhar a terra com práticas indígenas. Esses são momentos importantes e têm que ser analisados pela bibliografia, como num ensaio de Robert Wegner⁶, que se chama Doze anos que abalaram as Raízes do Brasil.

Agora, a cordialidade permanece, independentemente da obra, como uma presença no nosso enredo, nas nossas estruturas políticas, na nossa cultura, na nossa mentalidade, na nossa formação, a um ponto tal que se pode perguntar se ela é de fato erradicável de tudo. Eu diria, com a irresponsabilidade disso ser uma entrevista, que de todo, a cordialidade não é suprimível entre nós, e o que quer que venhamos a fazer conosco e com a nossa história, ela vai persistir porque ela é uma marca que nos veio do nosso nascimento. Como disse Tocqueville⁷ em *A democracia*

⁶ **Robert Wegner:** é graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná, mestre e doutor em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. É pesquisador da Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz, onde foi chefe do Departamento de Pesquisa entre 2005 e 2009. É professor do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde (COC/Fiocruz) desde sua criação, em 2001, e, atualmente, é seu Coordenador. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ **Alexis Carls Clerel de Tocqueville** (1805-1859): pensador político e historiador francês, autor do clássico *A democracia na América* (São Paulo: Martins Fontes, 1998-2000). (Nota da **IHU On-Line**)

na América, as nações, assim como os indivíduos, são fiéis às suas marcas de origem. E uma das nossas marcas de origem seria isso que chamamos de cordialidade, essas características de ações dominadas pelo afeto, pelo coração. O que não quer dizer que nós não devamos avançar no sentido de uma relação cada vez mais civil, de que a civilidade triunfe entre nós e que nós derrotemos o patrimonialismo. Mas nós não nascemos do mundo da Reforma; o nosso mundo é o da catolicidade. Como sustenta Rubem Barboza Filho⁸, aqui o mundo dos afetos importa muito e acho que essa é uma marca não suprimível. Essas ambiguidades estão na obra e ao mesmo tempo estão na vida. Aliás, elas só estão na obra porque estão na vida.

IHU On-Line - Então esse é o aspecto da obra que se mantém apesar das revisões feitas pelo autor, justamente porque é uma marca brasileira?

Luiz Werneck Vianna - Acho que é uma obra, ao contrário do que alguns autores dizem, que ficou permanente, é fonte de inspiração contínua e é um trabalho genial de tentar “pegar” por algumas categorias, por uma concepção ensaística, a natureza de um país. Sérgio Buarque foi muito feliz nessa caracterização, embora, como ele mesmo observou, em determinados momentos perdeu o fio, exagerou, e se deixou levar por teorias que já eram anacrônicas.

IHU On-Line - Em Raízes do Brasil é possível compreender que visão ele tinha do nacionalismo?

Luiz Werneck Vianna - Creio que ele comporia o tema do nacional-desenvolvimentismo na chave da

⁸ **Rubem Barboza Filho:** é graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora, mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais e doutor em Ciência Política (Ciência Política e Sociologia) pela Sociedade Brasileira de Instrução – SBI/IUPERJ. Atualmente é professor titular da Universidade Federal de Juiz de Fora. Tem experiência na área de Ciência Política, com ênfase em Pensamento Político Ibero-Americano. (Nota da **IHU On-Line**)

cordialidade, na chave da Ibéria, do atraso. Não creio que ele valorizasse isso de forma alguma.

IHU On-Line - No conjunto dos intérpretes do Brasil, que lugar essa obra ocupa?

Luiz Werneck Vianna - Um dos primeiros, junto com Gilberto Freyre, Caio Prado, a tríade do Antonio Candido. Mas o Sérgio Buarque não dava tanta importância a *Raízes do Brasil*. Ele achava que a importância da sua obra vinha de textos posteriores, como *Visões do Paraíso*⁹, os ensaios dedicados à passagem do Império à República. Mas os autores posteriores a ele o consagraram por *Raízes do Brasil* e, ao meu ver, com toda razão.

IHU On-Line - Que elementos da obra ainda podem nos ajudar a pensar o Brasil de hoje?

Luiz Werneck Vianna - Eu acho que a americanização, nesse sentido, é um processo nosso, lento, desigual, cujas raízes são diversas da dos Estados Unidos da América do Norte. Nós temos aí diferenças de matriz, de origem, e marcas de origem não são suprimíveis, dizia Tocqueville, seja nas nações ou nos indivíduos. Está aí a psicanálise para mostrar como isso acontece com os indivíduos, e as ciências sociais para mostrar como acontece com as nações, a partir de trabalhos clássicos, como o do próprio Tocqueville.

A obra é um ponto presente na nossa história. Sérgio Buarque manteve muita ambiguidade ao trabalhar os temas da cordialidade e da civilidade, e acho que nós, contemporâneos, leitores dele, e atores da cena contemporânea, continuamos trabalhando isso com ambiguidade.

IHU On-Line - Quais as razões dessa ambiguidade?

Luiz Werneck Vianna - São as dificuldades do mundo: nem tudo é

⁹ São Paulo: Brasiliense, 1999. (Nota da **IHU On-Line**)

claro ou escuro; há coisas que são claro-escuro. Há situações em que ainda não é noite, mas também ainda não é dia, são essas horas de mudança imperceptíveis, lentas. E essas mudanças são o foco da análise de Sérgio Buarque. A nossa revolução não vai ser catastrófica, ela é um processo longo. Nós estamos vivendo isso de forma atribulada, e agora conhecemos esse atropelo da Operação Lava Jato,

que tem a intenção de nos afastar de vez da matriz da cordialidade, da matriz patrimonial. Como um empreendimento radical isso é possível? Fica a pergunta. Isso não quer dizer que estou desqualificando essa intervenção. Ao contrário, eu a valorizo.

IHU On-Line - Essa intervenção é boa, positiva?

Luiz Werneck Vianna - Sim, é boa. Eu diria o que disse naquela entrevista que lhe dei¹⁰ - de que aliás gosto muito -, que a Operação Lava Jato é importante, mas ela sozinha não mudará nada. ■

10 A entrevista mencionada pelo entrevistado foi publicada no sítio do IHU, em 14-03-2016, intitulada *A sociedade tradicional brasileira estrebucha com a intervenção cirúrgica no mundo da política*, disponível em <http://bit.ly/1Z9oaCu>. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS

- *O nevoeiro persiste e as bolas de ferro nos pés nos mantêm no mesmo lugar*. Entrevista com Luiz Werneck Vianna, publicada no sítio do IHU, em 14-9-2016, disponível em <http://bit.ly/2gnjb3f>.
- *Brasil vive uma mudança epocal ao se despedir da política dos últimos 80 anos*. Entrevista com Luiz Werneck Vianna, publicada no sítio do IHU, em 25-4-2016, disponível em <http://bit.ly/2fvipjR>.
- *A sociedade tradicional brasileira estrebucha com a intervenção cirúrgica no mundo da política*. Entrevista com Luiz Werneck Vianna, publicada no sítio do IHU, em 14-3-2016, disponível em <http://bit.ly/2gnfQRJ>.
- *Luz amarela: chegou a hora de interpretar o Brasil com uma chave nova*. Entrevista com Luiz Werneck Vianna, publicada no sítio do IHU, em 3-11-2015, disponível em <http://bit.ly/2fy95Pv>.
- *Social-democracia é a única via para a política brasileira*. Entrevista com Luiz Werneck Vianna, publicada no sítio do IHU, em 3-7-2015, disponível em <http://bit.ly/2gGR7MH>.
- *Segundo governo Dilma. Guinada à direita? Não! Um 'cavalo de pau'*. Entrevista com Luiz Werneck Vianna, publicada no sítio do IHU, em 15-2-2015, disponível em <http://bit.ly/2fM5sDv>.
- *As alianças políticas, absolutamente necessárias, e seus limites*. Entrevista com Luiz Werneck Vianna, publicada no sítio do IHU, em 11-8-2012, disponível em <http://bit.ly/2gGLai>.

De
24 de abril
a
09 de junho
de 2017

EAD - Ciclo de Estudos
OS BIOMAS BRASILEIROS
E A TEIA DA VIDA



A necessidade de se reconhecer diante do espelho

Defensor da perspectiva nacionalista, Carlos Lessa vê na obra *Raízes do Brasil* um importante movimento de constituição da imagem do Brasil desde o próprio país

Por João Vitor Santos

“Se você vai para o espelho e não se vê no espelho, seu projeto de ‘eu’ não existe. Você começa esse processo se vendo no espelho”. É com essa analogia que o economista Carlos Lessa sintetiza a metodologia de Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*. Para o professor, o grande destaque da obra é gestar o pensamento nacionalista. Isso porque pensa a nação desde dentro da própria nação. “O livro de Sérgio é absolutamente atual porque resgata a ideia da nação. É um motivo pelo qual ele será valorizado pela novíssima geração que está chegando e que sabe que a globalização não leva o mundo ao paraíso”, diz Lessa, ao destacar porque é importante retomar o texto hoje.

Na entrevista a seguir, concedida por telefone à **IHU On-Line**, Lessa analisa que “nos últimos 20 ou 25 anos, houve uma espécie de ‘esquecer o Brasil’ em nome de um processo de globalização”. Porém, pelos movimentos que percebe no mundo hoje, acredita que esse processo de globalização tem chegado a seu limite. A consequência é que, no caso do Brasil, houve esse apagamento “sem que antes tivesse construído com clareza a ideia do seu projeto nacional”. Entretanto, reconhece: “qualquer jovem de 20 anos, hoje, olha o espaço do mundo como um espaço que está encolhendo”. Assim, comemora o que considera a retomada de um movimento que

quer recompor a sua própria percepção de nação. “A garotada que hoje tem menos de 20 anos vai pensar no Brasil como espaço de realização, ou não. Mas o simples fato de pensar vai colocar o Brasil de novo em pauta. Vamos assistir a uma reapresentação da ideia democrática em condições novas no Brasil. Sou otimista com relação ao futuro”, destaca.

Carlos Lessa é formado em Ciências Econômicas pela antiga Universidade do Brasil e doutor em Ciências Humanas pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas - Unicamp. Foi reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e presidente do BNDES. Ele não esconde seu apreço pessoal pela obra *Raízes do Brasil*. Endossa a importância dessa geração de intérpretes do Brasil na qual está Sérgio Buarque de Holanda, mas também revela sua relação pessoal com o autor. “O Sérgio, por acaso, é até irmão de um tio meu, casado com uma irmã de minha mãe. Também foi muito amigo de meu pai e, inclusive, o exemplar que tenho de *Raízes do Brasil* tem uma dedicatória para meu pai”, recorda.

A entrevista foi publicada nas Notícias do Dia de 22-11-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, e pode ser acessada em <http://bit.ly/2f2ED1w>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que leitura o senhor faz de *Raízes do Brasil*? O que representou para aquele momento em que a obra foi publicada pela primeira vez?

Carlos Lessa - Essa geração de Sérgio Buarque de Holanda, de Gilberto Freyre¹, entre outros, foi fortemente nacionalista. Foi uma geração para a qual convergiram duas grandes fontes de informação. Uma foi o positivismo ibérico, que, na versão brasileira, vem do Rio Grande do Sul, do partido dos republicanos do Rio Grande do Sul. E antes da proclamação da República já haviam levantado uma variedade de teses relevantes do ponto de vista da afirmação nacional. Por exemplo, a importância central do processo de industrialização, evitando a exportação do que chamamos hoje de produtos sem valor agregado. É o discurso de um cavaleiro que depois se tornou muito importante, chamado Getúlio Vargas², que, em 1906, saudou Afonso

Pena³, então eleito presidente da República, dizendo que o Brasil não deveria exportar minério de ferro e que também deveria deixar de importar ferramentas agrícolas.

Na época, a visão que se tinha do aço era para utilização na fabricação de trilhos para estradas de ferro e ferramentas agrícolas. Então, o Brasil importava ferramentas agrícolas e trilhos. É muito interessante porque já continha a ideia de integração industrial muito amadurecida. Esse primeiro vetor é muito, mas muito importante mesmo.

A segunda fonte foi uma revalorização da nossa formação histórica, porque havia uma espécie de tristeza pelo fato de o Brasil ser de formação portuguesa. Isso porque Portugal, no século XIX, esteve estagnado e entrou no século XX muito acabrunhado, era uma zona de decadência, e o Brasil não queria de maneira nenhuma estar associado a essa trajetória. Do ponto de vista intelectual, o Brasil valorizava enormemente sua latinidade pela França. Era uma verdadeira obsessão com a França e um tal de esconder Portugal. Aí uma geração inteira de intelectuais - Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e uma variedade grande de jovens daquela época - se põe a repensar o Brasil. Era muito essa ideia de buscar as raízes do Brasil. Havia, por parte de todos, a ideia de que as raízes brasileiras estariam na América pré-colombiana, na África e em Portugal. É assim que começa um processo de resgate do,

digamos, lado positivo da presença portuguesa na formação do Brasil.

Movimento antropofágico

Raízes do Brasil é um esforço sistêmico nessa direção. É muito parecido com o esforço de Gilberto Freyre e de uma quantidade grande de brasileiros daquela época que vão introduzir algo que hoje é conhecido pelo nome de antropofagia⁴, por causa de Oswald de Andrade⁵. É uma linha que se associa muito à ideia de aprofundar a leitura da presença portuguesa no Brasil, como é que os portugueses de adaptaram ao trópico, como conseguiram criar uma civilização no trópico. Nesse sentido, *Raízes do Brasil* está dentro desse grande movimento.

Esse movimento tem uma sub-questão que é muito curiosa: é pensar sempre onde está a ocupação do Brasil. Por que o Brasil é o que é? Por que o Brasil é tão grande e continental? Há, de um lado, quem defenda a ideia de que a ocupação foi feita pelo Nordeste, pelas entradas, da qual Capistrano

1 **Gilberto Freyre** (1900-1987): escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA) e o Prêmio Internacional La Madoninna, em 1969. Entre seus livros, citamos: *Casa grande & Senzala e Sobrados e Mocambos*. Sobre Freyre, confira o **Cadernos IHU** n° 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações*, disponível em <http://bit.ly/cadihu06>. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Getúlio Vargas [Getúlio Dornelles Vargas]** (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente da República nos seguintes períodos: 1930 a 1934 (Governo Provisório), 1934 a 1937 (Governo Constitucional), 1937 a 1945 (Regime de Exceção) e de 1951 a 1954 (Governo eleito popularmente). Recentemente a **IHU On-Line** publicou o Dossiê Vargas, por ocasião dos 60 anos da morte do ex-presidente, disponível em <http://bit.ly/1naoZMX>. A **IHU On-Line** dedicou duas edições ao tema Vargas, a 111, de 16-08-2004, intitulada *A Era Vargas em Questão - 1954-2004*, disponível em <http://bit.ly/ihuon111>, e a 112, de 23-08-2004, chamada *Getúlio*, disponível em <http://bit.ly/ihuon112>. Na edição 114, de 06-09-2004, em <http://bit.ly/ihuon114>, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista *O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista*, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26-08-2004, Juremir Machado da Silva, da PUC-RS, apresentou o **IHU**

ideias Getúlio, 50 anos depois. O evento gerou a publicação n° 30 dos **Cadernos IHU ideias**, chamada *Getúlio, romance ou biografia?*, disponível em <http://bit.ly/ihuid30>. Ainda a primeira edição dos **Cadernos IHU em formação**, publicada pelo IHU em 2004, era dedicada ao tema, recebendo o título *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*, disponível em <http://bit.ly/ihuemo1>. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Afonso Augusto Moreira Pena** (1847-1909): foi um político brasileiro membro do Partido Republicano Mineiro eleito deputado federal, governador do estado de Minas Gerais, vice-presidente e presidente do Brasil entre 15 de novembro de 1906 e 14 de junho de 1909, data de seu falecimento. Antes da carreira política, foi advogado e jurista. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Antropofagia**: é um ato ritual de comer uma parte ou várias partes de um ser humano. Os povos que praticavam a antropofagia a faziam pensando que, assim, iriam adquirir as habilidades, força e virilidade do prisioneiro. O sentido etimológico original da palavra "antropófago" (do grego *anthropos*, "homem" e *phagein*, "comer") foi sendo substituído pelo seu uso comum, que designa o caso particular de canibalismo na espécie humana. Por sua realização em contexto mágico cerimonial ou patológico, não deve ser classificada ou compreendida como um hábito alimentar, o que não se aplica ao canibalismo, na maioria das vezes associado ao comportamento predatório. Observa-se também que muitos autores utilizam esses termos indistintamente. Entretanto, o entrevistado aqui refere antropofagia no sentido do Movimento Antropofágico: manifestação artística brasileira da década de 1920. Baseado no Manifesto Antropófago, escrito por Oswald de Andrade, o movimento antropofágico brasileiro tinha por objetivo a deglutição da cultura norte-americana e europeia. Foi certamente um dos marcos do modernismo brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Oswald de Andrade** (1890-1954): poeta, romancista e dramaturgo. Nasceu em São Paulo e estudou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Sua poesia é precursora do movimento que marcou a cultura brasileira na década de 1960, o concretismo. (Nota da **IHU On-Line**)

de Abreu⁶ é o grande historiador. É um historiador sem evidências, afinal as evidências são muito pequenas, os registros são muito insuficientes, mas há toda uma enorme reflexão dele de que as entradas abriram caminho para as ocupações do que hoje nós chamamos de Brasil Central. Já Sérgio Buarque vê um movimento de ocupação do Brasil Central muito a partir de São Paulo, das colônias portuguesas em São Paulo.

Assim, há no Sérgio Buarque duas dimensões muito interessantes: a primeira é o fato de ele ser membro de um rigoroso movimento de repensar o Brasil ou de pensar o Brasil como Brasil. E a outra é um forte e inequívoco sentimento de que São Paulo é o coração do processo de ocupação do Brasil.

IHU On-Line - Como Sérgio de Holanda pensa esse positivismo que o senhor coloca? Pode-se falar em contraposição?

Carlos Lessa - Não. Ele não contrapõe, e sim desdobra a ideia. A ideia é sempre um sonho de fazer um Brasil. Então, você faz o Brasil com dois movimentos: um de resgate, tipificação, definição e conceituação de sua identidade, que é onde está o papel do *Raízes do Brasil*, e o outro é a relação de um sonho de futuro. O sonho de futuro atravessa poderosamente a geração de Sérgio Buarque, de meu pai, de Gilberto Freyre. E é a geração que repensa o Brasil. Sérgio Buarque é o que podemos denominar como cria desse sonho positivista. Nunca examinei o Sérgio pelas suas raízes filosóficas e ontológicas, mas penso que é bastante provável que ele conhecesse muito as ideias positivistas, que a geração dele toda conhecia.

IHU On-Line - Em que medida o texto se mantém atual, capaz

6 João Capistrano de Abreu (1853-1927): um dos primeiros historiadores brasileiros, produziu ainda nos campos da etnografia e da linguística. A sua obra é caracterizada por uma rigorosa investigação das fontes e por uma visão crítica dos fatos históricos. (Nota da **IHU On-Line**)

de iluminar as questões de fundo presentes no Brasil de hoje?

Carlos Lessa - Sobre as questões de fundo, tem uma que é a questão do resgate da identidade nacional brasileira. Na verdade, o resgate intelectual já foi feito, mas foi deixado de lado. Se prestarmos atenção, veremos que o Brasil dos últimos 20 anos mergulhou no sonho da globalização sem que antes tivesse construído com clareza a ideia do seu projeto nacional. É como se a ideia de projeto nacional tivesse sido deixada de lado.

Nesse sentido, o livro de Sérgio é absolutamente atual, porque resgata a ideia da nação. É um motivo pelo qual ele será valorizado pela novíssima geração que está chegando e que sabe que a globalização não leva o mundo ao paraíso, e que, por conseguinte, não existe um espaço no mundo à disposição dela. Só que o Brasil, para essa geração, é muito pouco conhecido. Penso que clássicos do debate e da reflexão sobre o Brasil ainda vão ser muito lidos, e, entre eles, está *Raízes do Brasil*.

IHU On-Line - Qual é o projeto de nação que *Raízes do Brasil* inspira?

Carlos Lessa - Em *Raízes do Brasil* não existe um projeto de nação, há uma explicitação de uma nação. Está dizendo que há uma nação em formação nos trópicos e que a presença portuguesa foi decisiva para isso. É isso que faz o livro, como todos que mergulham na formação brasileira. Mas, é importante destacar, ele é um dos pioneiros nesse mergulho.

IHU On-Line - E a partir dessa ideia de nação que explicita, que projeto somos inspirados a pensar?

Carlos Lessa - Se você vai para o espelho e não se vê no espelho, seu projeto de "eu" não existe. Você começa esse processo se vendo no espelho, e os brasileiros da nova geração vão querer ver o Brasil no espelho. Então, vão refazer o que a geração do Sérgio fez. Não é re-

petir a história, pois a história só se repete como farsa ou tragédia, e não é nem uma coisa, nem outra. Vão em busca das fontes de história brasileira, da reflexão sobre o Brasil.

Observemos como esse fenômeno aconteceu na Argentina, que havia deixado de lado todos os seus clássicos. Nos últimos anos, houve uma reedição e rediscussão de novo de todos os clássicos da Argentina. Acho que é isso que vai acontecer no Brasil. Por isso considero muito oportuna a disponibilidade do livro *Raízes do Brasil*.

IHU On-Line - Se o senhor estivesse orientando a leitura de *Raízes do Brasil* para alguém dessa novíssima geração, o que destacaria e pediria ao leitor que desse mais atenção?

Carlos Lessa - Eu diria para ficar atento à importância de Portugal na construção de uma sociedade tropical. Nós somos um imenso Portugal, quem já disse isso foi o poeta⁷. É uma constatação extremamente importante, e Sérgio Buarque é fundamental para compreendermos isso.

IHU On-Line - Ao longo de sua fala, tem destacado a geração de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, e também o que chama de novíssima geração. Mas o que houve com a geração que está nesse entremeio?

Carlos Lessa - Nos últimos 20 ou 25 anos, houve uma espécie de "esquecer o Brasil" em nome de um processo de globalização. Aliás, no mundo estão acontecendo muitas coisas que vão refazer ou retomar a ideia do que é o Brasil. Uma delas é a vitória do Trump⁸,

⁷ O entrevistado propõe uma associação com a música *Fado Tropical*, de Chico Buarque, filho de Sérgio, e Ruy Guerra. A letra da canção está disponível em <http://bit.ly/2gdiu8q>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁸ **Donald John Trump** (1946): é um empresário, ex-apresentador de reality show e presidente eleito dos Estados Unidos. Na eleição de 2016, Trump foi eleito o 45º presidente norte-americano pelo Partido Republicano, ao derrotar a candidata democrata Hillary Clinton no número de delegados

que vai forçar isso. Vai haver um resgate da ideia nacional, e os que pensaram essa ideia nacional vão ser de novo valorizados.

IHU On-Line - Holanda, em seu livro, chega a elaborar que "a democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos e privilégios, os mesmos privilégios que tinham sido, no Velho Mundo, alvo de luta da burguesia contra os aristocratas". Nesse sentido, em que medida continuamos a insistir nos erros que constituem esse mal-entendido? E como pensar - e construir - outra democracia no Brasil?

Carlos Lessa - Tenho a impressão de que a Lava Jato⁹ vai ajudar muito a nova geração a repensar tudo isso. Não há novidade no que a Lava Jato está fazendo; porém, a imensa novidade é o peso que ela vai ter na formação da nova geração.

Não tenho muito como desdobrar o futuro porque não tenho dom premonitório, mas uma coisa que

do colégio eleitoral; no entanto, perdeu no voto popular. Trump tomará posse em 20 de janeiro de 2017 e, aos 70 anos de idade, será a pessoa mais velha a assumir a presidência. Entre suas bandeiras estão o protecionismo norte-americano, por onde passam questões econômicas e sociais, como a relação com imigrantes nos Estados Unidos. Trump é presidente do conglomerado The Trump Organization e fundador da Trump Entertainment Resorts. Sua carreira, exposição de marcas, vida pessoal, riqueza e modo de se pronunciar contribuíram para torná-lo famoso. (Nota da **IHU On-Line**)

9 Operação Lava Jato: investigação em andamento pela Polícia Federal do Brasil, que deflagrou sua fase ostensiva em 17 de março de 2014, cumprindo mais de cem mandados de busca e apreensão, prisão temporária, prisão preventiva e condução coercitiva, visando apurar um esquema de lavagem de dinheiro suspeito de movimentar mais de R\$ 10 bilhões, podendo ser superior a R\$ 40 bilhões, dos quais R\$ 10 bilhões em propinas. De acordo com investigações e delações recebidas pela força-tarefa da Lava Jato, estão envolvidos os maiores partidos do Brasil, como PP, PT, PMDB e PSDB, além de empresários e políticos de diversos partidos. A seção Notícias do Dia, do sítio do IHU, vem publicando textos e análises sobre os movimentos realizados em cada uma das fases da Operação, que ainda segue em andamento. Confira em ihu.unisinos.br/noticias. (Nota da **IHU On-Line**)

posso afirmar é que qualquer jovem de 20 anos, hoje, olha o espaço do mundo como um espaço que está encolhendo. Estão até falando em construir muros. Diante disso, penso que qualquer jovem brasileiro diz: moro em um país continental e devo rigorosamente repensar o meu país no mundo, o espaço que meu país pode disputar no mundo. É o início do processo de reafirmação da ideia sobre o que é o Brasil.

E por quê? Porque esse jovem não tem mais o espaço do mundo à sua disposição, como teoricamente havia para a geração anterior. A geração de quem tem cerca de 35 anos é a última que vai pensar no espaço do mundo como espaço de realização pessoal. A garotada que hoje tem menos de 20 anos vai pensar no Brasil como espaço de realização, ou não. Mas o simples fato de pensar vai colocar o Brasil de novo em pauta. Vamos assistir a uma reapresentação da ideia democrática em condições novas no Brasil. Sou otimista com relação ao futuro.

Eu já falava isso antes, da necessidade de se pensar um projeto nacionalista. Parecia um discurso de velho antiquado. Mas, agora, com Trump e Brexit¹⁰, não é mais antiquado. É extremamente atual.

10 Brexit: a saída do Reino Unido da União Europeia é apelidada de Brexit, palavra-valise originada na língua inglesa resultante da fusão das palavras Britain (Grã-Bretanha) e exit (saída). A saída do Reino Unido da União Europeia tem sido um objetivo político perseguido por vários indivíduos, grupos de interesse e partidos políticos, desde 1973, quando o Reino Unido ingressou na Comunidade Econômica Europeia, a precursora da UE. A saída da União é um direito dos estados-membros segundo o Tratado da União Europeia. Em 2106, a saída foi aprovada por referendo realizado em junho 2016, no qual 52% dos votos foram a favor de deixar a UE. O Instituto Humanitas Unisinos - IHU, na seção Notícias do Dia de seu site, vem publicando uma série de análises sobre o tema. Entre elas, *A alma da Europa depois do Brexit*, artigo de Roberto Esposito, publicado no jornal La Repubblica e reproduzido nas Notícias do Dia de 01-07-2016, disponível em <http://bit.ly/2gazMuF>; e *O Brexit e a globalização*, artigo de Luiz Gonzaga Belluzzo, publicado por Carta Capital e reproduzido nas Notícias do Dia de 12-07-2016, disponível em <http://bit.ly/2eY4F68>. Confira mais textos em ihu.unisinos.br. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - E por quê?

Carlos Lessa - Das duas uma: ou eu repenso o Brasil, ou não tem lugar para mim. Eu preciso repensar o Brasil e como situo o país nesse processo. Por exemplo: fazendo protecionismo, o Brasil vai fazer o quê? Tem que fazer protecionismo, não tem outra coisa. Mas protecionismo não se faz gratuitamente, se faz para algum objetivo. Como vamos ligar o desenvolvimento econômico ao desenvolvimento político? Isso que, de certa maneira, a Lava Jato vai forçar à reflexão. Nós vamos ter um imenso período de redescoberta do Brasil, mais uma vez.

IHU On-Line - Um dos célebres conceitos de Holanda em *Raízes do Brasil* é o *homem cordial*. O conceito faz pensar na forma de fazer política no país, que pessoaliza muito mais do que institucionaliza, enfraquece o Estado e estabelece relações que visam a interesses pessoais ou de determinados grupos. Como esse *homem cordial* vive hoje e como enfraquece as instituições democráticas?

Carlos Lessa - Não sei se o *homem cordial* enfraquece as instituições democráticas. Penso que coloca, na futura democracia brasileira, uma visão inovadora. Nós não somos arrogantes, prepotentes, pró-imperialistas, não ameaçamos nossos vizinhos, somos muito grandes, imensos em relação aos países vizinhos, porém os vemos como países irmãos. A cordialidade brasileira atravessa toda a política externa brasileira.

Creio que nossa população, ao resgatar a ideia dessa coisa singela da cordialidade, vai jogar na lata do lixo certas teses que prosperaram no Brasil, como a de que o Brasil é um país de preconceito. Não é. Tem preconceito no Brasil, mas é o país menos preconceituoso do planeta. Tem arrogância? Tem, mas é o menos arrogante dos países do mundo. O *homem cordial* era a maneira pela qual víamos o mundo e temos uma dimensão que é nossa, a cordialidade.

E continua havendo essa percepção. Eu leio muito o que os turistas escrevem sobre o Brasil, principalmente sobre o Rio de Janeiro. É um denominador comum a cordialidade sempre sublinhada por eles. Eu viajei pelo mundo e sei que a cordialidade brasileira é real.

IHU On-Line - É possível converter essa cordialidade numa forma de enfrentar esse estado de crises?

Carlos Lessa - A crise não depende da cordialidade ou da não cordialidade. A cordialidade é um ingrediente que vai tornar a nossa crise mais suportável. A crise está aí e vai prosperar, é produto de um cenário mundial, de erros de gestão estratégica que o Brasil teve. Mas quero crer que teremos menos violência do que outras sociedades tiveram no enfrentamento dessa crise.

Estive na Grécia recentemente e vi como estava o país. Eram grupos fardados, armados, agindo como se só com violência se resolvesse a questão. No Brasil, não vi ninguém dizer isso. Nem é nosso jeito de ser e dizer isso. Agora, o que pre-

cisa pensar é como, a partir dessa matriz histórica cordial, podemos construir o Brasil de amanhã. É isso que a nova geração vai pensar.

IHU On-Line - Em tempos de operações Lava Jato e Zelotes, a ideia de *homem cordial* pode explicar um pouco a relação entre o poder político, dos políticos, e o poder econômico, do empresariado, no Brasil?

Carlos Lessa - Não acho que a cordialidade tenha uma perspectiva personalista. Vejo muito mais na perspectiva de encontro de esquina. É o papo que a gente trava debaixo da banca de jornais, na presteza que se dá informações quando uma pessoa solicita. A cordialidade diz respeito a uma disponibilidade de estar com o outro, que é uma coisa muito boa e positiva.

A cordialidade não tem nada que ver com os hábitos políticos brasileiros, são hábitos que se desenvolvem no ambiente onde a cordialidade existe, mas não são resultado da cordialidade. São resultado de uma cultura de expropriação da terra, resultado de um processo

de concentração de renda, resultado de processo político que até hoje não enfrentou as questões fundamentais.

IHU On-Line - A análise da formação cultural do Brasil é um dos alicerces de *Raízes do Brasil*. Como o campo da cultura pode contribuir enquanto linha de fuga para constituir uma ideia de Brasil?

Carlos Lessa - Não é linha de fuga, não. Pelo contrário, é um dos espaços extremamente importantes. Por exemplo: será que Sérgio Buarque ainda é ensinado nas universidades? Acho que não. O simples fato de a obra dele estar disponível e ser relida e rediscutida já é uma enorme contribuição.

E acho que a Lava Jato vai pilhar a nova geração a se perguntar que país é esse. Surgirão algumas interpretações de que o Brasil é muito ruim, mas aí, rapidamente, quem viaja para o exterior verá que o Brasil não é tão ruim assim. É diferente. Descobre que o Brasil é cordial, sim, o povo mais cordial do planeta. ■

LEIA MAIS

- *‘O Brasil tem fortes luzes no final, mas ainda está no corredor polonês’*. Entrevista especial com Carlos Lessa, publicada nas **Notícias do Dia** de 9-6-2016, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2eXIEEa>.
- *“Essa Agenda Brasil é uma fraude. A prioridade absoluta deve ser tomar conta da rede urbana”*. Entrevista especial com Carlos Lessa, publicada nas **Notícias do Dia** de 23-8-2015, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2fxgdcq>.
- *Crise política e econômica: o resultado da falta de um projeto nacional*. Entrevista especial com Carlos Lessa, publicada nas **Notícias do Dia** de 11-3-2015, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2gayH6s>.
- *Brasil: Impossível pensar o futuro sem discutir a geopolítica mundial*. Entrevista especial com Carlos Lessa, publicada nas **Notícias do Dia** de 28-8-2014, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2gaoHtU>.
- *Pré-sal brasileiro é ouro em pó*. Entrevista especial com Carlos Lessa, publicada nas **Notícias do Dia** de 21-10-2013, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2gcZYDe>.
- *Perfil de Carlos Lessa*, publicada na revista **IHU On-Line**, número 344, de 21-9-2010, disponível em <http://bit.ly/2fU8aHB>.

A atualidade da obra e a necessidade de ser lida no seu tempo

Para Lilia Schwarcz, *Raízes do Brasil* se mantém atual não por explicar o presente pelos movimentos do passado, mas por inspirar a pensar novas experiências a partir da narrativa histórica

Por João Vitor Santos

Todo mundo já deve ter ouvido de algum professor que é preciso estudar História porque no passado se pode compreender o presente. Seguindo essa lógica, afirmar que *Raízes do Brasil* é um clássico e que continua explicando o presente justifica o título de Sérgio Buarque de Holanda como um dos intérpretes do Brasil. A historiadora Lilia Schwarcz concorda em parte com essa assertiva. Para ela, Holanda ajuda a interpretar o país, mas ele jamais coloca o que se dá no presente como uma espécie de sentença pelo que se fez lá atrás. Ela lembra que, desde a primeira versão do texto, o autor vai “de alguma forma, problematizando essa visão, esse traço tão direto, como uma herança ibérica, como se fosse uma herança fadada”. Ou seja, ele vai na raiz do Brasil, mas esclarece que nem toda raiz gerará os mesmos frutos. Para compreendê-los plenamente, não se pode desconsiderar situações do momento.

É por isso que Lilia insiste que “nenhum livro carrega fórmulas mágicas”. “Eu me preocupo muito em ler a obra no seu momento também. O nosso momento pede outras soluções. Claro, *Raízes* continua a inspirar e provocar muita polêmica, mas não é possível ir a ele como se fosse uma caixa de pandora”, pontua. Os organizadores tomaram o cuidado de evidenciar os movimentos de Sérgio Buarque na feitura e revisão do texto. “Ao longo de suas revisões,

o autor vai limpando o texto, vai o transformando em um texto mais democrático e mais liberal”, diz. Assim, Lilia sugere, na conversa de cerca de uma hora por telefone com a **IHU On-Line**, que o célebre conceito de *homem cordial*, por exemplo, não pode rapidamente ser tomado como explicação para a lógica do governo de coalizão. “Analisar essa nossa política de coalizões é muito mais se voltar para o tempo presente do que tentar buscar um passado que nos explique e redima dessa forma”, analisa, sem desconsiderar que *o cordial* pode, em alguma medida, inspirar a reflexão.

Lilia Moritz Schwarcz possui graduação em História pela Universidade de São Paulo - USP, mestrado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp e doutorado em Antropologia Social pela USP. É professora titular no Departamento de Antropologia da USP e Global Scholar na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos. Juntamente com Pedro Meira Monteiro, é organizadora da edição comemorativa de *Raízes do Brasil*. Também é autora de *As barbas do imperador - D. Pedro II, um monarca nos trópicos* (São Paulo: Companhia das Letras, 1998), *O espetáculo das raças* (São Paulo: Companhia das Letras, 1993) e *O sol do Brasil* (São Paulo: Companhia das Letras, 2008), entre outras obras.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que a edição comemorativa de *Raízes do Brasil* traz de novidade em relação às edições anteriores?

Lilia Moritz Schwarcz - A novidade é o fato de ser uma “edição genética”¹, que não temos

o costume de produzir no Brasil. E o que seria isso? Pedro Meira²,

em que é escrita, sem desconsiderar a trajetória do autor. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Pedro Meira Monteiro**: professor na Princeton University, Estados Unidos. É graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, tem um D.E.A. em História Sociocultural pela Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, mestrado em Sociologia e doutorado

eu, Marcelo e Maurício³ cotejamos todas as edições que foram feitas

em Teoria e História Literária, também pela Unicamp. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Marcelo Diego**, doutorando em Espanhol e Português da Universidade de Princeton, e **Maurício Acuña**, doutorando em Antropologia Social da USP e da Universidade de Princeton, são alunos de Lilia e Pedro e auxiliaram na organização da edição comemorativa de *Raízes do Brasil*. (Nota da **IHU On-Line**)

¹ No sentido de crítica genética, que é o exercício de colocar a obra no tempo e contexto



A atualidade do professor Sérgio e de *Raízes do Brasil* só fica confirmada quando, depois de tantos anos, o livro continua a 'criar fumaça'

de *Raízes do Brasil*. O importante é que as mudanças que o livro foi tendo, durante esses anos todos, não são mudanças cosméticas. Muitas vezes, o público geral acha esse tipo de crítica um tanto enfadonha, porque as mudanças são de termos e de vírgulas, e que fazem pouco sentido para um público mais amplo, só interessando aos especialistas.

Entretanto, nesse caso, *Raízes do Brasil* é um livro que foi ganhando uma importância imensa para o nosso país e que tem alterações fundamentais. Então, vamos mostrando como o professor Sérgio Buarque vai, de alguma forma, tornando o livro mais liberal. Ele viajou à Alemanha, na época da primeira versão do *Raízes*, e tinha uma relação um pouco admirada com o que estava observando naquele momento, o que é normal, e certo fascínio pela bibliografia alemã. Ao longo de suas revisões, o autor vai limpando o texto, vai o transformando em um texto mais democrático e mais liberal. Portanto, essa ideia que temos de "um clássico de nascença", nas palavras do professor Antonio Candido⁴, não é bem assim.

4 Antonio Candido de Mello e Souza [Antonio Candido] (1918): escritor, ensaísta e professor universitário, um dos principais críticos literários brasileiros. É professor emérito da USP e da UNESP e doutor honoris causa pela Unicamp. Foi crítico da revista *Clima* (1941-4) e dos jornais *Folha da Manhã* (1943-5) e *Diário de São Paulo* (1945-7). Na vida política, participou de 1943 a 1945 na luta contra a ditadura do Estado Novo no grupo clandestino Frente de Resistência. Escreveu o clássico *Parceiros do Rio Bonito* (1964). Sobre ele, conferir as entrevistas "A literatura é um direito do cidadão, um usufruto peculiar", concedida por Flávio Aguiar à **IHU On-**

Ele foi virando um clássico, o que só valoriza o livro.

Para resumir: nós, muitas vezes, refletimos sobre como um autor muda. Nós temos menos hábito e tradição de refletir sobre como um livro muda. Essa é a novidade da edição comemorativa de *Raízes do Brasil*.

IHU On-Line - Alguns críticos à obra destacam o fato de Holanda não citar outros clássicos brasileiros, como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que trazem outras perspectivas de Brasil. Como compreender essa questão?

Lília Moritz Schwarcz - Só Sérgio Buarque de Holanda pode explicar isso [risos]. Mas, também pensando com o contexto, é preciso destacar que *Raízes* foi um livro escrito no exterior. E, lendo as notas, percebe-se que ele estava muito pautado pela bibliografia que estava lendo no exterior. Parte do fato de ele renegar o livro e, na sua época, chamar de livro da juventude, se dá por conta disso. Ele dizia que esse era um livro escrito em viagem, baseado em leituras de viagem.

E, também, ele não só não citou Euclides da Cunha⁵, como também

-Line nº 278, de 20-10-2008, disponível em <https://goo.gl/qa95Jy>, e "Antonio Candido e a crítica cultural contemporânea", concedida por Célia Pedrosa à **IHU On-Line** nº 283, de 24-11-2008, disponível em <https://goo.gl/92rizw>. (Nota da **IHU On-Line**)

5 Euclides da Cunha (1866-1909): engenheiro, escritor e ensaísta brasileiro. Entre suas obras, além de *Os Sertões* (1902), destaca-se *Contrastes e confrontos* (1907), *Peru versus Bolívia* (1907), *À margem da história* (1909), a conferência Castro Alves e seu tem-

não citou boa parte da bibliografia brasileira. É um professor Sérgio em formação, ainda muito jovem. Eu estou no exterior agora e a gente sabe que, quando se está no exterior, ficamos muito informados pela bibliografia que se tem acesso em viagem. O que também é normal e salutar, inclusive. Talvez essa seja uma explicação.

IHU On-Line - Folheando a edição organizada por vocês, percebe-se que recuperam não só os movimentos de revisão, mas também os escritos de Sérgio Buarque. Qual a importância de trazer esse aspecto também graficamente nessa edição?

Lília Moritz Schwarcz - Eu penso que é dar vida ao livro, é mostrar o movimento do livro e, também, é uma atitude mais democrática. Ao invés de impor ao leitor: "acredita em mim, o livro mudou", vou mostrando todos os degraus, momentos e as passagens que foram importantes para mim como analista. Com isso, devolvemos ao leitor a capacidade reflexiva que ele pode ter. Inclusive, Pedro Meira e eu, na introdução, ou mesmo os vários comentaristas que se debruçaram sobre *Raízes* e sobre estas variações da obra, propomos movimentos para além das nossas interpretações. O próprio leitor pode ir às notas e a essas alterações e, ele mesmo, descobrir outras mudanças que nos passaram mais despercebidas.

Acredito que isso é muito importante para a maturidade dos leitores brasileiros, sobretudo tendo em vista que este é um livro tão fundamental e tão acionado não só pelos especialistas, mas pelo público brasileiro em geral. Como Pedro Meira e eu dizemos: não há livro mais citado que esse, ainda mais em nosso momento contemporâneo.

po (1907), proferida no Centro Acadêmico XI de Agosto (Faculdade de Direito), de São Paulo, e as obras póstumas *Canudos: diário de uma expedição* (1939) e *Caderneta de campo* (1975). Confira a edição 317 da **IHU On-Line**, de 30-11-2009, intitulada *Euclides da Cunha e Celso Furtado. Demiurgos do Brasil*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon317>. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - É possível detalhar metodologicamente como foi mexer nesses materiais, os rascunhos e anotações do próprio Holanda? Como chegaram até esses materiais e como foi o processo de catalogação?

Lilia Moritz Schwarcz - Foi muito emocionante. Pedro Meira e eu já trabalhamos muito juntos, além disso, temos um orientando em comum, o Maurício Acuña, e o Marcelo, doutorando que conheci nessas várias estadas em Princeton. Tínhamos esse projeto, que não era um projeto nosso - isso nós deixamos muito claro -, pois vários especialistas vinham demandando uma edição como essa. Já era uma demanda dos "buarcólogos"⁶.

Enfim, brincava com o Pedro Meira que todo pesquisador tem que ter seu dia de sorte. Por isso que digo que encontrar esse original foi, de fato, um ato de sorte e de coincidência. Muitas vezes, como pesquisador, temos notícias falsas. O que não foi nesse caso. Era um exemplar muito especial e totalmente anotado pelo Sérgio Buarque - é quase prussiano, as páginas se desdobram, às vezes ele aumenta, acrescenta. É isso que digo que é ver o livro vivo, é possível perceber quase a dicção do seu autor, o Sérgio Buarque. Isso nos deu uma sensação de completude para a edição, porque o que nos interessava não era colocar fotos do professor Sérgio, mas colocar o professor em ação e com esse livro em especial.

IHU On-Line - Como vocês chegaram a esse exemplar "único"?

Lilia Moritz Schwarcz - Foi um colecionador quem nos ofereceu. O Pedro recebeu a informação e foi avaliar. Inclusive, o colecionador veio ao lançamento em São Paulo, foi muito celebrado entre nós. Esse colecionador, sabendo que iríamos trabalhar com Sérgio de Holanda, nos ofereceu o exemplar, e por isso que digo que todo o pesquisador

tem que ter seu dia de sorte. Isso aconteceu no meio do processo, então foi, de fato, uma coincidência das melhores.

IHU On-Line - Muitos destacam a atualidade de Sérgio Buarque de Holanda, mas ele também é motivo de críticas. Como observa as críticas ao autor e ao livro?

Lilia Moritz Schwarcz - Tenho acompanhado muito esse debate. Em primeiro lugar, creio que a importância de um livro se mede muito pela polêmica que ele pode e tem a capacidade de continuar a produzir. Assim, acredito que a atualidade do professor Sérgio e de *Raízes do Brasil* só fica confirmada quando, depois de tantos anos, o livro continua a "criar fumaça".

“
O homem cordial foi um conceito tão inflamado pela recepção tardia do livro que ele serve para qualquer coisa

O segundo dado: é preciso perguntar para esses críticos a que edição eles estão se referindo. Se eles se referirem à primeira edição, de 1936, ok. Mas, se eles se referirem à última, eu já acho mais complicado. Porque as questões de Sérgio, na última edição, já foram muito revistas. É a edição que é saudada pelo professor Antonio Candido. É como dizemos: "quem sabe o Antonio Candido escreveu junto o último capítulo" [risos].

Assim, se tomar como padrão a última versão, que foi aprovada pelo professor Sérgio em vida, veremos que, na verdade, ele não está conclamando o final do Estado. Ele está, justamente, diagnosticando problemas na nossa democracia.

Ou seja, problemas na nossa forma de lidar com as nossas instituições, como nós, sistematicamente, desconsideramos nossas instituições e não damos relevância às nossas leis, e isso produz um modelo de democracia muito frouxo e muito pouco rigoroso. Estamos vivenciando isso no momento presente. Não se trata de denunciar um ou outro governo, mas de perguntar sobre a nossa sanidade e a nossa saúde democrática. Nesses termos o livro é muito atual.

IHU On-Line - Essa instabilidade institucional se explica a partir do conceito de *homem cordial*?

Lilia Moritz Schwarcz - De alguma maneira. Em primeiro lugar, não há por que culpabilizar o passado, e nem o professor Sérgio faz isso. Temos que pensar que esse é um livro de 1936 e temos que situá-lo em seu contexto; tudo bem que ele vai sendo atualizado, que não é exatamente um livro de 1936, mas não é, também, um livro contemporâneo. O passado tem sido reescrito no presente, então temos que parar de usar a história como escada, alegando que "somos assim porque no passado fomos assim". Não, nada diz que temos que nos conformar com o passado, e muitas vezes não nos conformamos.

O *homem cordial* foi um conceito tão inflamado pela recepção tardia do livro que ele serve para qualquer coisa. Não é possível ler *Raízes do Brasil* só a partir do *homem cordial*, há uma organização da obra que desemboca no *homem cordial*. Primeiro, não é possível porque o professor Sérgio trabalha com pares de oposição que vão sendo superados, mas que são posições, não são realidades essenciais. Ele não está dizendo que somos o *homem cordial*, ele está dizendo que vivemos essa perspectiva.

E, ainda, sabemos que a cordialidade está sendo usada para todos os lados. No caso do professor Sérgio, não está fazendo um elogio à cordialidade. Ao contrário, cordialidade é um problema, não uma solução, é tomado como um problema que produz. Então, cordialidade,

⁶ Segundo Lilia, é como se autodenomina um grupo de estudiosos de Sérgio Buarque de Holanda. (Nota da **IHU On-Line**)

como ele diz, vem de *cor* - coração - e ele se pergunta sobre quais são os problemas e os impasses gerados por esse fascínio da esfera privada sobre a pública. É esse fascínio do regime dos afetos, nesse sentido. E o que o professor Sérgio diz é que não há como governar o Estado a partir do regime dos afetos. Logo, não há, de maneira alguma, um elogio à cordialidade, isso é uma má leitura. Ao contrário, a cordialidade é tomada como um impasse, naquele momento, para a chegada à modernidade. Hoje sabemos que são muitas as modernidades e muitas as formas de chegar à modernidade, mas vamos dar ao professor Sérgio o que é do professor Sérgio também, porque não se pode exigir que um livro diga e resolva tudo. Do que o professor Sérgio está falando? Desse problema, que é um problema atual também; não é igual porque na história nada fica igual, não é uma sina, não é um castigo, é algo sobre o qual temos que refletir, produzir problemas.

IHU On-Line - É possível associar a ideia do *homem cordial* à ideia de política/governo de coalizão?

Lília Moritz Schwarcz - Nas várias versões que o professor Sérgio vai entregando, vai se afastando um pouco da teoria que chama de "organicismo". Ele vai, de alguma forma, problematizando essa visão, esse traço tão direto, como uma herança ibérica, como se fosse uma herança fadada. Na edição que nós produzimos, é possível perceber que ele vai limpando essas notas. Antes se tinha uma correlação muito mais imediata, quase ontológica e, depois, vai nuançando essa ideia de herança. Assim, ele próprio não concordaria com essa associação tão imediata e essa ideia de coalizão.

Analisar essa nossa política de coalizões é muito mais se voltar para o tempo presente do que tentar buscar um passado que nos explique e redima dessa forma. As coalizões foram uma saída construída após 1988 e são formas de projetos de poder e de manutenção do poder político e, infelizmente, aqueles que chegam

a assumir esses locais, abrem mão de algumas das suas plataformas, projetos, utopias, sonhos em nome da tão falada coalizão, que é o que garante a perpetuação ou, pelo menos, a manutenção num projeto de poder. Esse jogo tem se mostrado muito perverso e deletério para a nossa democracia e não é exatamente disso que Sérgio Buarque está falando, em 1936, pelo menos. É por isso que repito que nenhum livro carrega fórmulas mágicas. Enfim, sou uma cientista social e uma historiadora e me preocupo muito em ler a obra no seu momento também. O nosso momento pede outras soluções. Claro, *Raízes* continua a inspirar e provocar muita polêmica, mas não é possível ir a ele como se fosse uma caixa de pandora.

“ Não há por que culpabilizar o passado e nem o professor Sérgio faz isso

IHU On-Line - Hoje, essencialmente desde as manifestações de 2013, fala-se em uma crise da representatividade. A partir da leitura de *Raízes*, como podemos pensar essa crise de representatividade?

Lília Moritz Schwarcz - Sérgio Buarque de Holanda avaliava, nos anos 1930 e depois até os anos 1950, essa ideia da inferência e da importância da esfera do privado nas nossas representações públicas. Seria possível pensar que temos noções de partido muito "frouxas" - nos termos do professor Sérgio -, muito instáveis, o que faz com que os brasileiros tenham essa atitude de votar nos seus representantes e, no dia seguinte, amanhecer já contra o seu representante. Temos uma atitude muito estrangeirada em relação aos nossos políticos. Então, de duas uma: ou temos que votar melhor ou temos

que fazer, de alguma maneira, com que nossos representantes nos representem.

Esse não é um problema só dos brasileiros. Eu estou nos Estados Unidos no momento e a eleição de Trump⁷ é bastante isso. Tanto que nós, acompanhando aqui algumas das manifestações, vemos que uma das palavras de ordem é: *Trump, you are not our president*, "você não é nosso presidente", no sentido de que não nos representa. Portanto, estamos vivendo um momento de crise das representações, crise da política de um voto desengano, do voto contra. Assim, acredito que temos de nos reinventar no momento presente, reinventar nossas representações, nossa forma de participação, nossa forma de vigilância e nossa forma de ativismo. Eu volto a dizer: Sérgio Buarque apontava elementos importantes, como a inflação do privado na esfera pública. Isso não quer dizer que é exatamente esse contexto que estamos vivendo hoje.

IHU On-Line - Precisamos tomar cuidado para não fazer esse atravessamento direto entre o passado, no caso a década de 30, mas também não podemos nos cegar pelo atualismo. Como resolver essa equação?

Lília Moritz Schwarcz - Os livros nos inspiram a fazer essas conexões entre passado e presente, nos trazem problemas e questões. Sempre penso, quando faço minhas pesquisas e converso com

⁷ **Donald John Trump** (1946): é um empresário, ex-apresentador de reality show e presidente eleito dos Estados Unidos. Na eleição de 2016, Trump foi eleito o 45º presidente norte-americano pelo Partido Republicano, ao derrotar a candidata democrata Hillary Clinton no número de delegados do colégio eleitoral; no entanto, perdeu no voto popular. Trump tomará posse em 20 de janeiro de 2017 e, aos 70 anos de idade, será a pessoa mais velha a assumir a presidência. Entre suas bandeiras estão o protecionismo norte-americano, por onde passam questões econômicas e sociais, como a relação com imigrantes nos Estados Unidos. Trump é presidente do conglomerado The Trump Organization e fundador da Trump Entertainment Resorts. Sua carreira, exposição de marcas, vida pessoal, riqueza e modo de se pronunciar contribuíram para torná-lo famoso. (Nota da **IHU On-Line**)

os alunos, que precisamos fazer nossas mediações. Não adianta aplicar imediatamente o que está lá construído na obra. O importante é pensar como estabelecer essas nuances e mediações a partir dos impasses que são dados pelo momento presente. Mas, é claro, essa pujança, essa procura - veja como *Raízes do Brasil* ainda é um dos mais vendidos - revela também como o livro diz muito de nosso momento presente.

O que insisto em chamar a atenção é para um aspecto que o próprio Sérgio Buarque de Holanda destaca, não nesse livro exatamente, mas no capítulo brilhante de *História da Civilização*⁸, que se chama "O pássaro e a sombra", sobre dom Pedro II, em que ele diz que o brasileiro adora tomar os livros como poções mágicas. Então, a gente não pode ficar deslumbra-do por esse lado mágico dos livros, porque a importância da crítica se faz sem mágica, se faz com o próprio fermento do pensamento crítico que se volta para seu momento.

IHU On-Line - E isso, de certa forma, aparece no texto de Sérgio Buarque de Holanda quando faz a crítica ao bacharelismo. Correto?

Lilia Moritz Schwarcz - É isso mesmo. É essa a ideia dos doutores, da política de doutores, do discurso fácil, da retórica. Esse é o momento em que os próprios parlamentares pensavam que se um parlamentar que tomasse a palavra não falasse por duas horas, seria um péssimo parlamentar. Lima Barreto⁹ escreveu *Numa e a Ninfa*¹⁰ para ironizar isso: Numa é um político, mas quem, na verdade, escreve seus

discursos é a Ninfa, sua esposa. É toda uma ironia para essa política de doutores, para essa retórica vazia, esse fascínio das palavras pelas palavras. Temer¹¹, quando podia falar [em discursos parlamentares], agora não pode, é uma espécie de arquiteto das palavras bonitas e bem conjugadas, mas que se você vai "espremer" sai muito pouco. Ainda somos herdeiros desse culto do bacharelismo. Num país em que, durante muito tempo, a educação era o privilégio de poucos, aqueles que dominavam a retórica eram logo transformados em doutores. Isso se mantém, e como...

“

Não há como governar o Estado a partir do regime dos afetos

IHU On-Line - Outro ponto que chama atenção em *Raízes do Brasil* é a afirmação de Holanda de que, no Brasil, a democracia se faz em cima de mal-entendidos. Em que medida ainda hoje insistimos nesses mal-entendidos? Ou já superamos alguns?

Lilia Moritz Schwarcz - Essa ideia do mal-entendido é uma questão importante que a crítica tem tratado e da qual eu discordo um pouco. O mal-entendido não quer dizer que haja um bem-entendido, quer dizer que de alguma maneira procuramos importar modelos que foram criados em outra conjuntura e que é preciso que esses modelos sejam adaptados à nossa própria realidade. Toda vez que se importam fórmulas sem tirar nem pôr, elas acabam não dando certo.

11 Michel Miguel Elias Temer Lulia [Michel Temer](1940): político e advogado brasileiro, ex-presidente do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). É o atual presidente do Brasil, após a deposição por impeachment da presidenta Dilma Rousseff naquilo que inúmeros setores nacionais e internacionais denunciam como golpe parlamentar. Foi deputado federal por seis legislaturas e presidente da Câmara dos Deputados por duas vezes. (Nota da **IHU On-Line**)

Até se formos pensar noutras áreas, agricultura, química, entre outras. Sabemos que cada elemento vai reagir no seu próprio contexto e produzir uma outra fórmula.

É preciso criar suas próprias fórmulas, suas possibilidades voltadas para o seu próprio momento. Claro, tudo é fermento. Tudo que está acontecendo fora é importante, pois estamos num mundo conectado. Não é dizer que somos isolados, mas é entender que essa realidade de um país continental como o Brasil, campeão de desigualdade, com problemas estruturais no transporte, na educação, na saúde, não vai resolver suas questões com fórmulas importadas ou exportadas. Temos de ver esses grandes dados no sentido de como vão aparecer em nosso país, e não porque a gente expurgue a democracia. Não é nada disso. E nem me parece que essa é a saída da última edição de *Raízes* por Sérgio Buarque de Holanda. A preocupação dele é pensar como podemos traduzir essas questões. Como diz Lampedusa¹², todo tradutor é um traidor. A questão é como podemos cometer essas traições, como lidar com isso.

IHU On-Line - Voltando à questão dos mal-entendidos. Podemos associar à ideia de uma democracia constituída para poucos?

Lilia Moritz Schwarcz - Se formos imaginar que, em 1936, quando Sérgio escreve pela primeira vez, ele está falando de um país que acaba de passar por um voto censitário, em que poucos votavam. Depois, ainda tinha toda a questão do analfabetismo, das políticas de desigualdade que já falávamos, o que significam essas políticas de parentesco, o fato de o Brasil ter sido o último país a ter abolido a escravidão, as políticas forçadas de continuísmo de servidão, todos esses são elementos que trazem perspectivas diferen-

12 Giuseppe Tomasi di Lampedusa (1896-1957): escritor italiano. Entre as suas obras está o romance *Il gattopardo* (O Leopardo) sobre a decadência da aristocracia siciliana durante o Risorgimento. (Nota da **IHU On-Line**)

⁸ Rio de Janeiro: Record, 1961. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **Afonso Henriques de Lima Barreto** (1881-1922): mais conhecido como Lima Barreto, foi um jornalista e um dos mais importantes escritores libertários brasileiros. É autor de, entre outros, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ **Numa e a Ninfa**: romance da vida contemporânea escrito por Lima Barreto e publicado em 1915 como folhetim pelo jornal *A Noite*, no Rio de Janeiro. A obra reproduz de forma crítica o clima em que se deu o governo do marechal Hermes da Fonseca, retratado no personagem Bentes. (Nota da **IHU On-Line**)

tes para o país. E que, ainda bem, estamos superando. De 1936, a primeira data de *Raízes*, até hoje, o Brasil incluiu mais, tem um sistema educacional que, apesar de estar passando por problemas atualmente, vai possibilitando a ascensão de novos grupos. Ou seja, vivemos, nesse sentido, uma democracia mais representativa.

IHU On-Line - Em que medida podemos associar esse momento dos anos 1930 com os dias de hoje no que diz respeito ao pacto de classes e rompimento desse mesmo pacto?

Lilia Moritz Schwarcz - Desde aqui dos Estados Unidos essa história vai sendo recontada a partir do 11 de setembro¹³. Devemos combater todas as formas de terrorismo,

13 11 de setembro de 2001: membros do grupo islâmico Al-Qaeda sequestraram quatro aeronaves, fazendo duas colidirem contra as duas torres do World Trade Center, em Manhattan, Nova Iorque, e uma terceira contra o quartel general do departamento de defesa dos Estados Unidos, o Pentágono, na Virgínia, próximo à capital dos Estados Unidos, Washington. O quarto avião sequestrado foi intencionalmente derrubado em um campo próximo a Shanksville, Pensilvânia, após os passageiros enfrentarem os terroristas. Esse foi o primeiro ataque letal de uma força estrangeira em território americano desde a Guerra de 1812. O saldo de mortos aproxima-se de 3 mil pessoas. (Nota da **IHU On-Line**)

mas a consequência disso foi um recrudescimento de uma crítica a ganhos que achávamos, enganosamente, que estavam consolidados. Eu me refiro aos direitos civis, ao direito à diferença. É um ganho que está em perigo no momento, quando se critica a política de imigração, qualquer manifestação que fale das diferenças pautadas em gênero, sexualidade, origem, geração, e só tem o argumento de classe, que volta agora disfarçado pelo argumento da eficiência. São problemas de nossa pauta contemporânea.

Podemos ler, no último capítulo de *Raízes*: "eu tenho medo dos totalitaristas de esquerda e de direita". Estamos vivendo um momento de agudização desses discursos que, se não são fascistas, são pseudofascistas, homofóbicos, racistas. É um momento que pede vigilância e atenção.

IHU On-Line - A partir da insipiração desse último capítulo do livro, como pensar a "nossa revolução" hoje?

Lilia Moritz Schwarcz - Estamos num momento de abertura de parágrafo. É muito difícil prever o que vai ocorrer. Sérgio Buarque de Holanda mesmo, sempre que pôde, renegou esse livro como um

livro de juventude. E é interessante que o tenha renegado, pois talvez seja o livro dele em que foi mais visionário. O historiador arrisca pouco porque lida, em geral, com processos que estão encerrados, e não com processos em curso. E estamos vivendo um processo em curso. Não acho, por exemplo, que a abertura do processo de impeachment tenha sido um golpe, mas o ritual do impeachment foi sim um golpe, porque tudo que não se julgou foi a responsabilidade da presidente Dilma Rousseff. Então, foi de fato um golpe.

E esse governo está aí mostrando como vai governando sem diferença, sem inclusão, com ministério muito igual em termos de geração, gênero, sexo e classe... Estamos em um momento de suspensão, de tentar avaliar o que vem pela frente, com alguns partidos de esquerda tendo que se reinventar. Se por um lado é salutar conviver com a crítica, com o diferente, é também preciso prestar atenção para que os direitos não sejam usurpados e que o direito de expressão continue livre. Agora, o que vai ocorrer não sei dizer. Sérgio Buarque arriscou no capítulo sobre a revolução, mas eu não tenho a escala e nem a altura de um Sérgio Buarque para arriscar.■

Cadernos Teologia Pública

Cadernos Teologia Pública divulga artigos que apresentam a contribuição da teologia com os debates que se desenvolvem na esfera pública da sociedade e na universidade, com abertura ao diálogo com as ciências, com a cultura e com as religiões.

Publicações disponíveis em: ihu.unisinos.br

1936 reeditado em 2016: a volta do vazio da política representativa

Pedro Monteiro destaca que a conjuntura política de hoje remonta ao Brasil da década de 30, quando Sérgio Buarque de Holanda pensou *Raízes do Brasil*

Por João Vitor Santos

Pense num campo em que plantas crescem, mas que não se sustentam. O agricultor remove as plantas e coloca novas mudas. O problema persiste, pois a terra não foi revolvida e o substrato continua comprometendo o pleno desenvolvimento da planta. Muita coisa aconteceu na História do Brasil desde a década de 1930 até hoje. Entretanto, pela perspectiva do professor Pedro Meira Monteiro, ainda há um substrato presente que nos faz viver uma conjuntura similar àquela época. É por isso que entende que *Raízes do Brasil* ainda é potente, fornecendo chaves de leitura para pensar sobre um novo vazio da política representativa que se vive agora. "O contexto em que surge *Raízes do Brasil* é a década de 1930, o que significa que no plano nacional havia uma pergunta no ar sobre o pacto político, ou seja, que forma de convivência nos era reservada por uma matriz cultural em que as relações pessoais se sobrepõem a qualquer forma objetiva de se pensar o espaço público", relaciona.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Monteiro ainda explica que, no livro, "Sérgio Buarque sugere que numa terra em que 'todos são barões' não haveria 'acordo coletivo' durável". Assim, pensa que enquanto "relações de caráter pessoal prevalecessem", os sujeitos estariam amarrados numa relação de compadrio que se construía como a própria política. "Getúlio Vargas compreendeu isso ao erigir-se como figura paterna, como que preenchendo o vácuo de uma ex-

pectativa muito grande sobre um 'provedor', que desse conta das promessas não cumpridas da República brasileira", explica. Pensando nesse momento de vazio de política representativa que Vargas tentou preencher, podemos ousar associar à história recente de ascensão da figura de Lula. "Parece-me que essa é a atualidade de *Raízes do Brasil* hoje também, porque a crise da representação vai se tornando uma espécie de constante das democracias, e os ódios e as polarizações vão aos poucos abrindo terreno para ressurgimento de agendas regressivas e muito perigosas", completa o professor.

Pedro Meira Monteiro, juntamente com Lilia Schwarcz, é organizador da edição comemorativa de 80 anos do *Raízes do Brasil*, publicada este ano pela Companhia das Letras. É professor na Princeton University, na cidade de Princeton, no estado de Nova Jérsei, Estados Unidos, onde dirige o Department of Spanish and Portuguese, que oferece cursos na área de estudos latino-americanos, com ênfase em literatura brasileira e história do pensamento social latino-americano. Também é codiretor da rede Princeton-Universidade de São Paulo - USP Race and Citizenship in the Americas. Graduiu-se em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, tem um D.E.A. em História Sociocultural pela Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, mestrado em Sociologia e doutorado em Teoria e História Literária, também pela Unicamp.

Confira a entrevista.



Sérgio Buarque sugere que numa terra em que ‘to- dos são barões’ não haveria ‘acordo coletivo’ durável

IHU On-Line - O que representa a obra *Raízes do Brasil*? Qual é o contexto em que a obra de Holanda emerge? E qual sua atualidade hoje?

Pedro Meira Monteiro - O contexto em que surge *Raízes do Brasil* é a década de 1930, o que significa que no plano nacional havia uma pergunta no ar sobre o pacto político, ou seja, que forma de convivência nos era reservada por uma matriz cultural em que as relações pessoais se sobrepõem a qualquer forma objetiva de se pensar o espaço público. Sérgio Buarque sugere que numa terra em que “todos são barões” não haveria “acordo coletivo” durável. Enquanto as relações de caráter pessoal prevalecessem, os sujeitos políticos estariam enlaçados numa trama em que o favor, o jeitinho e o compadrio seriam a própria forma da política.

Podemos dizer que Getúlio Vargas¹ compreendeu isso ao erigir-

¹ **Getúlio Vargas [Getúlio Dornelles Vargas]** (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente da República nos seguintes períodos: 1930 a 1934 (Governo Provisório), 1934 a 1937 (Governo Constitucional), 1937 a 1945 (Regime de Exceção) e de 1951 a 1954 (Governo eleito popularmente). Recentemente a **IHU On-Line** publicou o *Dossiê Vargas*, por ocasião dos 60 anos da morte do ex-presidente, disponível em <http://bit.ly/1naoZMX>. A **IHU On-Line** dedicou duas edições ao tema Vargas, a 111, de 16-08-2004, intitulada *A Era Vargas em Questão - 1954-2004*, disponível em <http://bit.ly/ihuon111>, e a 112, de 23-08-2004, chamada *Getúlio*, disponível em <http://bit.ly/ihuon112>. Na edição 114, de 06-09-2004, em <http://bit.ly/ihuon114>, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista *O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista*, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26-08-2004, Juremir Machado da Silva, da PUC-RS, apresentou o **IHU ideias** *Getúlio, 50 anos depois*. O evento gerou a publicação do número 30 dos Ca-

-se como figura paterna, como que preenchendo o vácuo de uma expectativa muito grande sobre um “provedor”, que desse conta das promessas não cumpridas da República brasileira. Num plano mais global, o livro compreende um tema propriamente “latino-americano” e talvez mundial: qual o papel do líder carismático, e como ele vem a preencher o vazio da política representativa, que parecia enfrentar os seus próprios limites, incapaz de amalgamar interesses e de fazer conviver civilizadamente as diferenças. Parece-me que essa é a atualidade de *Raízes do Brasil* hoje também, porque a crise da representação vai se tornando uma espécie de constante das democracias, e os ódios e as polarizações vão aos poucos abrindo terreno para ressurgimento de agendas regressivas e muito perigosas.

O caso do Brasil, onde os mecanismos da democracia foram utilizados contra a própria democracia (no caso do golpe parlamentar que alçou Temer² à Presidência), e dos Estados Unidos, onde a xenofobia, o racismo e o sexismo venceram

dermos IHU ideias, chamado *Getúlio, romance ou biografia?*, disponível em <http://bit.ly/ihuon30>. Ainda a primeira edição dos **Cadernos IHU em formação**, publicada pelo IHU em 2004, era dedicada ao tema, recebendo o título *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*, disponível em <http://bit.ly/ihuon01>. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Michel Miguel Elias Temer Lulia [Michel Temer]** (1940): político e advogado brasileiro, ex-presidente do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). É o atual presidente do Brasil, após a deposição por impeachment da presidenta Dilma Rousseff naquilo que inúmeros setores nacionais e internacionais denunciam como golpe parlamentar. Foi deputado federal por seis legislaturas e presidente da Câmara dos Deputados por duas vezes. (Nota da **IHU On-Line**)

uma agenda mais inclusiva, são sinais fortes de que entramos num momento de exaustão do ciclo liberal. *Raízes do Brasil* fala disso também.

IHU On-Line - Como analisa o processo de revisão feito pelo próprio Holanda em sua obra? E o que essa edição comemorativa traz de novidade sobre o texto de *Raízes do Brasil*?

Pedro Meira Monteiro - A edição crítica de *Raízes do Brasil* mostra um texto em movimento, um autor negociando com sua própria juventude e com um momento em que havia grande desconfiança em relação ao pacto liberal e à política representativa. A segunda e a terceira edições do livro, de 1948 e 1956 respectivamente, são adaptadas a contextos diversos.

No caso da segunda edição, no imediato pós-guerra, em que ocorre a maioria das mudanças no texto, aquela desconfiança em relação ao liberalismo vai sendo atenuada e o argumento fica mais liso, porque já não era possível sustentar uma crítica veemente aos princípios da democracia representativa. Mas as perguntas sobre o papel do personalismo na política, do carisma e do líder capaz de ler o desejo coletivo estão lá, para quem quiser ver.

IHU On-Line - Que reflexões sobre o liberalismo e o papel do Estado a obra propõe?

Pedro Meira Monteiro - O Estado é compreendido como algo que deveria transcender os interesses familiares e privados, e a política passa a contemplar a possibilidade de sondagem da vontade coletiva, o que significa dizer que haveria que ler os desejos de múltiplos sujeitos políticos, mas era também aconselhável garantir o exercício de direitos e a expressão de vontades múltiplas. Nesse sentido, a primeira edição, de 1936, que se publica entre a Intentona Comunista (1935)³ e a instauração do Estado

³ **Intentona Comunista**: também conhecida como Revolta Vermelha de 35, Revolta

Novo (1937)⁴, parece justamente interrogar a figura dos salvadores da pátria, desconfiando deles, mas ao mesmo tempo desconfiando das soluções liberais. Ou seja, é um beco sem saída, de que Sérgio Buarque fala cifradamente, mas às vezes com grande clareza.

IHU On-Line - Como compreender a ideia do pacto político e a relação do indivíduo com esse pacto a partir de *Raízes do Brasil*? Como Sérgio de Holanda constrói o conceito do *homem cordial* e qual sua relação com esse pacto?

Pedro Meira Monteiro - O homem cordial é um homem bom? Sim, se dermos ouvidos às idealizações que se fizeram dele na década de 1930, por autores como Cassiano Ricardo⁵, Almir de Andrade⁶, ou mesmo Ribeiro Couto⁷. Mas não, se

Comunista de 35 e Levante Comunista, foi uma tentativa de golpe contra o governo de Getúlio Vargas realizado em novembro de 1935 por militares, em nome da Aliança Nacional Libertadora, com apoio do PCB e do Comintern. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Estado Novo: Período autoritário da história do Brasil, que durou de 1937 a 1945. Foi instaurado por um golpe de Estado que garantiu a continuidade de Getúlio Vargas à frente do governo central, tendo a apoiá-lo importantes lideranças políticas e militares. (Nota da **IHU On-Line**)

5 Cassiano Ricardo Leite (1895-1974): jornalista, poeta e ensaísta brasileiro, representante do modernismo de tendências nacionalistas, esteve associado aos grupos Verde-Amarelo, Anta e foi o fundador do grupo da Bandeira. Pertenceu às academias paulista e brasileira de letras. (Nota da **IHU On-Line**)

6 Almir de Andrade: é tido como ideólogo do Estado Novo. Foi editor da revista Cultura Política, publicada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, órgão criado no Brasil em dezembro de 1939, por decreto do presidente Getúlio Vargas, para servir como instrumento de censura e propaganda do governo durante o Estado Novo. Andrade esteve à frente da publicação entre os anos 1941 e 1945. O objetivo da revista era a promoção da nova concepção de cultura, além de apresentar explicações sobre os rumos das transformações político-sociais em curso no país. Segundo a revista, os intelectuais tinham um papel fundamental na instauração da “nova ordem”, cabendo a eles formar a opinião pública e unir governo e povo, traduzindo a voz da sociedade. (Nota da **IHU On-Line**)

7 Rui Esteves Ribeiro de Almeida Couto (1898-1963): mais conhecido simplesmente como Ribeiro Couto, foi um jornalista, magistrado, diplomata, poeta, contista e romancista brasileiro. Foi membro da Academia

dermos ouvidos a Sérgio Buarque, para quem o homem cordial era um tipo, uma ficção ou uma metáfora capaz de condensar o sujeito político que depende das relações pessoais para sobreviver.

“
É importante entender que, em *Raízes do Brasil*, o homem cordial é aquele sujeito que não internalizou a lei

É importante entender que, em *Raízes do Brasil*, o homem cordial é aquele sujeito (homem ou mulher) que não internalizou a lei, ou seja, que por um lado é incapaz de compreender a abstração de uma lei que realmente vale para todos, e que por outro lado vive num permanente estado de exceção, esperando a realização final da lei por um sujeito que apareça de repente, como um *deus ex machina*. Um Juiz vingador, por exemplo, que venha para nos salvar da lama da corrupção.

IHU On-Line - Sérgio de Holanda pensa a partir da ideia de pacto oligárquico, que falseia com o conceito de democracia. De que forma esse pacto se atualiza na sociedade do Brasil contemporâneo? Quais os caminhos possíveis para romper com esse pacto e extrapolar os conceitos de democracia e igualdade social?

Pedro Meira Monteiro - A permanência da oligarquia na República é um dos grandes temas de Sérgio Buarque de Holanda, que está em *Raízes do Brasil*, já em 1936, e reapparece num de seus últimos livros,

Brasileira de Letras desde 28 de março de 1934 (ocupando a vaga de Constâncio Alves na cadeira 26), até sua morte. (Nota da **IHU On-Line**)

*Do Império à República*⁸, de 1972. A constante oligárquica tem a ver com a manutenção do privilégio, que sabemos ser a lei privada (daí a palavra *privi-légio*). Isto é, a regra que só vale para os apaniguados e a justiça é totalmente seletiva e arbitrária.

Mas o quadro contemporâneo no Brasil é certamente mais complexo. Por um lado, não tenho dúvida de que o juiz Moro⁹, que há muito tempo extrapolou o papel de juiz e se converteu num Anjo Vingador, está munido de um espírito irreparável que quer instaurar a correção a qualquer custo. Por outro lado, a espetacularização da justiça e o jogo complexo entre opinião pública, interesses políticos variados e a montanha russa da política no Planalto permitiram que uma força reprimida, de corte oligárquico, prevalecesse. Não acho, honestamente, que o governo Temer seja fascista. Ele me parece ilegítimo e dá guarida a movimentos de corte autoritário e regressivo, mas ele é o resultado também de uma crônica incapacidade que o PT e Dilma Rousseff¹⁰ tiveram de compreender

8 História Geral da Civilização Brasileira, Tomo II, vol. 5. São Paulo: Record. (Nota da **IHU On-Line**)

9 Sérgio Fernando Moro [Sérgio Moro] (1972): juiz federal brasileiro que ganhou notoriedade por comandar o julgamento dos crimes identificados na Operação Lava Jato. Formou-se em direito pela Universidade Estadual de Maringá em 1995, tornando-se juiz federal em 1996. Também cursou o programa para instrução de advogados da Harvard Law School em 1998 e participou de programas de estudos sobre lavagem de dinheiro promovidos pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos. É mestre e doutor em Direito pela Universidade Federal do Paraná. Além da Operação Lava Jato, também conduziu o caso Banestado. No caso do Escândalo do Mensalão, a ministra do Supremo Tribunal Federal Rosa Weber convocou o juiz Sergio Moro para auxiliá-la. Em 2014, Moro foi indicado pela Associação dos Juizes Federais do Brasil para concorrer à vaga deixada por Joaquim Barbosa no STF, porém, em 2015, a vaga foi preenchida por Luiz Fachin. (Nota da **IHU On-Line**)

10 Dilma Rousseff (1947): economista e política brasileira, filiada ao Partido dos Trabalhadores-PT, presidente do Brasil de 2011 (primeiro mandato) até 31 de agosto de 2016 (segundo ano de seu segundo mandato). Em 12 de maio de 2016, foi afastada de seu cargo durante o processo de impeachment que fora movido contra ela. No dia 31 de agosto o Senado Federal, por votação de 61 votos favoráveis ao impeachment contra 20, afastou

os sinais de um avanço conservador e de uma insatisfação estrutural com promessas não realizadas de inclusão, que foram se tornando mais agudas à medida que o contexto macroeconômico não permitia mais sustentar um pacto social inclusivo que vinha da era Lula, sobretudo.

Manutenção da mentalidade oligárquica

Mas que isso tem a ver com Sérgio Buarque de Holanda? Não é simples, mas acho que tem a ver com a permanência de uma mentalidade oligárquica que rejeita, por vias muitas vezes tortuosas e inconscientes, a figura do cidadão emergente, daquele pobre que de repente pode tornar-se vizinho dos gostos e dos lugares frequentados pela classe média, por exemplo. A demofobia¹¹ que está na base do

Dilma definitivamente do cargo. O episódio do impeachment foi amplamente debatido nas Notícias do Dia no sítio do IHU, como, por exemplo, a Entrevista do Dia com Rudá Ricci 'Os pacotes do Temer alimentarão a esquerda brasileira e ela voltará ao poder', disponível em <http://bit.ly/2bLPiHK>. Durante o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, assumiu a chefia do Ministério de Minas e Energia e posteriormente da Casa Civil. Em 2010, foi escolhida pelo PT para concorrer à eleição presidencial. (Nota da IHU On-Line)

¹¹ O entrevistado usa o termo no sentido de temor obsessivo de multidões, povo. (Nota da IHU On-Line)

sentimento antipetista é muitas vezes inconsciente, porque revestida pelo verniz de uma defesa incondicional da ordem e do regresso a um estado em que a lei teria prevalecido.

O cordial e a corrupção

A rigor esse momento em que a lei valia para todos, quando ela era plenamente cumprida, nunca existiu no Brasil. As negociatas, o poder do dinheiro, a corrupção endêmica, são os sintomas de uma sociedade regida pelo princípio da cordialidade, cujos cidadãos nunca internalizaram a lei e a têm, a essa mesma lei que falta e falha no cotidiano, como algo exterior ao próprio indivíduo. As pessoas que criticam a corrupção de Brasília são as mesmas que furam o sinal, sonegam imposto e cortam a fila. Ou seja, elas estão à espera da realização final da lei, sem dar-se conta de que a corrupção não é um problema moral apenas, mas é cultural e estrutural. (O que não nos deve impedir de lamentar o baixíssimo nível de grande parte dos deputados em Brasília, por exemplo.)

Uma sociedade de origem escravista como a brasileira, em que conviveram, no século XIX, os princípios do direito liberal e um direito incompleto para grande parte da população, tem como herança contemporânea a crença, nem sempre

admitida, na superioridade de uns em relação a outros. Uns podem, outros não. E isso é internalizado, muito especialmente, no Brasil. É o privilégio que regressa, como uma maré contrária ao movimento de inclusão que começou a se esboçar na década passada no Brasil, e que os tempos atuais parecem negar, num nível planetário que é mesmo de amargar.

Fragilidade da democracia liberal

Não há para onde fugir: a fragilidade da democracia liberal exposta ao poder do dinheiro abre o canal dos sentimentos mais regressivos e básicos, uma espécie de estado original em que um bando se opõe ao outro, urrando de descontentamento. O problema é que esse descontentamento consegue se articular pouco a pouco. Aí sim estaremos em apuros, talvez em apuros muito semelhantes àqueles que Sérgio Buarque de Holanda pressentia, quando escrevia *Raízes do Brasil* em 1936, enquanto o fantasma do nazifascismo se erguia na Europa para mostrar sua cara ao mundo. O livro de Sérgio Buarque nos leva também a perguntar se os sentimentos que entraram em conflito durante a Segunda Guerra são coisa do passado ou não. Eu espero que sim, mas não estou totalmente certo disso. ■

Cadernos Teologia Pública

A condição paradoxal do perdão e da misericórdia.

Desdobramentos éticos e implicações políticas

Castor Bartolomé Ruiz

O **perdão** e a **misericórdia**, assim como os outros valores humanos, não existem em si mesmos, eles são práticas históricas dos sujeitos e, pela sua condição histórica, estão sujeitos a diversos sentidos e interpretações.

#publicaçõesIHU #TeologiaPública

Ideias em movimento e o constante repensar de *Raízes do Brasil*

Luiz Feldman analisa o processo pelo qual esse livro de Sérgio Buarque é submetido. Mais do que uma revisão do autor, na sua perspectiva, a obra passa por uma mutação de ideias

Por João Vitor Santos

Antonio Candido, autor de um dos mais célebres prefácios de *Raízes do Brasil*, considera que o livro já nasce clássico. O diplomata Luiz Feldman, que se deteve em estudos sobre a obra, endossa a perspectiva de Candido, mas ressalva: "*Raízes do Brasil*, tal como o conhecemos, não veio pronto ao mundo. Sempre foi um clássico, mas amadureceu muitos de seus argumentos". Feldman destaca que, mais do que revisado pelo autor Sérgio Buarque de Holanda, o texto sofre um processo que denomina como uma espécie de "mutação ideológica". "Desde a edição original, *Raízes* foi um livro muito complexo", reitera. E completa: "as mudanças que sofreu aumentaram essa complexidade". Isso explica, por exemplo, as apropriações que teóricos fazem do conceito de *homem cordial*, que passa a servir como justificativa pela dura intervenção no regime naquele momento da história, o que acaba forçando Sérgio Buarque a fazer incisões na formulação do conceito.

Na entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o diplomata analisa alguns desses movimentos de Sérgio Buarque. Um deles é a crítica que faz, na primeira edição, à incompreensão

da realidade brasileira pela elite política do país que importa doutrinas europeias e norte-americanas que não se encaixam na realidade brasileira. Assim, se aproxima de críticas de teóricos que não viam com bons olhos a tentativa de organizar juridicamente o país segundo princípios de democracia liberal. "Em 1936, Sérgio Buarque denunciava a implantação precoce do liberalismo em um Estado que ainda se devia pautar pela tradição ibérica", aponta. Entretanto, revê esse ponto e "em 1948, sua crítica volta-se contra o anacronismo de um Estado ibérico, com falsa roupagem liberal, que impede a efetiva democratização da sociedade".

Luiz Feldman é diplomata e hoje atua na missão do Brasil junto às Nações Unidas, em Nova York. Graduado em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-Minas, mestre em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUCRJ, foi professor assistente de Leituras Brasileiras no Instituto Rio Branco. Publicou neste ano o livro *Clássico por amadurecimento: estudos sobre Raízes do Brasil* (Topbooks: Rio de Janeiro, 2016).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - No que consiste a ideia de mutação ideológica em *Raízes do Brasil*?

Luiz Feldman - Um dos grandes méritos de *Raízes do Brasil* foi ter formulado uma indagação muito aguda sobre a realidade brasileira: como o país poderia fundar uma

ordem pública e urbana moderna sobre a base de uma tradição privatista e rural? Sérgio Buarque ofereceu duas respostas a essa pergunta. A primeira foi na edição original do livro, em 1936. A segunda, na edição "revista e ampliada" de 1948. A segunda foi a que chegou

até os nossos dias, e tornou o livro muito conhecido. A primeira ficou esquecida por várias décadas, e só agora vem sendo resgatada.

A edição original parte de uma avaliação basicamente positiva da formação ibérica do Brasil. Isso fica evidente na discussão sobre a cor-



Um dos grandes méritos de *Raízes do Brasil* foi ter formulado uma indagação muito aguda sobre a realidade brasileira

dialidade. O “homem cordial” é o produto final da transplantação da cultura ibérica para os trópicos e de sua longa adaptação a condições especificamente brasileiras. Sua característica fundamental é uma emotividade transbordante, que pode ser vista por dois ângulos. Ao mesmo tempo em que tem um desejo irreprimível de estabelecer intimidade com seus pares, o homem cordial tem uma incapacidade congênita de obedecer a normas impessoais.

A edição de 1936 privilegia o ponto de vista da intimidade, da fraternidade característica do homem cordial, que era vista como uma contribuição original e positiva ao mundo. (Esse argumento talvez seja especialmente compreensível a partir da experiência que Sérgio Buarque teve em Berlim no final dos anos 1920, quando assistiu à emergência do nazismo). A edição de 1948 enfatiza o ponto de vista oposto, dos obstáculos para a criação de um espaço público.

Essa variação do enfoque histórico gera a mutação da mensagem política do livro. Em 1936, a ideia central era de um “contraponto” entre a cordialidade e a civilidade (definida como aquelas normas impessoais), o que significava, no limite, um Estado capaz de fazer uma composição entre o tradicional e o moderno. Isso podia ser interpretado - e foi - como uma abertura para governos autoritários, embora não para um Estado totalitário.

Ajuste da mensagem

Em 1948, no entanto, a mensagem é radicalmente alterada. Sérgio Buarque sustenta que apenas uma

ruptura com o passado pode levar o Brasil a bom porto. O livro ganha, nessa edição, uma nova passagem em que se lê um pleito contundente pela ascensão das classes populares ao poder. No jogo metafórico, uma “revolução vertical” provocada pela urbanização trará à superfície as camadas inferiores (ou: oprimidas) da sociedade, substituindo as raízes ibéricas, envelhecidas e oligárquicas. Essa dupla mensagem da edição de 1948, de crítica à colonização e defesa da democratização, foi a que se eternizou.

IHU On-Line - Holanda refere que a democracia brasileira é construída em cima de um “mal-entendido”. Como compreendê-lo?

Luiz Feldman - A frase célebre de *Raízes do Brasil* sobre a democracia como um “lamentável mal-entendido” não foi alterada em nenhuma edição da obra. O seu sentido, no entanto, foi consideravelmente afetado pela mudança da mensagem política do livro entre 1936 e 1948.

Na edição original, Sérgio Buarque dirige muito de sua crítica ao que dizia ser a incompreensão da realidade brasileira pela elite política do país. O autor aponta um erro de concepção, iniciado no Império e agravado na República: a importação de doutrinas europeias e norte-americanas que não se ajustavam às nossas tradições cordiais e personalistas. Segue de perto, nesse ponto, os escritos de Alberto Torres¹ e Oliveira

Vianna², fortemente críticos à tentativa de organizar juridicamente o país segundo princípios de democracia liberal que não guardavam qualquer correspondência com os usos e costumes políticos da terra.

Sérgio Buarque diz de modo claro: é a doutrina política que deve se ajustar ao perfil antropológico da população, e não o contrário. Esse perfil havia sido detalhado na primeira metade de *Raízes*: além da cordialidade, o personalismo, em que a tendência tipicamente ibérica à anarquia social só podia ser corrigida por governos fortemente centralizados. Sérgio Buarque também advertia contra a importação de doutrinas mais recentes, como as totalitárias, que julgava igualmente inaplicáveis à realidade brasileira. A cordialidade neutralizava a tirania. Essa crítica a todas as opções disponíveis cria um sentimento de indecisão que só é revertido - mesmo assim, parcialmente - no parágrafo final, quando se fala na ideia de contraponto. Embora não descarte totalmente a possibilidade da democracia, Sérgio Buarque não a indica como especialmente provável ou desejável em nossa evolução política.

tões da unidade nacional e da organização social brasileira. Em sua obra refutava as teses tanto do socialismo como do individualismo como incompatíveis à realidade brasileira e responsáveis por sua desagregação. Cumpria, ao seu entender, conhecer objetivamente a sociedade brasileira para que se pudesse propor mudanças pragmáticas e soluções aos problemas encontrados. (Nota da **IHU On-Line**)

2 Francisco José Oliveira Vianna [Oliveira Vianna] (1883-1951): sociólogo, ensaísta e autor considerado, junto com Sérgio Buarque de Holanda, como primordial para a compreensão da formação ideológica e da questão territorial do país. Suas obras, versando sobre a formação do povo brasileiro, têm o mérito de ser das primeiras que tentaram abordar o tema sob um prisma sociológico e diferenciado. Escreveu *Populações Meridionais do Brasil* (1918), considerado um clássico do pensamento nacional. Foi um dos ideólogos da eugenia racial no Brasil. Combateu a vinda de imigrantes japoneses para o Brasil. Ficou notoriamente reconhecido pela autoria de frases como “os 200 milhões de hindus não valem o pequeno punhado de ingleses que os dominam” e “o japonês é como enxofre: insolúvel” e ainda “o partido é o presidente”, se referindo a Getúlio Vargas. (Nota da **IHU On-Line**)

1 Alberto de Seixas Martins Torres [Alberto Torres] (1865-1917): político, jornalista e bacharel em direito. Também foi um pensador social brasileiro preocupado com ques-

Mudança de argumento

Na edição de 1948, o argumento muda. A doutrina liberal vinha sendo importada menos por um equívoco do que por deliberação. A desconexão do Estado com o povo no Império e na República é vista como uma forma de preservar a estrutura oligárquica e aristocrática da sociedade. Com a crescente urbanização e o fortalecimento das camadas operárias, o perfil tradicional e rural da população se dilui. Uma nova realidade pede uma nova forma política, que a República ainda não havia conseguido moldar.

Em 1936, Sérgio Buarque denunciava a implantação precoce do liberalismo em um Estado que ainda se devia pautar pela tradição ibérica. Em 1948, sua crítica volta-se contra o anacronismo de um Estado ibérico, com falsa roupagem liberal, que impede a efetiva democratização da sociedade. É esse o significado do “mal-entendido” (quase uma má-fé) após a revisão do livro.

IHU On-Line - Como se deu a apropriação dessa obra de Sérgio Buarque pelo Estado Novo?

Luiz Feldman - Sérgio Buarque publicou *Raízes do Brasil* em outubro de 1936. Em 10 de novembro de 1937 instaurou-se o Estado Novo. Em agosto de 1940 foi lançado, pela editora José Olympio, um livro de Almir de Andrade³ intitulado *Força, cultura e liberdade: origens históricas e tendências atuais da evolução política da Bra-*

*sil*⁴. Almir de Andrade era um jovem crítico e professor de direito que, de acordo com um depoimento que deu, décadas mais tarde, ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC⁵, foi comissionado pelo diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda da Presidência da República a escrever um estudo sobre o novo regime. Tanto as “origens históricas” quanto as “tendências atuais” mencionadas no subtítulo de seu livro remontam a argumentos de *Raízes do Brasil*.

“**Sérgio Buarque diz de modo claro: é a doutrina política que deve se ajustar ao perfil antropológico da população, e não o contrário**”

Almir de Andrade cita a grande tese do livro de Sérgio Buarque, a cordialidade, como caracterís-

tica definidora do povo brasileiro. Ressalta sua dimensão política e a eleva a tolerância. Reconhece, ao mesmo tempo, a necessidade de ordem, que deve ser suprida por um governo forte. Chega, então, ao que afirma ser uma doutrina originalmente brasileira do Estado, o equilíbrio entre força e tolerância. Há um paralelo muito próximo entre essa doutrina e a proposta de Sérgio Buarque - verdade que em chave mais ensaística que programática - de um contraponto entre civilidade e cordialidade.

Defesa do regime

O significado da doutrina proposta por Almir de Andrade fica mais claro no contraste com os escritos de outros ideólogos do Estado Novo, como Francisco Campos⁶ e Azevedo Amaral⁷. De forma muito simplificada, é possível dizer que, entre os três, Almir de Andrade oferecia o caminho - teoricamente - menos violento de justificação do regime. No livro *Getúlio Vargas estadista*⁸, de Azevedo Amaral, e sobretudo em *O Estado nacional*⁹, de Campos, há poucos argumentos acerca de tradições nacionais que pudessem mitigar o emprego da violência pelo Estado, como no caso do equilíbrio entre força e

6 Francisco Campos [Francisco Luís da Silva Campos] (1891-1968): advogado, professor, jurista e político brasileiro. Responsável pela redação da Constituição Brasileira de 1937 do Ato Institucional nº 1, do Golpe de 1964, e dos códigos penal e processual brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

7 Antônio José de Azevedo Amaral [Azevedo Amaral] (1881-1942): escritor, jornalista e tradutor brasileiro. Formado em medicina, dedicou-se, porém, ao jornalismo político. Defendia a intervenção estatal na economia e criticava o liberalismo, defendendo a implantação de um estado autoritário que prescrevesse a industrialização acelerada. Foi um dos ideólogos mais atuantes durante o Estado Novo até sua morte em 1942. Seus textos jornalísticos denunciavam tendências antisemitas, “sempre na perspectiva de anunciar o esfacelamento da nação através das forças do judaísmo”. Sua tese “O problema eugênico da imigração” gerou, na época, intensos debates, pois defendia a eugenia, com posicionamento racista. (Nota da **IHU On-Line**)

8 Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1941. (Nota da **IHU On-Line**)

9 A obra está foi disponibilizada como eBook livre pelo CPDOC, através do link <http://bit.ly/2g2Jexy>. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Rio de Janeiro: J. Olympio, 1940. (Nota da **IHU On-Line**)

5 Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC: criado em 1973, é a Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, com o objetivo de abrigar conjuntos documentais relevantes para a história recente do país, desenvolver pesquisas em sua área de atuação e promover cursos de graduação e pós-graduação. Os conjuntos documentais doados ao CPDOC, que podem ser conhecidos no Guia dos Arquivos, constituem, atualmente, o mais importante acervo de arquivos pessoais de homens públicos do país, integrado por aproximadamente 200 fundos, totalizando cerca de 1,8 milhão de documentos. A organização desses arquivos e sua abertura à consulta pública, hoje totalmente informatizada por meio do sistema Accessus, são tarefas primordiais do Centro. Os documentos desse acervo estão sendo progressivamente disponibilizados pela Internet. O CPDOC hoje constitui a Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Almir de Andrade: é tido como ideólogo do Estado Novo. Foi editor da revista *Cultura Política*, publicada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP, órgão criado no Brasil em dezembro de 1939, por decreto do presidente Getúlio Vargas, para servir como instrumento de censura e propaganda do governo durante o Estado Novo. Andrade esteve à frente da publicação entre os anos 1941 e 1945. O objetivo da revista era a promoção da nova concepção de cultura, além de apresentar explicações sobre os rumos das transformações político-sociais em curso no país. Segundo a revista, os intelectuais tinham um papel fundamental na instauração da “nova ordem”, cabendo a eles formar a opinião pública e unir governo e povo, traduzindo a voz da sociedade. (Nota da **IHU On-Line**)

tolerância discutido por Almir de Andrade. A proximidade dessa doutrina com a discussão de *Raízes do Brasil* poderá ter sido uma das razões para as mudanças que Sérgio Buarque fez em sua obra em 1948, três anos depois da queda do Estado Novo.

IHU On-Line - O que as revisões a que Holanda submeteu o texto posteriormente revelam?

Luiz Feldman - Eu chamaria a atenção para o contrário, para o que as revisões apagaram. Um exemplo interessante são os diálogos de Sérgio Buarque com outros pensadores brasileiros da época. Sérgio Buarque tomou de empréstimo a figura do "homem cordial" de Ribeiro Couto¹⁰, um fato que sempre é lembrado entre os estudiosos, e que o próprio autor reconhece em nota de rodapé do livro.

Mas é possível ir além e indicar como o conceito de cordialidade, conforme proposto por Sérgio Buarque, surgiu de um diálogo criativo com dois nomes tutelares do pensamento político nacional, Oliveira Vianna e Gilberto Freyre¹¹. Ambos reconheciam a centralidade do elemento privatista na formação histórica do país, mas, enquanto Oliveira Vianna, em *Populações meridionais do Brasil* (1920), enfatizava o obstáculo que isso criava para a construção do

Estado, Freyre, em *Casa-grande & senzala*¹², celebrava os particularismos pela contribuição cultural que aportavam à sociedade. Essa ambivalência viria a se rebater nas duas dimensões do conceito de cordialidade, ora entendida como estorvo à modernidade, ora como uma proteção contra ela. (Essa última formulação foi elaborada por Angela de Castro Gomes¹³).

Com a revisão de *Raízes do Brasil* em 1948, muitas das passagens em que esse diálogo ocorria desaparecem do texto. Muitos anos mais tarde, em 1969, quando Antonio Candido¹⁴ escreve o prefácio que

12 Casa-Grande & Senzala (Rio de Janeiro: Record, 1998): é um livro do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre publicado pela primeira vez em 1933. Freyre apresenta a importância da casa-grande na formação socio-cultural brasileira, assim como a da senzala na complementação da primeira. Além disso, *Casa-Grande & Senzala* enfatiza a formação da sociedade brasileira no contexto da miscigenação entre os brancos, principalmente portugueses, dos negros das várias nações africanas e dos diferentes indígenas que habitavam o Brasil. Para Freyre, a própria arquitetura da casa-grande expressaria o modo de organização social e política do Brasil, o patriarcalismo. Tal estrutura seria capaz de incorporar os vários elementos que comporiam a propriedade fundiária do Brasil Colônia. Do mesmo modo, o patriarca proprietário da terra considerado dono de tudo que nela se encontrasse: escravos, parentes, filhos, esposa, amantes, padres, políticos. Este domínio se estabeleceu incorporando tais elementos e não de excluindo-os. O padrão se expressa na casa-grande que é capaz de abrigar desde escravos até os filhos do patriarca e suas respectivas famílias. Freyre também desmistifica a noção de determinação racial na formação de um povo, no que dá maior importância àquelas culturais e ambientais. Com isso refuta a ideia de que no Brasil se teria uma raça inferior devido à miscigenação. Antes, aponta para os elementos positivos da formação cultural brasileira oriundos desta miscigenação entre culturas tão distintas. (Nota da **IHU On-Line**)

13 Angela de Castro Gomes: professora titular do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, coordenadora de pós-graduação; coordenadora de pesquisa do CPDOC; coordenadora do Setor de História Oral do CPDOC; editora da Revista Estudos Históricos; professora Titular de História do Brasil da Universidade Federal Fluminense – UFF; editora da revista Tempo (Depto. História – Universidade Federal Fluminense – UFF); editora responsável da revista História Oral (Associação Brasileira de História Oral – ABHO). (Nota da **IHU On-Line**)

14 Antonio Candido de Mello e Souza [Antonio Candido] (1918): escritor, ensaísta e professor universitário, um dos principais críticos literários brasileiros. É professor

acompanha o livro até hoje, ele já poderá dizer que *Populações meridionais do Brasil* tem pouca relação com *Raízes do Brasil*, e que *Casa-grande & senzala* tem uma atitude frente ao processo histórico muito diferente da de *Raízes*. Nos dois casos, essa questão das raízes conceituais da cordialidade recomendaria uma abordagem mais nuançada.

Clássico que vai amadurecendo

Raízes do Brasil, tal como o conhecemos, não veio pronto ao mundo. Sempre foi um clássico, mas amadureceu muitos de seus argumentos. Desde a edição original, *Raízes* foi um livro muito complexo, fruto do que o professor Candido certa vez disse ser o admirável senso de contrários de Sérgio Buarque. Mas as mudanças que sofreu aumentaram essa complexidade. Para ficar no exemplo: na edição original, o conceito de cordialidade já tinha uma ambiguidade, digamos, inerente. Com a eliminação de um trecho do quinto capítulo em que a cordialidade era aproximada à tese de *Casa-grande & senzala* sobre o "equilíbrio de antagonismos", surge uma nova camada de complexidade para a compreensão do livro.

Essas e muitas outras dimensões da variação - e também da permanência - de argumentos no livro vêm sendo mais exploradas nos últimos anos. É bom lembrar que o texto original esteve indisponível no mercado por 80 anos, exceção

emérito da USP e UNESP, e doutor honoris causa da Unicamp. Foi crítico da revista *Clima* (1941-4) e dos jornais *Folha da Manhã* (1943-5) e *Diário de São Paulo* (1945-7). Na vida política, participou de 1943 a 1945 na luta contra a ditadura do Estado Novo no grupo clandestino Frente de Resistência. Escreveu o clássico *Parceiros do Rio Bonito* (1964). Sobre ele, conferir as entrevistas "A literatura é um direito do cidadão, um usufruto peculiar", concedida por Flávio Aguiar à **IHU On-Line** nº 278, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, e "Antonio Candido e a crítica cultural contemporânea", concedida por Célia Pedrosa à **IHU On-Line** nº 283, de 24-11-2008, intitulada *As Ciências Sociais, hoje. Os 50 anos do curso de Ciências Sociais da Unisinos*. (Nota da **IHU On-Line**)

10 Rui Esteves Ribeiro de Almeida Couto (1898-1963): mais conhecido simplesmente como Ribeiro Couto, foi um jornalista, magistrado, diplomata, poeta, contista e romancista brasileiro. Foi membro da Academia Brasileira de Letras desde 28 de março de 1934 (ocupando a vaga de Constâncio Alves na cadeira 26), até sua morte. (Nota da **IHU On-Line**)

11 Gilberto Freyre (1900-1987): escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA) e o Prêmio Internacional La Madoninna, em 1969. Entre seus livros, citamos: *Casa grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*. Sobre Freyre, confira o **Cadernos IHU** nº 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações*, disponível em <http://bit.ly/cadihu06>. (Nota da **IHU On-Line**)

feita aos raros exemplares disponíveis em sebos. A edição crítica de *Raízes de Brasil*, organizada por Lília Schwarcz e Pedro Meira Monteiro, publicada pela Companhia das Letras, é uma boa obra que, pela primeira vez, permite ao público leitor o acesso ao texto do livro em todas as suas variações. Creio que isso enriquecerá a reflexão sobre a obra.

IHU On-Line - Como compreender a "Nossa revolução" sobre a qual fala o autor no capítulo final do livro? Quais as questões de fundo presentes nesse texto que podem inspirar a pensar o Brasil de hoje?

Luiz Feldman - O capítulo final de *Raízes do Brasil* é intitulado, desde a edição original, "Nossa revolução". Seu propósito é discutir as implicações da desagregação da ordem rural colonial, cujo ápice é

a Abolição da escravatura em 1888. Como disse, a solução política oferecida pelo livro varia entre as edições de 1936 e 1948, o que afeta a extensão e a intensidade dessa revolução. A ênfase do argumento passa do "contraponto" para a "revolução", com a eliminação de trechos que defendiam o papel construtivo da tradição e o acréscimo de passagens que indicam a aceleração do ritmo da urbanização e abrem a perspectiva da ascensão das classes populares ao poder. Paradoxalmente, quanto mais rápidas e profundas as transformações, maior parece ser o obstáculo representado pela tradição ibérica - ou ao menos a impaciência que ele desperta.

É nesse contexto, aliás, que *Raízes do Brasil* passaria a ser celebrado como uma obra progressista, defensora da ruptura com o passado. Essa posição, que só surgiu em

1948, seria atribuída por muitos comentadores do livro já à edição de 1936, que assumiu indevidamente, por isso, ares de pioneirismo democrático na antevéspera do Estado Novo.

De modo geral, Sérgio Buarque tinha uma grande desconfiança frente a tentativas de reforma política e de engenharia jurídica que pretendessem fazer tábula rasa da história do país, e nunca apagou do livro as advertências a esse respeito. Sentia que a "nossa revolução" era assombrada pela "grande tradição brasileira". Nesse ponto, um resenhista da edição original acertou ao dizer que ela era marcada por um "ceticismo sereno". Era a atitude de Sérgio Buarque ao defender aquele contraponto, paciente mas também prudente, entre a civilidade, que nos moderniza, e a cordialidade, que nos singulariza no concerto das nações. ■



ENTREVISTA DO DIA

As mais recentes entrevistas realizadas pela equipe do **IHU**.

Confira uma nova entrevista por dia.



Os limites de *Raízes do Brasil* para cartografar o hoje

Luís Augusto Fischer diz que o livro oferece bons palpites para se entender o país, mas alerta para os riscos de o ter como mapa para ler a atual situação

Por João Vitor Santos

O professor de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS Luís Augusto Fischer caracteriza o texto de *Raízes do Brasil* como ensaístico e de voo panorâmico. Já Sérgio Buarque de Holanda, autor da obra, é visto por Fischer como "um sujeito muito lido e muito inteligente". Para ele, são ingredientes, essencialmente para a época, que fazem com que o livro traga "vários bons palpites sobre o nosso país". Fischer acolhe o *homem cordial* como um desses "bons palpites". Porém, alerta para os riscos de tomar a obra como salvação, capaz de fornecer todo o entendimento sobre o Brasil de hoje. "Tomar o livro como mapa para ler a situação atual é terrivelmente problemático", sinaliza.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, Fischer tece sua crítica a partir de marcos temporais. "Depois de 48 [1948, ano da primeira edição] as condições críticas são muito diversas das que ele experimentou ao conceber e escrever o livro". E segue com questões que ou são postas de forma muito inebriadas ou sequer são referidas. "Se por um lado [a obra] ilumina um pouco o cenário, por outro tende a obscurecer todo um lado de nossa história, por exemplo o lado das lutas sociais, dos conflitos entre estado

e sociedade, assim como tende a suprimir qualquer aspecto de classe, por exemplo para mostrar a distância entre elites rentistas e população trabalhadora, em especial os que não têm acesso aos mecanismos de decisão", analisa. E completa: "há no livro ausências notáveis, que não sei como se podem explicar. Por exemplo: ele não cita, em nenhum momento, nada da obra de Euclides da Cunha". O professor, ainda sobre a "ausência" de Cunha, se diz impressionado negativamente com "o modo como Sérgio Buarque, em *Raízes do Brasil*, não tenha se valido do registro literário".

Luís Augusto Fischer é doutor, mestre e graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, onde leciona. É autor de vários livros, entre eles *Dicionário de porto-alegrês* (Porto Alegre: L&PM Editores), *Literatura gaúcha - História, formação e atualidade* (Porto Alegre: Leitura XXI) e *Inteligência com dor - Nelson Rodrigues ensaísta* (Porto Alegre: Arquipelago Editorial). Fez a edição anotada de *Contos gauchescos e Lendas do Sul* (Porto Alegre: L&PM Editores), de Simões Lopes Neto, e de *Antônio Chimento* (Caxias do Sul: Editora Belas Letras), de Amaro Juvenal.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que chaves de leitura *Raízes do Brasil* oferece para compreender as questões de fundo contidas nas movimentações políticas e sociais no país hoje?

Luís Augusto Fischer - Sendo um livro ensaístico, de voo panorâmico,

escrito por um sujeito muito lido e muito inteligente, e ainda mais por um jovem pensador que vinha de uma experiência radicalmente contrastiva (viveu mais de um ano na Alemanha, no começo da década de 1930), é claro que o livro oferece vários bons palpites sobre o nosso país. O primeiro é a

famosa tese do "homem cordial", que seria uma marca do brasileiro - ele usa sem medo uma generalização que hoje ninguém mais aceita, num nível exigente de debate -, quer dizer, que todos nós agimos e reagimos antes pelo coração do que pela razão. Essa tese tem vários desdobramentos no interior



No processo de impeachment, por exemplo, foi possível ver como as leis são aplicadas de modo desigual conforme o alvo e conforme a conjuntura política imediata

do livro, um dos quais, sem ir mais longe, é a percepção de que no Brasil não conseguimos ter um Estado, uma organização de Estado que se reja por leis impessoais, válidas para todos, universalmente, tal como preconizou todo o Iluminismo. No processo de impeachment, por exemplo, foi possível ver como as leis são aplicadas de modo desigual conforme o alvo e conforme a conjuntura política imediata.

IHU On-Line - E para época em que foi publicado pela primeira vez, o que representou o livro?

Luís Augusto Fischer - Sem dúvida teve um grande papel, por intuições, impressões e raciocínios como esses acima mencionados, mas também por dedicar-se a pensar sobre a relação entre indivíduo e Estado, matéria que no Brasil ainda engatinhava, particularmente na República. Também deve ter agradado, acrescento na contramão, por se tratar de um texto relativamente obscuro, truncado, com passagens cifradas, muitas vezes adornadas por citações em língua estrangeira rara (alemão, por exemplo), o que sempre dá cartaz...

IHU On-Line - Quais os limites dessa obra de Holanda para compreender o Brasil?

Luís Augusto Fischer - Uma obra ensaística de 80 anos naturalmente está velha, em muitos aspectos. Livros digamos mais objetivos e menos deliberadamente interpretativos, como narrativas historiográficas, também envelhecem, mas em outro ritmo e segundo ou-

tras leis. (A ficção também, mas em uma terceira forma.) O caso de *Raízes*, de todo modo, não é totalmente transparente, porque, primeiro de tudo, o livro que lemos não é o de 36, e sim o de 48, muitíssimo diferente do anterior (e mesmo o de 48 ainda teve outras três pequenas revisões).

Analistas dedicados ao assunto, como Leopoldo Waizbort¹, demonstram que na primeira edição as posições do autor e as teses desse livro estavam em uma vizinhança agora incômoda com posições totalitárias. Por outro lado, vale a pena considerar tudo que Sérgio Buarque não sabia do Brasil do futuro pós-1936, ou pós-48: depois disso a universidade brasileira começou efetivamente a existir, a canção brasileira virou uma das artes mais relevantes do Ocidente (Bossa Nova, Tropicalismo, samba em geral etc.), saiu praticamente toda a obra de Guimarães Rosa² e Nelson

¹ **Leopoldo Waizbort**: professor titular do Departamento de Sociologia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP. Graduado em Ciências Sociais pela USP, onde também fez o mestrado e doutorado, assim como a livre-docência na mesma área. Trabalha na área de sociologia, com ênfase em teoria sociológica, sociologia da cultura, história da sociologia, antropologia histórica e sociologia da música. (Nota da **IHU On-Line**)

² **João Guimarães Rosa** (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las num realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os num discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil.

Rodrigues³, para ficar em alguns exemplos.

E mais: depois de 48 as condições críticas são muito diversas das que ele experimentou ao conceber e escrever o livro. Já a fantasia totalizante implicada duas vezes no título - não apenas "Brasil" é tomado como uma coisa obviamente unitária, como o livro se julga capaz de descrever ou apontar nada menos que suas "raízes", sem modulação - só é concebível naquele momento, e por isso tomar o livro como mapa para ler a situação atual é terrivelmente problemático. Pensemos, sem ir mais longe, no atual debate sobre o lugar dos ameríndios, das mulheres e dos afrodescendentes na formação social do país, e pensemos no que Sérgio Buarque podia saber e pensar, por mais inteligente e lido que fosse.

Entre suas obras, citamos: *Sagarana*, *Corpo de baile*, *Grande sertão: veredas*, considerada uma das principais obras da literatura brasileira, *Primeiras estórias* (1962), Tutaméia (1967). A edição 178 da **IHU On-Line**, de 02-05-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título "*Sertão é do tamanho do mundo*", 50 anos da obra de João Guimarães Rosa, disponível para download em <http://migre.me/qQX8>. De 25 de abril a 25-05-2006 o IHU promoveu o *Seminário Guimarães Rosa: 50 anos da obra de João Guimarães Rosa: Veredas*. Confira, ainda, a edição 275 da revista **IHU On-Line**, de 29-09-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <http://bit.ly/mBZOce>. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Nelson Falcão Rodrigues** [Nelson Rodrigues] (1912-1980): dramaturgo, jornalista e escritor brasileiro. Foi repórter policial durante longos anos, período em que acumulou uma vasta experiência para escrever suas peças a respeito da sociedade. Sua primeira peça foi *A Mulher sem Pecado*, que lhe deu os primeiros sinais de prestígio dentro do cenário teatral. O sucesso veio com *Vestido de Noiva*, que trazia, em matéria de teatro, uma renovação nunca vista nos palcos brasileiros. Com seus três planos simultâneos (realidade, memória e alucinação) construíam a história da protagonista Alaíde, as inovações estéticas da peça iniciaram o processo de modernização do teatro brasileiro. A consagração se seguiu com vários outros sucessos, transformando-o no grande representante da literatura teatral do seu tempo, apesar de suas peças serem tachadas à época, muitas vezes, como obscenas, imorais e vulgares. Em 1962, começou a escrever crônicas esportivas, transparecendo sua paixão por futebol. Politicamente, foi um conservador. Apoiou a ditadura militar e combateu a oposição ao regime. Chegou a afirmar que Nixon havia ensinado ao Brasil a ver que o general Emilio Garrastazu Médici era o maior presidente brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - O homem cordial é um dos conceitos de Holanda que mais geraram controvérsias e interpretações. Como o senhor apreende esse conceito e de que forma essa *cordialidade* é manifestada na sociedade brasileira?

Luís Augusto Fischer - Um pouco já falei acima: me parece que se trata de uma boa ideia, tomada em um nível aberto e amplo. (E claro que não faz sentido a leitura equivocada que pensava que "cordial" fosse sinônimo de "amistoso", sentido absolutamente ausente do livro desde sua primeira edição. Quem diz o contrário é porque não conhece o texto.) A partir desse plano, é preciso modular e restringir o alcance do livro e dessa tese, porque, por exemplo, ela vem expressa com uma certa dose de fatalismo, típica de uma visada de época, ligada ao que se chamava de "psicologia dos povos", como se tal coisa fosse cabível, ainda mais num país novo e numa sociedade altamente irregular e em trânsito como a brasileira.

Dito isso, a tese/impressão sobre o homem cordial como sendo uma característica brasileira tem sentido genérico, por exemplo quando se compara a experiência cotidiana trivial (turística, por exemplo) do Rio de Janeiro com a de Paris, digamos: de fato, nesse nível "o brasileiro" é mais cordial, quer dizer, mais suscetível a agir pelo coração do que pela razão e, portanto, de modo menos universalista, em comparação direta com o cidadão parisiense regular.

IHU On-Line - Ao longo de sua obra, Holanda destaca o aspecto personalista do brasileiro, pouco dado às relações institucionais e com muitas tendências a pessoalizar as relações. Quais os limites e as consequências dessa perspectiva?

Luís Augusto Fischer - Como disse, isso não pode ser lido agora como sendo uma dádiva do céu, ou do inferno, mas como um elemento da configuração histórica do país. E nessa medida a tese, se por um lado ilumina um pouco o cená-

rio, por outro tende a obscurecer todo um lado de nossa história, por exemplo o lado das lutas sociais, dos conflitos entre estado e sociedade, assim como tende a suprimir qualquer aspecto de classe, por exemplo para mostrar a distância entre elites rentistas e população trabalhadora, em especial os que não têm acesso aos mecanismos de decisão.

“**Posso imaginar que ele tenha sido entendido como algo relativo àquele mundo lá de cima, do Brasil, quer dizer, do centro do país, e assim deve ter passado meio batido [no RS]**”

Não estou com isso demonizando nem o livro, nem as elites em geral, nem estou endeusando os trabalhadores, mas me parece claro que uma coisa é ver o que as elites rentistas fazem na gestão do Estado brasileiro, nomeadamente agora com Temer⁴, e outra é ver como agem os miseráveis que dependem de bolsa-família. Ou então, para ficar ainda mais claro, ver como agem e reagem os controles de corrupção dos grandes e dos pequenos - Odebrecht e alta

4 Michel Miguel Elias Temer Lulia [Michel Temer] (1940): político e advogado brasileiro, ex-presidente do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). É o atual presidente do Brasil, após a deposição por impeachment da presidenta Dilma Rousseff naquilo que inúmeros setores nacionais e internacionais denunciam como golpe parlamentar. Foi deputado federal por seis legislaturas e presidente da Câmara dos Deputados por duas vezes. (Nota da **IHU On-Line**)

política, de vários partidos, versus os bolsa-família.

IHU On-Line - Em termos de produção literária, o que representa *Raízes do Brasil*?

Luís Augusto Fischer - É uma peça retórica interessante, mas com aquelas restrições que apon-tei acima, um certo pernosticismo e uma certa obscuridade, que fazem parte do charme do livro, creio.

IHU On-Line - Como o livro é/ foi recebido no Rio Grande Sul, no caldo da cultura da identidade do gaúcho?

Luís Augusto Fischer - Não tenho ideia específica, não sei de comentários de época, mas posso imaginar que ele tenha sido entendido como algo relativo àquele mundo lá de cima, do Brasil, quer dizer, do centro do país, e assim deve ter passado meio batido, sem chegar a cutucar a percepção dos intelectuais daqui de modo mais forte ou nítido.

IHU On-Line - O que o *homem cordial* pode suscitar em reflexões sobre a empáfia e, até certo ponto, a arrogância do gaúcho?

Luís Augusto Fischer - Só posso especular, sem ter desenvolvido nenhum estudo nesse tema. Uma das coisas interessantes do processo republicano gaúcho foi sua radicalidade política - não estou entre os que celebram tudo que aconteceu aqui, porque o autoritarismo de Júlio⁵ e

5 Júlio de Castilhos (1860-1903): Político gaúcho. Em 15 de julho de 1891, foi eleito Presidente do estado do Rio Grande do Sul. Com a queda de Deodoro da Fonseca, foi deposto em 3 de novembro do mesmo ano. Pouco mais de um ano depois, Júlio de Castilhos disputa uma eleição (sem concorrentes) e volta a ocupar o antigo posto. Empossado em 1893, contém a Revolução Federalista, de tendência parlamentarista e liderada por Gaspar Silveira Martins. Sobre Júlio de Castilhos, confira a edição 14 dos **Cadernos IHU ideias**, intitulado *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS*, de autoria de Gunter Axt, ano 2003, e a revista **IHU On-Line** com o título *Júlio de Castilhos: Um Centenário*, nº 78, de 06-10-2003. (Nota da **IHU On-Line**)

Borges⁶ foi uma coisa apavorante, e eu gostaria que a democracia representativa tivesse tido mais força, ao contrário do que ocorreu e que era preconizado por Comte⁷ e seguido pelos dois líderes mencionados, que achavam o parlamento uma perda de tempo ou uma manobra liberal diversionista. Mas é certo que em um aspecto a força da lei me parece ter tido aqui mais universalidade do que no Rio, na antiga Corte, e talvez isso se deva em parte do modo específico de nosso republicanismo gaúcho. Quero dizer, em suma, que aqui talvez tenha havido mais uniformidade na aplicação da lei do que noutras partes do país, no período da chamada República Velha (nome ruim, por sinal, que deveria ser abolido em favor de Primeira República, por exemplo).

IHU On-Line - *Raízes do Brasil* se revela como uma obra em construção, dada a visibilidade ao processo de revisão que o autor faz ao longo dos anos. O que esses movimentos de revisão revelam

6 **Borges de Medeiros** (1863-1961): político gaúcho. Foi presidente do estado do Rio Grande do Sul, indicado por Júlio de Castilhos. Procurou dar continuidade ao projeto político do castilhismo, do qual foi um dos maiores representantes e fiel executor do positivismo. Manteve-se no poder de 1898 até 1928, e sua única interrupção como governante ocorreu no quinquênio de 1908-1913. Sobre Borges de Medeiros, confira a edição 14 dos **Cadernos IHU ideias**, intitulado *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS*, de autoria de Gunter Axt, ano 2003. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Augusto Comte** (1798-1857): filósofo e pensador social francês. Fundou a escola filosófica conhecida como positivismo e criou um conceito de ciência social a que deu o nome de sociologia. O positivismo comtiano afirma que a verdade da ciência é indiscutível e demonstrável universalmente. (Nota da **IHU On-Line**)

sobre a obra? E, em termos metodológicos, o que essa experiência inspira?

Luís Augusto Fischer - Não sou sociólogo, logo não sei discutir as questões metodológicas que o livro implica. Mas é certo que o processo de revisão, muito variado e forte, meio que acompanhou algumas das mudanças no debate brasileiro. Por outro lado há coisas que permaneceram em todas as versões que me parecem muito desconfortáveis para um livro - não para ele em si, porque afinal o livro é o que seu autor escreveu e revisou, mas os que o levam tão a ponta de faca, ou que o tomam como oráculo (me parece haver essa atitude entre seus leitores - e aqui aproveito para um parêntese do parêntese: a obra de Sérgio Buarque é muitíssimo superior à *Raízes do Brasil*, livro que a rigor tem fama grande mas representa a menor parte da contribuição do autor para a historiografia, a crítica literária e o pensamento brasileiros).

Basta ver as passagens francamente antipovo, ou antipopulares, que o livro manteve ao longo do tempo, como é o caso de cap. 6 e a crítica que o autor faz ao que considera uma demagogia - a alfabetização massiva como um dos pré-requisitos para o Brasil mudar. Sim, ele diz isso, exatamente isso: ele ironiza os que acreditam que alfabetizar em massa seja em si um bem, e chega a dizer, com pouca modulação, que isso pode ser comparado a botar arma na mão de cegos.

Por outro lado, mas na mesma direção, há no livro ausências notáveis, que não sei como se podem explicar. Por exemplo: ele não

cita, em nenhum momento, nada da obra de Euclides da Cunha⁸, e nós sabemos que depois de 1902, quando saiu *Os sertões*⁹, não é possível, nem é admissível, que uma pessoa culta fale do Brasil, como generalidade, sem levar em conta aquele relato e aquela acusação, que Euclides faz literalmente, uma acusação de que o Brasil litorâneo não sabe o que se passa no sertão, e que no entanto se permite destruir, como mercenário da indústria bélica ocidental. Aliás, em sentido amplo, me impressiona muito, negativamente, o modo como Sérgio Buarque, em *Raízes do Brasil*, não tenha se valido do registro literário - e ele era um importante crítico literário daquele momento, com militância forte no Rio e em São Paulo - para pensar o Brasil. Mistério.■

8 **Euclides da Cunha** (1866-1909): engenheiro, escritor e ensaísta brasileiro. Entre suas obras, além de *Os Sertões* (1902), destacam-se *Contrastes e confrontos* (1907), *Peru versus Bolívia* (1907), *À margem da história* (1909), a conferência *Castro Alves e seu tempo* (1907), proferida no Centro Acadêmico XI de Agosto (Faculdade de Direito), de São Paulo, e as obras póstumas *Canudos: diário de uma expedição* (1939) e *Caderneta de campo* (1975). Confira a edição 317 da **IHU On-Line**, de 30-11-2009, intitulada *Euclides da Cunha e Celso Furtado. Demiurgos do Brasil*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon317>. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Os Sertões**: livro brasileiro, escrito por Euclides da Cunha e publicado em 1902. Trata da Guerra de Canudos (1896-1897), no interior da Bahia. Euclides da Cunha presenciou uma parte desta guerra como correspondente do jornal O Estado de S. Paulo. Pertence, ao mesmo tempo, à prosa científica e à prosa artística. Pode ser entendido como uma obra de Sociologia, Geografia, História ou crítica humana, mas não é errado lê-lo como uma epopeia da vida sertaneja em sua luta diária contra a paisagem e a incompreensão das elites. O crítico literário Alexei Bueno considera *Os Sertões* uma das três grandes epopeias da língua portuguesa, podendo ser comparada à *Iliada* - assim como *Os Lusíadas* podem ser comparados à *Eneida* e *Grande Sertão: Veredas*, à *Odisseia*. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS

- *Bravata é a mais legítima expressão do gaúcho*. Entrevista com Luís Augusto Fischer, publicada na revista **IHU On-Line**, número 493, de 19-9-2016, disponível em <http://bit.ly/2ghwgMQ>.
- *Machado "nunca foi um lutador de praça pública"*. Entrevista com Luís Augusto Fischer, publicada na revista **IHU On-Line**, número 275, de 29-9-2008, disponível em <http://bit.ly/2fyjKRS>.

A insistência da cordialidade

Robert Wegner observa como o homem cordial segue firme e forte no Brasil, numa sociedade hierárquica e que resiste a encarar e combater as desigualdades

Por João Vitor Santos

O cientista social Robert Wegner destaca que Sérgio Buarque de Holanda escreve *Raízes do Brasil* no contexto de um Brasil dos anos 30, vindo de uma sociedade baseada em três pilares: latifúndio, monocultura e escravidão. A abolição da escravidão, em 1888, faz esses pilares balançarem, mas os efeitos só são sentidos no tempo de Sérgio. É quando, segundo Wegner, tem-se a impressão de que a democracia política ou democracia social chega para ficar. Mas é só impressão, na verdade é um problema ainda não resolvido. “No Estado Novo tivemos avanço nos direitos sociais sem democracia política e sem garantia dos direitos civis. Durante o governo JK, tivemos uma sociedade democrática, com direitos civis e direitos políticos, incapaz de realizar a reforma agrária defendida pela esquerda e pelos liberais”, contextualiza o cientista, na entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.

E, de lá para, analisa Wegner, persiste a dificuldade da sociedade brasileira em “conciliar liberdade e igualdade”. “Para Sérgio Buarque, o *homem cordial* não caiu do céu”, completa o professor, ao lembrar que é nesse caldo que

emerge o conceito desse sujeito enraizado na hierarquização e pouco preocupado com as desigualdades.

Na perspectiva de Wegner, o preço pelo fato de o Brasil não resolver esse problema é a perpetuação do *homem cordial* na sociedade e na política nacional. “O caso mais recente foi o do ministro do governo, Geddel Vieira, a justificar as pressões feitas sobre o ex-ministro da Cultura Marcelo Calero”, exemplifica. É assim, segundo Wegner, que o Brasil segue como “uma sociedade hierárquica, vale dizer, cordial”.

Robert Wegner é graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná, realizou seu mestrado e doutorado em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. É pesquisador da Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz. É professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde - COC/Fiocruz. Na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, é professor do Departamento de Ciências Sociais e do Departamento de História.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - No que a leitura de *Raízes do Brasil* pode inspirar a pensar o Brasil de 2016?

Robert Wegner - *Raízes do Brasil* nunca é o mesmo livro. Em primeiro lugar, em um sentido mais concreto, poucos livros passaram por tantas mudanças. Sérgio Buarque fez diversas modificações no texto desde a primeira edição, de 1936, até a 5ª edição, de 1969. Estas mu-

danças e os sentidos delas geram uma série de debates entre os estudiosos da obra de Sérgio Buarque de Holanda e os estudiosos dos intérpretes do Brasil em geral. Finalmente, no ano em que completa 80 anos, graças à iniciativa de Lília Schwarcz e Pedro Monteiro, *Raízes do Brasil* ganhou uma edição crítica onde aparecem todas essas mudanças.

Em segundo lugar, em sentido mais geral, iria dizer mais abstrato, *Raízes do Brasil* continua se modificando. Quer dizer, todos os livros mudam a partir da experiência concreta da leitura. Como os leitores mudam, os livros nunca são os mesmos. Mas acredito que vivenciamos isso com *Raízes do Brasil* de modo mais radical. Como ele foi escrito como um ensaio que fazia perguntas para as quais não



Meu palpíte era que a intenção de Sérgio era a inversa. Não tratar o homem cordial como algo estanque

dava respostas fechadas, seus comentários podem sempre ser articulados de novas maneiras, mais ou menos como acontece quando você balança um caleidoscópio.

IHU On-Line - Desde as perspectivas das Ciências Sociais, qual o legado de Raízes do Brasil?

Robert Wegner - Falando do ponto de vista estritamente conceitual, nenhum. Sérgio Buarque de Holanda foi o primeiro autor a citar a obra de Max Weber¹ no Brasil e o primeiro a utilizar tipos ideais weberianos para pensar o Brasil, como o "patrimonialismo". Além de autores alemães, Sérgio conhecia bem sociólogos norte-americanos. Então ele articula conceitos de todos esses autores.

Mas a verdadeira contribuição dele é menos conceitual do que a de propor o exercício de pensar o Brasil com Weber. Na tese clássica de Weber, nas suas origens, o capitalismo moderno tem uma afinidade eletiva com o protestantismo, que provocou uma revolução interior nos seus crentes. A partir

da conversão, o protestante passa a fazer uma distinção entre o mundo exterior e o mundo interior, decide moldar o seu mundo interior a partir dos desígnios de deus e, a partir disso, transformar o mundo exterior a sua imagem e semelhança. A personalidade moldada a partir daí, na bigorna de deus, era a que estava apta para se submeter ao ideal de neutralidade científica acima dos sentimentos, transformar a natureza a partir da tecnologia produzida pelo homem e submeter-se a leis abstratas colocadas acima dos seus interesses.

O "homem cordial", para Sérgio Buarque, diz respeito a nós, brasileiros e brasileiras, que não passamos por aquela revolução interior protestante. E o livro é uma reflexão sobre o que seria da nossa sociedade, que tentava seguir o modelo do capitalismo ocidental, mas que seus indivíduos não estariam aptos a fazer ciência, não tinham interesse em transformar o mundo pelo trabalho e não viam porque deveriam se submeter a leis abstratas e abrir mão das suas vontades imediatas. Que tipo de capitalismo poderia surgir a partir daí?

IHU On-Line - Em sua obra, Holanda fala de um Brasil do século XIX que estaria em franca desintegração. Como compreender essa desintegração que analisa e em que medida é possível associar ao atual momento político, econômico e social do país?

Robert Wegner - Para Sérgio Buarque, toda a sociedade brasileira, sua economia e suas instituições políticas, estava baseada no tripé latifúndio, monocultura e escravidão. No decorrer do século XIX

e especialmente com a abolição da escravidão, em 1888, esta sociedade não seria mais a mesma. Sérgio Buarque escreve na década de 1930, quando, para ele, estas mudanças estavam sendo vivenciadas de modo mais definitivo. Entre 1889 e 1930, durante a primeira república, a estrutura da sociedade brasileira não se modificou tanto, mas a partir de 1930, sim.

De lá para cá, parece que temos ou democracia política ou democracia social. Por exemplo, no Estado Novo² tivemos avanço nos direitos sociais sem democracia política e sem garantia dos direitos civis. Durante o governo JK³ tivemos uma sociedade democrática, com direitos civis e direitos políticos, incapaz de realizar a reforma agrária defendida pela esquerda e pelos liberais. Nossa dificuldade é conciliar direitos civis, direitos políticos e direitos sociais. Dificuldade de conciliar liberdade e igualdade.

IHU On-Line - É possível afirmar que o homem cordial enfraquece as instituições democráticas? Por quê?

Robert Wegner - Sim. Conceitualmente, o *homem cordial* é aquele que não vê porque deveria se submeter a leis que valham para todos igualmente, a seguir normas burocráticas, a distinguir o bem público dos interesses privados. Não é possível que instituições democráticas funcionem desse modo.

² **Estado Novo:** Período autoritário da história do Brasil, que durou de 1937 a 1945. Foi instaurado por um golpe de Estado que garantiu a continuidade de Getúlio Vargas à frente do governo central, tendo a apoiá-lo importantes lideranças políticas e militares. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Juscelino Kubitschek de Oliveira** (1902-1976): médico e político brasileiro, conhecido como JK. Foi presidente do Brasil entre 1956 e 1961, sendo o responsável pela construção de Brasília, a nova capital federal. Juscelino instituiu o plano de governo baseado no slogan "Cinquenta anos em cinco", direcionado para a rápida industrialização do País (especialmente via indústria automobilística). Além do progresso econômico, no entanto, houve também um grande aumento da dívida pública. Sobre JK, confira a edição 166, de 28-11-2005, *A imaginação no poder. JK, 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/ihuon166>. (Nota da **IHU On-Line**)

¹ **Max Weber** (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a **IHU On-Line** dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-5-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon101>. De Max Weber o **IHU** publicou o **Cadernos IHU em Formação** nº 3, 2005, chamado *Max Weber – o espírito do capitalismo* disponível em <http://bit.ly/ihuemo3>. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do *I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*, promovido pelo **IHU**, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Que *homem cordial* vive hoje no cenário político brasileiro?

Robert Wegner - O caso mais recente foi o do ministro do governo, Geddel Vieira⁴, a justificar as pressões feitas sobre o ex-ministro da Cultura Marcelo Calero⁵ para que intervisse na decisão técnica do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico - IPHAN e liberasse a construção de um prédio de 30 andares perto do centro histórico de Salvador. Em primeiro lugar, é

4 Geddel Quadros Vieira Lima [Geddel Vieira Lima] (1959): administrador de empresas, pecuarista, cacauicultor e político do PMDB nascido na Bahia. Ex-deputado federal eleito cinco vezes consecutivas (mandatos de 1991 a 2011), licenciou-se da função parlamentar entre 2007 e 2010 para exercer o cargo de ministro da Integração Nacional do governo Lula. Vice-presidente de Pessoa Jurídica da Caixa Econômica Federal entre 2011 e 2013. Foi diretor da corretora do Banco do Estado da Bahia (Baneb), entre 1983 a 1984, assessor da Casa Civil da prefeitura de Salvador, entre 1988 e 1989, diretor da Empresa Baiana de Águas e Saneamento (Embasa), em 1989, e presidente da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) da Bahia, em 1990. Em maio de 2016, o então presidente interino Michel Temer convidou Geddel para o posto de ministro-chefe da Secretaria de Governo. Em novembro de 2016, se envolveu no episódio que culminou na saída do então ministro da Cultura, Marcelo Calero, que alegou receber pressão de Geddel para liberar um empreendimento imobiliário na Bahia cuja obra foi embargada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), subordinado ao Ministério da Cultura. Geddel comprou um apartamento neste empreendimento e nega a acusação. Depois da repercussão do caso, Geddel acabou deixando o cargo. (Nota da **IHU On-Line**)

5 Marcelo Calero Faria Garcia (1982): diplomata brasileiro, graduado em Direito na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Foi ministro da Cultura do governo Michel Temer. Foi secretário de Cultura da prefeitura do Rio de Janeiro e presidente do Comitê Rio 450, órgão criado pelo governo municipal para organizar a celebração do 450º aniversário da cidade. Deixou a secretaria para assumir a Secretaria de Cultura do Ministério da Educação no início do governo Temer e que, depois de pressão, retomou o status de ministério (MinC). Em 18 de novembro de 2016, pediu demissão do cargo de ministro da Cultura em decorrência de divergências com membros do governo Michel Temer, especialmente Geddel Vieira Lima, titular da Secretaria de Governo, que estava pressionando para obter a liberação de um empreendimento imobiliário em Salvador. Geddel comprou um apartamento neste edifício. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), órgão subordinado ao Ministério da Cultura, embargou a obra. (Nota da **IHU On-Line**)

claro que Geddel argumentou que estava agindo em nome de um bem geral, em nome do desenvolvimento econômico que beneficiaria a todos, mas trata o fato de que ele seria diretamente favorecido como um mero detalhe. Mais eloquente do que as suas palavras, é a naturalidade com que as pronuncia. Em segundo lugar, ele naturaliza o fato de ter tentado modificar uma decisão técnica de um órgão do Estado.

“O tiro de misericórdia só podia – ou só pode – ser dado por um ato político dos cidadãos

Para além do momento político e do apoio que a grande imprensa tem dado ao governo Temer, chama a atenção para o fato de que ela não venha dando grande importância ao caso. É como se fosse esperado de um político que fizesse isso. A imprensa não abandonou o caso por causa dos desdobramentos, mas a questão em si, do uso da influência do cargo público para benefício privado, parece não ter sido suficiente, em si mesmo, para reprová-lo.

Se fosse aprofundar o caso, no que diz respeito à imprensa, teria que diferenciar, por exemplo, como a *Folha de S. Paulo* e *O Globo* têm tratado do caso.

IHU On-Line - Qual a importância de pensar na formação cultural para compreender movimentos políticos e econômicos de um país?

Robert Wegner - Este tipo de exercício tem sido muito criticado nas Ciências Sociais contemporâneas, que costuma ser chamado, pejorativamente, de “culturalismo”. Contudo, embora ache muito difícil fazer isso, considero uma tarefa

fundamental, perceber como a cultura afeta a política e a economia e como estas modificam constantemente a cultura.

O perigo é tratar a cultura como algo estanque. Um dos primeiros críticos de *Raízes do Brasil* e do conceito de *homem cordial*, Dante Moreira Leite⁶, apontava para um paradoxo: o conceito de cultura veio se gestando desde fins do século XIX e foi bem sucedido no século XX substituindo as explicações racialistas e biologizantes. Contudo, para ele, o conceito de cultura pode se tornar tão estanque quanto o antigo conceito de cultura. É preciso ficar atento para não fazer isso.

O próprio Sérgio Buarque chegou a dizer, diversas vezes, que caiu nessa armadilha. Mas podemos fazer uma leitura muito mais dinâmica do seu livro.

IHU On-Line - A partir de *Raízes do Brasil*, o que podemos analisar sobre as desigualdades do Brasil?

Robert Wegner - Para Sérgio Buarque, o *homem cordial* não caiu do céu. A explicação sociológica para sua origem era o mundo rural baseado no latifúndio, na escravidão e na monocultura, que gerou a grande família patriarcal, na qual o pai era o senhor que regia seus agregados, sua grande família, a partir dos seus interesses arraigados e das suas caprichosas vontades, a partir dos impulsos do coração. Esta era a gramática que todos, inclusive as mulheres, os filhos, escravos, homens livres aprendiam a falar. Ou seja, o que estruturava esta sociedade que dá origem à cordialidade é uma pro-

6 Dante Moreira Leite (1927-1954): pesquisador, poeta e tradutor brasileiro. Produziu inúmeros artigos, poemas, e traduções que se consagrariam, anos mais tarde, e ainda auxiliam e influenciam a Psicologia Social no Brasil, dos quais destacam-se os manuais de Krech e Crutchfield, Anne Anastasi e Coleman. Entre os livros teóricos traduzidos, estão os de Heider, Asch e Baldwin, dentre tantos. Dante Moreira Leite buscou, também, expandir o restrito vocabulário especializado em Psicologia até então aqui conhecido, em idos de 1970. (Nota da **IHU On-Line**)

funda desigualdade e a naturalização de hierarquias sociais.

Falar de cordialidade hoje, no mundo rural e no mundo urbano, nas classes médias, é falar na resistência à diminuição das desigualdades sociais. Não se deve reduzir a oposição aos governos do PT a isso, pois há muitos outros motivos para ser crítico aos anos Lula e Dilma: a corrupção mesmo e o modelo de desenvolvimento completamente desantestado de qualquer preocupação ambiental. Os governos do PT foram desenvolvimentistas com 50 anos de atraso. Contudo, um dos elementos que saltaram aos olhos ao observar a oposição aos governos petistas, seja nas manifestações de rua seja nas redes sociais, foi um incômodo muito grande à redução das desigualdades. Acho que isso explica um pouco o tom raivoso de uma parcela muito grande da oposição.

O Brasil é uma sociedade hierárquica, vale dizer, cordial. Sem o combate à desigualdade, que pode ser feita por outros governos e de outros modos, não é possível uma sociedade liberal e democrática.

IHU On-Line - O senhor já considerou *Raízes do Brasil* "Um ensaio entre o passado e o futuro"? Mas, no Brasil de hoje e iluminado pela obra, que futuro é possível vislumbrar?

Robert Wegner - Quando escrevi este ensaio sobre o ensaio, estava começando a vislumbrar a ideia que Sérgio Buarque estava escrevendo um livro dirigido às classes médias urbanas, pensan-

do mais na dinâmica da sociedade do que na organização do Estado. É bom lembrar que, até a década de 1930, as interpretações do país eram formuladas sempre com a intenção de propor uma determinada forma de organização política. *Casa Grande & Senzala*⁸, publicado por Gilberto Freyre⁹ em 1933, rompe com isso. O livro de Sérgio, três anos depois, também.

Contudo, diferentemente de *Casa Grande & Senzala*, *Raízes do Brasil* discute muito os movimen-

8 Casa Grande & Senzala (1933): escrita pelo escritor, professor, conferencista e deputado federal Gilberto Freyre, a obra *Casa Grande & Senzala* pensa as bases da organização social brasileira e o papel da colonização portuguesa nesse processo. É considerada uma das mais importantes obras de Freyre e já lança os primeiros fundamentos da ideia de Lusotropicalismo – o entendimento de que a mestiçagem é uma característica inata do modo de ser português. Freyre foi o primeiro estudioso na sociologia moderna que resgatou o "mito do paraíso racial", o reconstituindo a partir de um viés científico, tornando-se um dos principais responsáveis pela legitimação científica da ideia da harmonia entre raças no Brasil. A essa conjuntura, o pesquisador acrescenta o caráter hierárquico, mas não político, entre as diferentes raças, o qual também, para o estudioso, não impediria a harmonia racial. Sobre Freyre, confira o Cadernos IHU nº 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações*, disponível em <http://bit.ly/cadihu06>. (Nota da IHU On-Line).

9 Gilberto Freyre (1900-1987): escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA), e o Prêmio Internacional La Madoninna, em 1969. Entre seus livros, destaca-se *Casa grande & Senzala* e *Sobrados e Mocambos*. Sobre Freyre, confira o Cadernos IHU nº 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações*, disponível em <http://bit.ly/cadihu06>. (Nota da IHU On-Line)

tos políticos, desde o integralismo e o comunismo até o liberalismo, passando pelos católicos. No entanto, no fecho do livro, Sérgio Buarque não se define. As resenhas da época eram quase unânimes: Sérgio teria descrito magnificamente bem a psicologia social do brasileiro, como se dizia na época, mas teria falhado em apresentar uma solução política que se adequasse àquela.

Meu palpite era que a intenção de Sérgio era a inversa. Não tratar o *homem cordial* como algo estagnado e se perguntar qual arquitetura política poderia desenhar a sua morada. Mas se dirigir às classes médias urbanas dizendo mais ou menos assim: vocês provêm do mundo rural patriarcal, que é a fonte da cordialidade. Agora, diante das rápidas transformações pelas quais está passando o Brasil, o que vocês querem fazer daquilo que o mundo patriarcal fez de vocês? Os anos 1930 traziam esta oportunidade de redefinição. Ao mesmo tempo em que a descrevia, Sérgio Buarque estava colocando a cordialidade em questão.

Mais tarde, Sérgio Buarque veio a dizer que o *homem cordial* era um defunto. Mas penso que o tiro de misericórdia só podia – ou só pode – ser dado por um ato político dos cidadãos. Por isso que *Raízes do Brasil* é um livro em aberto. Sua interpretação depende da nossa atitude no mundo da política.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Robert Wegner - A cordialidade continua boa para pensar o Brasil, mas há futuros possíveis para além dela. ■

LEIA MAIS

– *Raízes do Brasil: uma obra aberta que convida para o diálogo*. Entrevista com Robert Wegner, publicada na revista IHU On-Line número 205, de 20-11-2006, disponível em <http://bit.ly/2fgtcmX>.

Um processo psicanalítico para rever o Brasil

Para Paulo Gleich, *Raízes do Brasil* ajuda a pensar o país na atualidade e a localizar problemas e questões a serem ampliadas através de outras leituras e diálogos

Por João Vitor Santos

O psicanalista Paulo Gleich considera que *Raízes do Brasil* é uma obra aberta, e isso é fundamental para a leitura do livro. “É um texto que convoca ao diálogo, mais que a propor uma versão verdadeira, definitiva. Há certamente pontos a serem colocados em dúvida em uma leitura contemporânea, como por exemplo a quase ausência da questão dos negros, mas essas faltas não podem ser tomadas como razão para descartar a obra em seu conjunto”, avalia em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.

Fazendo uma aproximação com o processo psicanalítico, Gleich explica que, ao “nos ocuparmos de nossas neuroses atuais, precisamos nos debruçar sobre aquilo que nos antecedeu; não apenas a infância, como diz o senso comum, mas no que se transmite inconscientemente através das gerações”. Algo parecido se verifica “com a vida de um povo: não é possível, para lidar com a situação presente, apenas tentar encontrar nela mesma as chaves de leitura para sua compreensão”. Neste sentido, *Ra-*

ízes tem um papel de destaque, “porque destaca alguns traços que se mantêm e repetem ao longo da história, desde nossas origens coloniais e rurais, e que, se lemos o momento atual com ajuda deles, podemos situá-lo para além do debate mais imediato que geralmente acompanhamos na imprensa e nas redes sociais”.

Em *Raízes*, Sérgio Buarque de Holanda destaca a influência da colonização ibérica, mas, ao tratar dos “antepassados”, repete algo verificado na própria história do Brasil: “fala-se muito pouco de nossas raízes africanas, como se sua presença fosse quase que acessória, talvez pela condição de sujeitos subjugados, instrumentalizados desde o início de sua entrada no país”.

Paulo Gleich é bacharel em Jornalismo e Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre - APPOA e do Instituto APPOA.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - De que forma a leitura de *Raízes do Brasil* pode fornecer pistas para se compreender o país nos dias de hoje?

Paulo Gleich - Acho importante primeiramente situar de onde eu leio e falo, que é como psicanalista - não sou, por exemplo, historiador, economista ou sociólogo, que certamente teriam outras chaves de leitura para essa obra. Mas faço uma leitura também como brasileiro, ou seja, nasci e cresci neste país, e isso me atravessa de várias maneiras que transcendem minha

origem familiar e social mais imediata. Um ponto de confluência entre essas duas leituras - a de um analista e a de um cidadão brasileiro - está nessa ideia das raízes, no reconhecimento de que há algo que nos antecede e que, queiramos ou não, diz muito não apenas dos impasses do momento presente, mas também das formas de ler e enfrentar esses impasses. Em uma análise, para nos ocuparmos de nossas neuroses atuais, precisamos nos debruçar sobre aquilo que nos antecedeu; não apenas a infância, como diz o senso comum, mas no

que se transmite inconscientemente através das gerações.

Algo parecido, embora não seja possível traçar um paralelo direto, também acontece com a vida de um povo: não é possível, para lidar com a situação presente, apenas tentar encontrar nela mesma as chaves de leitura para sua compreensão. Nesse sentido, o Brasil é um pouco como um neurótico que chega ao consultório: consegue talvez até elencar e reconhecer seus problemas, mas tem grande resistência em traçar ligações



O Brasil é um pouco como um neurótico que chega ao consultório: consegue talvez até elencar e reconhecer seus problemas, mas tem grande resistência em traçar ligações disso com o que levou a essa situação

disso com o que levou a essa situação. Quer sempre olhar para o futuro, com vistas a resolver seus impasses, mas com essa ideia, que foi inclusive enunciada no discurso de posse do Temer, de que é preciso deixar o passado para trás e avançar. É uma ideia tentadora, mas infelizmente fadada ao fracasso e à repetição.

Nesse sentido, a leitura de *Raízes do Brasil*, uma obra que se ocupa da história da formação de nossa sociedade, pode trazer muitas pistas sobre o momento atual: permite traçar paralelos - e também diferenças - entre o que enfrentamos hoje e o que já se viveu em tempos anteriores, enriquecendo a leitura de um contexto que, se tomado isoladamente, e não em uma continuidade, acaba sendo limitado e entregue a tecnicismos e interpretações vagas. Nesse sentido, *Raízes* tem um grande mérito porque destaca alguns traços que se mantêm e repetem ao longo da história, desde nossas origens coloniais e rurais, e que, se lemos o momento atual com ajuda deles, podemos situá-lo para além do debate mais imediato que geralmente acompanhamos na imprensa e nas redes sociais.

IHU On-Line - Na perspectiva da *psique*, qual a importância da obra? Quais seus limites e avanços?

Paulo Gleich - Quando se fala em *psique*, geralmente se pensa em algo individual, íntimo, inter-

no, desconectado do social. Essa ideia estava presente em muitos momentos da obra do próprio Freud¹, embora ele tenha feito uma abertura muito importante ao aproximar a psicologia social da individual. Lacan² foi mais adian-

¹ **Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista, fundador da psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Desenvolveu a ideia de que as pessoas são movidas pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX e continuam ainda muito debatidos. A edição 179 da **IHU On-Line**, de 8-5-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível em <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 4-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível em <http://bit.ly/ihuon207>. A edição 16 dos **Cadernos IHU em formação** tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Jacques Lacan** (1901-1981): psicanalista francês. Realizou uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor. Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas ainda assim constitui apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. Confirma a edição 267 da revista **IHU On-Line**, de 4-8-2008, intitulada *A função do pai, hoje. Uma leitura de Lacan*, disponível em <http://bit.ly/ihuon267>. Ainda sobre Lacan, confira as seguintes edições da revista **IHU On-Line**, produzidas tendo em vista o Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”? [ne cède pas sur ton désir]?, realizado em 14 e 15 de agosto de 2009: edição 298, de 22-6-2009, intitulada *Desejo e violência*, disponível em <http://bit.ly/ihuon298>, e edição 303, de 10-8-2009, intitulada *A ética da psicanálise. Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu dese-*

te: afirmou que o inconsciente é o social. Isso quer dizer que somos - embora tenhamos essa ideia moderna do indivíduo como uma mônada, fechado em si mesmo - determinados em grande medida pelo social, pelos discursos que o organizam. Isso é bastante evidente nos dias de hoje com um exemplo simples: as discussões políticas passaram a ocupar vários âmbitos, despertando paixões até então inexistentes, gerando conflitos familiares que até então não estavam colocados. Na época de Freud, na virada do século XIX para o XX, a grande repressão social que havia sobre a sexualidade, sobretudo das mulheres, determinava configurações e sintomas psíquicos que tinham grande expressão naqueles anos, hoje quase inexistentes.

Nesse sentido, ao tratar de traços psicológicos que conformam a psique do brasileiro, a obra avança no sentido de oferecer um distanciamento, um estranhamento com aquilo que é tão natural a ponto de não nos apercebermos. O exemplo talvez mais conhecido, e mais destacado, é o homem cordial, que fala de como se tecem em continuidade as relações familiares, sociais e institucionais no Brasil. Os limites, em termos da psique, é que esses aspectos não configuram uma identidade fechada, assim como não levam em conta os aspectos singulares de “um” brasileiro - o que seria impossível, diga-se. Também poderíamos pensar que, ao ser um livro cuja última edição é de 1967, deixa de fora toda uma série de elementos da modernidade tardia, com o avanço da globalização e da tecnologia e dos movimentos que se deram nas últimas décadas. Porém, se podemos tomar esses aspectos psicológicos em sua parcialidade, como algo que também compõe aspectos da psique, *Raízes* é de grande valor.

IHU On-Line - Em sua obra, Holanda faz movimentos que vão da Psicologia à História Social para tentar compreender a formação

jo”, disponível em <http://bit.ly/ihuon303>. (Nota da **IHU On-Line**)

do brasileiro. Qual a importância desses dois campos para se compreender a constituição de uma ideia de nação? E como isso aparece em *Raízes do Brasil*?

Paulo Gleich - Acho que já falei um pouco dessas questões nas perguntas anteriores, mas talvez possa desdobrar um pouco mais. Começaria, talvez, por interrogar a ideia de nação, que tem vários matizes. Há um aspecto arbitrário, que é uma delimitação territorial e, no nosso caso, linguística. Desse ponto de vista, somos uma nação porque vivemos em um território convencionalizado como Brasil e falamos a mesma língua, o português brasileiro. Uma ideia mais abstrata é a que diz de uma pertença talvez menos concreta, de se reconhecer brasileiro, que é bem mais complexa. O que há em comum entre um colono de origem alemã do interior do Rio Grande do Sul com um ribeirinho da Amazônia? Que compartilha um negro que vive na periferia de uma grande cidade com um fazendeiro rico do Mato Grosso? Provavelmente muito pouco; e talvez as formas de cada um de se reconhecer brasileiro, pertencente a uma nação, sejam muito díspares. Nesse sentido, "o brasileiro" talvez seja uma abstração impossível.

O que *Raízes* tenta é, apesar dessas diferenças talvez intransponíveis, determinar alguns elementos que conformam traços mínimos compartilhados. Nesse sentido, o diálogo entre esses dois campos mencionados é muito rico: a História Social traz elementos que esmiúçam a composição social do país desde suas origens, enquanto a psicologia se ocupa de pinçar os traços de caráter e os ideais que se impuseram a partir dessa composição. Em *Raízes*, Sérgio Buarque de Holanda destaca sobretudo a influência de nossos colonizadores ibéricos, que teriam dado o tom de base sobre o qual se erigiu a polifonia tão diversa que configura essa nação. Nesse sentido, há um movimento parecido com o de um psicanalista: para conhecer melhor a si mesmo, é preciso conhecer melhor os antepassados, pais, avós

etc. *Raízes* se ocupa bastante desses "antepassados", traçando elementos em comum entre os ibéricos (portugueses e espanhóis), mas também as singularidades de cada uma dessas nações, e os efeitos disso na colonização da América. Há, porém, uma repetição no próprio *Raízes* e na nossa história: fala-se muito pouco de nossas raízes africanas, como se sua presença fosse quase que acessória, talvez pela condição de sujeitos subjugados, instrumentalizados desde o início de sua entrada no país. Ainda vivemos os efeitos dessa denegação em nossos dias, e isso certamente ainda terá efeitos no nosso porvir.

IHU On-Line - Como compreender o *outro* que se estabelece na relação entre os colonizadores europeus ibéricos e os povos originais? De que forma esse tipo de relação é atualizada nos dias de hoje?

Paulo Gleich - Tem uma passagem muito interessante sobre isso no livro, que talvez permita tensionar essa ideia do *outro*. Sérgio Buarque de Holanda traz uma descrição dos índios feita pelos colonizadores, onde são descritos como indolentes, extrativistas etc., numa suposta oposição a estes. A grande sacada do autor é que ele aproxima esses dois estranhos, ressaltando que as características denunciadas nos "selvagens" eram justamente valorizadas nos colonizadores: o máximo de resultado pelo mínimo de esforço, o uso da terra para dela extrair suas riquezas. A nobreza não residia no empenho e no trabalho, mas em viver o melhor possível fazendo o mínimo de esforço físico, considerado algo inferior. Essa ideia se aproxima muito da leitura do *outro*, do estranho, feita pela psicanálise: aquilo que situamos no *outro* é, muitas vezes, algo que nos habita, mas que hesitamos em reconhecer como próprio.

Havia, então, esse ponto em comum entre os nativos e os colonizadores, ou ao menos da leitura destes sobre aqueles. Aqueles, porém, continuaram sendo situados

nessa condição de outro radicalmente diferente - embora, como o próprio livro aponta, as relações fossem muito próximas, com miscigenação étnica e linguística. Apesar de habitantes originários desta terra, essa condição não lhes era conferida - o que, 500 anos depois, segue muito parecido. Vemos isso nos atualíssimos conflitos em torno da ocupação dos territórios indígenas por parte dos latifundiários, no desrespeito à legitimidade da forma de vida das populações indígenas, assim como num certo senso comum que simultaneamente idealiza o índio (a ideia do bom selvagem em harmonia com a natureza) e o destitui de sua condição de existência como legítima, assim como ignora as reivindicações dessas populações.

IHU On-Line - O último capítulo de *Raízes do Brasil* é intitulado *Nossa Revolução*, que, seguindo na metodologia de Holanda, inspira a pensar numa revolução a partir do que se dá até aquele momento da História do Brasil. Quais os desafios para se pensar na ideia de revolução hoje, levando em conta todo esse cenário de formação cultural que constitui o *eu* brasileiro apresentado pelo autor?

Paulo Gleich - A ideia de revolução que o autor apresenta é muito interessante, pois se contrapõe ao que normalmente se imagina como revolução: grandes acontecimentos que marcam uma ruptura claramente localizável. A revolução da qual *Raízes* trata é uma revolução lenta, insidiosa, quase subterrânea, marcada por avanços e retrocessos. Pensar nesses termos a revolução brasileira, se aceitamos que ela existe, me parece muito potente, pois exige um trabalho de análise mais minucioso, detido e longitudinal.

Nesse sentido, talvez possamos colocar em questão, por exemplo, as manifestações de 2013, que tanto debate geraram e cujos efeitos estamos ainda por entender. Não se trata de negar seus efeitos, mas talvez, se pensamos com o autor, não lhes conferir a importância revolucionária que em seu momento

se conferiu, como se tudo fosse ser diferente depois - e que era a esperança manifestada por muitos naquele momento. Foram explosões que talvez tenham dado notícias desse processo de revolução mais lento, que diz do embate de forças sempre presente em nossa sociedade, e que aos poucos vai avançando. De uma lógica rural e arcaica que, apesar da forte urbanização das últimas décadas, ainda está muito presente, para uma lógica mais urbana e democrática; de uma cidadania estratificada e classista para uma mais igualitária e horizontal. Não há uma ruptura, os restos de antanho ainda estão muito presentes, mas, mesmo que lentos, há deslocamentos.

IHU On-Line - Holanda destaca no livro a inabilidade do brasileiro no tratamento institucional, quase sempre resvalando para a personalização. Daí a dificuldade de lidar com o Estado. Como observa esse traço cultural?

Paulo Gleich - Temos exemplos de sobra apenas acompanhando o noticiário político. O nepotismo, por exemplo, embora mais combatido que em outros tempos, ainda segue de vento em popa; a cada tanto temos notícias de primos, cunhados, ocupando cargos públicos sem qualificação para tal, e muitas vezes sem sequer comparecer ao trabalho. O exemplo recente da demissão do ministro da Cultura Marcelo Calero³, por pressões de Geddel

Vieira Lima⁴ para que liberasse uma obra em área de preservação histórica por interesses pessoais, é paradigmático. A máquina pública é vista como meio de enriquecimento e obtenção de privilégios pessoais, e quando se questiona isso, diminui-se a importância do fato, como se fosse pouca coisa. Mas isso também é observável na população: a motivação para ocupar um cargo público é, na maioria das vezes, muito mais para ter a tranquilidade de salário e aposentadoria garantidos, do que por uma vocação para servir ao público. Mesmo no meio burocrático, supostamente impessoal e igual para todos, vale essa lógica: trata-se bem o funcionário, tenta-se pela via afetiva conseguir atalhos, saltar etapas, simplificar processos. A prática da sonegação de impostos, amplamente difundida entre nós, é outro exemplo claro: não apenas é socialmente aceita, como natural. Quando se é flagrado sonegando, numa aduana ou no imposto de renda, é como se o culpado fosse o Estado por ser intransigente, e não quem de fato não observa as regras em benefício próprio.

ao Ministério da Cultura, embargou a obra. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Geddel Quadros Vieira Lima [Geddel Vieira Lima] (1959): administrador de empresas, pecuarista, cacauicultor e político do PMDB nascido na Bahia. Ex-deputado federal eleito cinco vezes consecutivas (mandatos de 1991 a 2011), licenciou-se da função parlamentar entre 2007 e 2010 para exercer o cargo de ministro da Integração Nacional do governo Lula. Vice-presidente de Pessoa Jurídica da Caixa Econômica Federal entre 2011 e 2013. Foi diretor da corretora do Banco do Estado da Bahia (Baneb), entre 1983 a 1984, assessor da Casa Civil da prefeitura de Salvador, entre 1988 e 1989, diretor da Empresa Baiana de Águas e Saneamento (Embas), em 1989, e presidente da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) da Bahia, em 1990. Em maio de 2016, o então presidente interino Michel Temer convidou Geddel para o posto de ministro-chefe da Secretaria de Governo. Em novembro de 2016, se envolveu no episódio que culminou na saída do então ministro da Cultura, Marcelo Calero, que alegou receber pressão de Geddel para liberar um empreendimento imobiliário na Bahia cuja obra foi embargada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), subordinado ao Ministério da Cultura. Geddel comprou um apartamento neste empreendimento e nega a acusação. Depois da repercussão do caso, Geddel acabou deixando o cargo. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Marcelo Calero Faria Garcia (1982): diplomata brasileiro, graduado em Direito na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Foi ministro da Cultura do governo Michel Temer. Foi secretário de Cultura da prefeitura do Rio de Janeiro e presidente do Comitê Rio 450, órgão criado pelo governo municipal para organizar a celebração do 450º aniversário da cidade. Deixou a secretaria para assumir a Secretaria de Cultura do Ministério da Educação no início do governo Temer e que, depois de pressão, retomou o status de ministério (MinC). Em 18 de novembro de 2016, pediu demissão do cargo de ministro da Cultura em decorrência de divergências com membros do governo Michel Temer, especialmente Geddel Vieira Lima, titular da Secretaria de Governo, que estava pressionando para obter a liberação de um empreendimento imobiliário em Salvador. Geddel comprou um apartamento neste edifício. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), órgão subordinado

IHU On-Line - Em que medida essa personalização pode se converter em individualismo, egoísmo e prepotência, sendo capaz de impor às necessidades de Estado as minhas próprias?

Paulo Gleich - Acredito que falei um pouco disso na questão anterior, na posição que assumem os indivíduos perante o Estado. Ele é bom quando me dá o que quero, é ruim quando me impõe regras e restrições - nesse sentido, individualismo e egoísmo são traços bem patentes. O Estado é bom enquanto preserva e aumenta os privilégios, mas quando se ocupa de quem não é meu semelhante, não presta, é perdulário. Os discursos em torno do Bolsa Família⁵ são muito significativos, pela impopularidade que essa renda mínima, que tirou muitas famílias da miséria e do desamparo absoluto, tem entre as camadas mais privilegiadas da população. Por outro lado, ao desfrutarem de estudo de qualidade em universidades públicas gratuitas, ou ao viajarem ao exterior com bolsas bem mais elevadas que reverterem, na maioria dos casos, apenas em benefício próprio, o papel do Estado não apenas não é questionado, como inclusive reivindicado. É o liberalismo à brasileira, como Sérgio Buarque de Holanda destaca ao colocar as relações cordiais, de afeto entre os próximos, no centro do funcionamento social. As instituições acabam sendo democráticas mais na forma que de fato no seu funcionamento.

IHU On-Line - Que relação é possível se estabelecer entre essa perspectiva de recusa do institucional com o atual momento em que parece haver uma recusa à política, aos partidos e aos políticos?

5 Bolsa Família: programa do governo federal de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza. Tem três eixos principais: a transferência de renda, que promove o alívio imediato da pobreza; as condicionalidades para receber o benefício, as quais reforçam o acesso à educação, saúde e assistência social; e as ações e programas complementares, que objetivam o desenvolvimento das famílias e a superação da situação de vulnerabilidade. (Nota da **IHU On-Line**)

Paulo Gleich - Nesse sentido, penso que os movimentos que acompanhamos no Brasil se inscrevem em um contexto mais amplo e complexo, que não diz respeito apenas à nossa situação - embora aqui sejam tingidos pelas nossas características singulares. Há fissuras importantes na democracia representativa em outros países, como acompanhamos na eleição de Trump⁶ nos Estados Unidos e no longo impasse da Espanha para compor um governo. Penso também que a recusa dos políticos sempre esteve mais ou menos presente, na ideia do senso comum de que "político não presta", e por isso alguns candidatos que não vêm da política tradicional acabam ganhando espaço, como representantes de esperanças, talvez um pouco ingênuas, de mudança por serem "de fora" - como se sozinhos fossem capazes de mudar toda uma estrutura e lógica de funcionamento. Mas permanece aí um traço que *Raízes* destaca, que é o do personalismo na política: mais que ideais e programas políticos, o que move as massas são as personalidades individuais, em quem se depositam suas esperanças.

Sérgio Buarque de Holanda fala de um movimento pendular entre a política tradicional, dos detentores de sempre do poder, e a caudilhista e populista, centradas em torno de figuras individuais e carismáticas. Penso que podemos ler a tomada de poder por parte de Temer, aliado ao *establishment* jurídico-político-midiático, como um mo-

6 Donald John Trump (1946): é um empresário, ex-apresentador de reality show e presidente eleito dos Estados Unidos. Na eleição de 2016, Trump foi eleito o 45º presidente norte-americano pelo Partido Republicano, ao derrotar a candidata democrata Hillary Clinton no número de delegados do colégio eleitoral; no entanto, perdeu no voto popular. Trump tomará posse em 20 de janeiro de 2017 e, aos 70 anos de idade, será a pessoa mais velha a assumir a presidência. Entre suas bandeiras estão o protecionismo norte-americano, por onde passam questões econômicas e sociais, como a relação com imigrantes nos Estados Unidos. Trump é presidente do conglomerado The Trump Organization e fundador da Trump Entertainment Resorts. Sua carreira, exposição de marcas, vida pessoal, riqueza e modo de se pronunciar contribuíram para torná-lo famoso. (Nota da **IHU On-Line**)

vimento desse pêndulo no sentido da política tradicional que, embora travestida de um discurso liberal, apenas retorna a formas mais que conhecidas de governar. Por outro lado, o caráter emocional e personalista de lidar com a política se manifesta no endosso amplo e quase irrestrito à operação Lava Jato que, operando em muitos momentos à margem do que é institucionalmente estabelecido, ganha legitimidade junto a grande parte da população por sua promessa de "limpar" a política, como se estivesse isenta de ligações com ela.

IHU On-Line - Como o senhor interpreta o conceito de *homem cordial*, de Holanda? E como compreender essa perspectiva *cordial* no Brasil de hoje?

Paulo Gleich - Esse conceito é talvez o mais lembrado de *Raízes*, mas também é muito frequentemente mal interpretado. Como no senso comum "cordialidade" é entendida como afabilidade, muito se questiona, frente à violência que tem marcado nossas relações no âmbito social, essa ideia do brasileiro como homem cordial. No entanto, o que define o homem cordial é justamente que ele estabelece suas relações a partir dos afetos mais que das formas - cordial vem de coração. Nesse sentido, relações que seriam mediadas por determinadas formas e rituais acabam se dando por esse viés afetivo, que pode tanto apontar na direção da afabilidade, quando há consonância, como da violência, quando há dissonância e conflito. A lógica que rege a cordialidade é uma lógica dual: amigo/inimigo, gosto/não gosto. Não há esse elemento terceiro das formas, das instituições, que fazem a mediação no encontro. Quem não entra nessa lógica mais pessoal, atendo-se à formalidade, acaba sendo visto com desconfiança, e daí o passo para se tornar um inimigo não é grande.

Assim, penso que segue sendo um conceito que faz sentido nos tempos atuais, em que aquele que não é "amigo", que não adere a uma mesma perspectiva, é colocado do outro lado, do inimigo. A lógica da polari-

zação segue essa lógica dual da cordialidade, tanto que os que buscam se situar em um ponto que não de um dos lados, interrogando as paixões que têm sido mobilizadas, propondo a complexificação das leituras e debates, acaba sendo visto com desconfiança, como opositor. Sérgio Buarque de Holanda, por um lado, aponta que o homem cordial estaria fadado à extinção com o avanço da urbanização e da democracia liberal; por outro lado, afirma que o Brasil legará ao mundo o "homem cordial", como se ele sobrevivesse aos avanços em que, como bom moderno, apostava. Talvez tenha acertado mais nessa segunda ideia, de algo que não se extingue, pois temos acompanhado o avanço das relações e reações "cordiais", emocionais, sectárias, no âmbito público em vários outros países. A cordialidade - as relações sustentadas sobretudo na via afetiva - é inerente ao humano, mas ultrapassar sua lógica binária talvez seja o desafio necessário para compor uma ideia de comum, sobre a qual nossos tempos deixam muitas dúvidas e incertezas.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Paulo Gleich - Acho importante destacar o caráter de obra aberta de *Raízes do Brasil*, pois ter isso em conta ao fazer sua leitura me parece fundamental. É um texto que convoca ao diálogo, mais que a propor uma versão verdadeira, definitiva. Há certamente pontos a serem colocados em dúvida em uma leitura contemporânea, como por exemplo a quase ausência da questão dos negros, mas essas faltas não podem ser tomadas como razão para descartar a obra em seu conjunto. Nesse sentido, *Raízes* convoca e ajuda a pensar o Brasil na atualidade, mas também a localizar problemas e questões a serem ampliadas através de outras leituras e diálogos. Em todo caso, segue sendo uma leitura fundamental para, estranhando-nos de nós mesmos, podermos nos aproximar um pouco mais de quem somos, com nossas potências e impasses. ■

“O brasileiro é cordial” compõe imaginário dentro e fora do Brasil

Lucia Serrano Pereira e Robson de Freitas Pereira avaliam a importância de *Raízes do Brasil* para subsidiar a escuta psicanalítica

Por João Vitor Santos | Edição: Vitor Necchi

Raízes do Brasil é uma obra importante para a psicanálise por vários motivos, destacam os psicanalistas Lucia Serrano Pereira e Robson de Freitas Pereira em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Um deles é “porque se trata de um ensaio que busca analisar, compreender a formação da nossa condição (brasileiros), abrangendo aspectos históricos, sociológicos, literários, filosóficos e psicológicos”. O profissional que se “dispõe a escutar o sofrimento do outro tem que estar imerso em sua cultura, ou seja, estar familiarizado com as condições de produção da subjetividade de seu tempo”. Neste sentido, a obra de Sérgio Buarque de Holanda é estratégica para subsidiar a escuta. Ela “é vastíssima, e sua ambição intelectual e de análise não se resumiu a uma tentativa de construir uma identidade nacional; ele foi além disso”.

Lucia e Robson citam Antonio Candido que, no prefácio de *Raízes do Brasil*, “afirma que estudar o passado, longe

de ser uma atitude nostálgica, é uma maneira de compreender o presente e olhar para o futuro”, pois “a investigação do passado e de seus determinantes inconscientes possibilita um reposicionamento do sujeito na vida”.

Os entrevistados afirmam que, para se ter um conceito de nação, é preciso “nos posicionarmos com relação às diversas narrativas que compõem a nossa formação”. Neste sentido, é importante compreender a afirmação “o brasileiro é cordial” que, conforme Lucia e Robson, “passou a compor o imaginário dentro e fora do Brasil”.

Lucia Serrano Pereira é psicanalista, bacharel em Psicologia e mestra e doutora em Letras - Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro da Association Lacanienne International. **Robson de Freitas Pereira** é psicanalista. Ambos são membros da Associação Psicanalítica de Porto Alegre - APPOA.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Por que *Raízes do Brasil* é importante para o campo da Psicologia, essencialmente para a psicanálise?

Lucia Serrano Pereira e Robson de Freitas Pereira - *Raízes do Brasil* é importante para a psicanálise por vários motivos, entre eles porque se trata de um ensaio que busca analisar, compreender a formação da nossa condição (brasileiros), abrangendo aspectos históricos, sociológicos, literários,

filosóficos e psicológicos. Lembremos-nos de que o texto que deu origem ao livro tinha como subtítulo “ensaio de psicologia social”. Isto aponta a importância do texto para a própria formação dos psicanalistas, uma vez que todo aquele que se dispõe a escutar o sofrimento do outro tem que estar imerso em sua cultura, ou seja, estar familiarizado com as condições de produção da subjetividade de seu tempo.

IHU On-Line - Como a obra de Sérgio Buarque de Holanda trabalha a ideia de identidade nacional? No que a sua obra se difere dos demais “Brasis” que vinham sendo construídos pela literatura até então?

Lucia Serrano Pereira e Robson de Freitas Pereira - A obra de Sérgio Buarque de Holanda é vastíssima, e sua ambição intelectual e de análise não se resumiu a uma tentativa de construir uma identi-

dade nacional; ele foi além disso. No projeto de *Raízes do Brasil*, por exemplo, sua ideia inicial era escrever uma História da América, tamanha a diversidade e erudição de seu conhecimento. Do ponto de vista histórico-político, podemos considerar que junto com outros livros como, por exemplo, o *Casa grande & senzala*, de Gilberto Freyre¹, Sérgio Buarque de Holanda faz um corte epistemológico com a produção nacional anterior. Utilizando-se das áreas de conhecimento citadas anteriormente, ele tem a preocupação de desvendar a nossa formação, mais do que constituir uma identidade. Tanto é assim que no próprio título Sérgio utiliza-se de uma metáfora - raízes. Até a década de 30 do século passado, a produção intelectual nacional ainda animava uma ideia de eugenia, ou seja, de que o brasileiro era fruto impuro de condição inferior aos seus colonizadores.

IHU On-Line - Antonio Candido², no prefácio que escreveu

1 **Gilberto Freyre** (1900-1987): escritor, professor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA), e o Prêmio Internacional La Madoninna, em 1969. Entre seus livros, destaca-se *Casa grande & Senzala* e *Sobrados e Mocambos*. Sobre Freyre, confira o **Cadernos IHU** nº 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil. Algumas Considerações*, disponível em <http://bit.ly/cadihu06>. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Antonio Candido** [Antonio Candido de Mello e Souza] (1918): escritor, ensaísta e professor universitário, um dos principais críticos literários brasileiros. É professor emérito da USP e da Unesp e doutor honoris causa pela Unicamp. Foi crítico da revista *Clima* (1941-4) e dos jornais *Folha da Manhã* (1943-5) e *Diário de São Paulo* (1945-7). Na vida política, participou de 1943 a 1945 na luta contra a ditadura do Estado Novo no grupo clandestino Frente de Resistência. Escreveu o clássico *Parceiros do Rio Bonito* (1964). Sobre ele, conferir as entrevistas *A literatura é um direito do cidadão, um usufruto peculiar*, concedida por Flávio Aguiar à **IHU On-Line** nº 278, de 20-10-2008, disponível em <https://goo.gl/qa95Jy>, e *Antonio Candido e a crítica cultural contemporânea*, concedida por Célia Pedrosa à **IHU On-Line** nº 283, de 24-11-2008, disponível em <https://goo.gl/92rizw>. (Nota da **IHU On-Line**)

para *Raízes do Brasil*, destaca que Holanda fez movimentos que passam pela Psicologia e pela História Social para compreender a formação do Brasil. Como apreender esses movimentos na obra e qual a importância de trilhar esses caminhos para compreender a constituição de uma nação?

Lucia Serrano Pereira e Robson de Freitas Pereira - Neste famoso prefácio, Antonio Candido afirma que estudar o passado, longe de ser uma atitude nostálgica, é uma maneira de compreender o presente e olhar para o futuro. Além disso, mostra que o método utilizado em *Raízes do Brasil*, colocando pares antitéticos (o semeador e o ladrilhador, o aventureiro e o trabalhador, a cordialidade e a polidez...) para melhor analisar, possibilita uma dialética do esclarecimento. Ora, essas duas premissas são extremamente caras à própria psicanálise, pois desde Freud³ sabemos que a investigação do passado e de seus determinantes inconscientes possibilita um reposicionamento do sujeito na vida. Desta maneira, para que possamos ter um conceito de nação, teremos que nos posicionar com relação às diversas narrativas que compõem a nossa formação, bem entendido que não se trata de propor uma unificação, mas que se trata de lidar com a própria fragmentação e suas diversas formas narrativas -

3 **Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista, fundador da psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Desenvolveu a ideia de que as pessoas são movidas pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX e continuam ainda muito debatidos. A edição 179 da **IHU On-Line**, de 8-5-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível em <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 4-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível em <http://bit.ly/ihuon207>. A edição 16 dos **Cadernos IHU em formação** tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da **IHU On-Line**)

forma oral, escrita, documental e outros restos.

“ A investigação do passado e de seus determinantes inconscientes possibilita um reposicionamento do sujeito na vida

IHU On-Line - Qual sua leitura sobre o conceito de *homem cordial*? E ele ainda vive?

Lucia Serrano Pereira e Robson de Freitas Pereira - O homem cordial de Sérgio Buarque de Holanda assumiu um protagonismo surpreendente ao longo da trajetória do livro com seus leitores. Fantasma pairando sobre o brasileiro, como se constituísse seu retrato, uma marca ou um destino compartilhado. “O brasileiro é cordial” passou a compor o imaginário dentro e fora do Brasil. Ética de fundo emotivo, buscando sempre a intimidade, antes amigo do que no exercício de função no laço social, o que chama pelo primeiro nome, faz a intimidade até com os santos, se relaciona com o outro como se dentro da família. Temos traços apontados, estes entre outros, mas isso requer o contexto do debate, pois, do contrário, o homem cordial passa a ser empurrado a uma dimensão essencialista, e não histórica - esta que é como o autor propõe.

No texto, vemos a cordialidade com muitas nuances e complexidades. Como um conceito em construção e temporário. O homem cordial vem na herança do aventureiro (português, espanhol e inglês) em que vale mais “a eminência própria do que a herdada”, diferente do “polido”, do trabalhador estável

predominante nos demais países da Europa, que privilegiaria “a dificuldade a vencer, e não o triunfo a alcançar”. Cordialidade que, de outro lado, pode também funcionar maquiando as relações de domínio e submetimento históricas que compõem nosso tecido social, em que, por exemplo, o empregado pode funcionar quase como que em regime escravo, mas é tratado como “da família”. O brasileiro, o autor aponta, e ele escreve isso na década de 1930, tenta carregar para a dimensão da estrutura e das funções públicas uma ética familiar, sem conseguir fazer o corte que permitiria exercícios efetivamente diferentes; pois o Estado não é uma continuidade da família. Assim a ética dos privilégios para os seus, os protecionismos, o espírito de corpo, a corrupção do público pelo privado, tudo isto navega na complexidade das relações que incluem os traços “cordiais”. E claro, os ecos estão presentes, basta acompanharmos os desdobramentos nas relações da política em nosso país.

Neste sentido, a atualidade da obra pode ser atestada, por exemplo, nos recentes acontecimentos políticos da vida brasileira; vide a votação do impedimento da presidente Dilma Rousseff⁴

⁴ **Dilma Rousseff** (1947): economista e política brasileira, filiada ao Partido dos Trabalhadores-PT, presidente do Brasil de 2011 (primeiro mandato) até 31 de agosto de 2016 (segundo ano de seu segundo mandato). Em 12 de maio de 2016, foi afastada de seu

na Câmara dos Deputados, onde os argumentos eram quase todos de ordem pessoal, familiar e religiosa. Os argumentos de estadistas, se houve, foram abafados pelo tratamento familiar da coisa pública. Da mesma forma, as antecipações ficcionais e ensaísticas de um Machado de Assis⁵ ou Nelson Rodrigues⁶ tomam atualidade

cargo durante o processo de impeachment movido contra ela. No dia 31 de agosto, o Senado Federal, por votação de 61 votos favoráveis ao impeachment contra 20, afastou Dilma definitivamente do cargo. O episódio do impeachment foi amplamente debatido nas Notícias do Dia no sítio do IHU, como, por exemplo, a Entrevista do Dia com Rudá Ricci intitulada *Os pacotes de Temer alimentarão a esquerda brasileira e ela voltará ao poder*, disponível em <http://bit.ly/2bLPiHK>. Durante o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, assumiu a chefia do Ministério de Minas e Energia e posteriormente da Casa Civil. Em 2010, foi escolhida pelo PT para concorrer à eleição presidencial. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ **Machado de Assis** [Joaquim Maria Machado de Assis] (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *Quincas Borba* e vários livros de contos, como *O Alienista*, que discute a loucura. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Fundador da Academia Brasileira de Letras. Sobre o escritor, há duas edições da **IHU On-Line**: 262, de 16-6-2008, intitulada *Machado de Assis: um conhecedor da alma humana*, disponível em <http://bit.ly/ihuon262>, e 275, de 29-9-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <http://bit.ly/ihuon275>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ **Nelson Rodrigues** [Nelson Falcão Rodrigues] (1912-1980): dramaturgo, jornalista e escritor brasileiro. Foi repórter policial durante longos anos, período em que acumulou uma vasta experiência para escrever suas peças a respeito da sociedade. Sua primeira

quando constatamos a persistência de uma corrupção enraizada na estrutura sociocultural, funcionando independentemente dos partidos ou das ideologias. Sem falar no retorno de um desencanto com o país que parece reeditar o “complexo de viralatas” de Nelson Rodrigues, agora voltado não somente para o indivíduo, mas englobando a própria nação com expressões do tipo “este país não tem jeito mesmo”.

Enfim, retomar a leitura de um clássico pode nos ajudar a compreender os impasses históricos de nossa formação. Não para canonizar o livro, ou para essencializar seus conceitos, mas para nos fornecer condições de fazer uma leitura crítica e sustentar um desejo mesmo nas condições mais paradoxais e sombrias. ■

peça foi *A Mulher sem Pecado*, que lhe deu os primeiros sinais de prestígio dentro do cenário teatral. O sucesso veio com *Vestido de Noiva*, que trazia, em matéria de teatro, uma renovação nunca vista nos palcos brasileiros. Com seus três planos simultâneos (realidade, memória e alucinação construíam a história da protagonista Alaíde), as inovações estéticas da peça iniciaram o processo de modernização do teatro brasileiro. A consagração se seguiria com vários outros sucessos, transformando-o no grande representante da literatura teatral do seu tempo, apesar de suas peças serem tachadas à época, muitas vezes, como obscenas, imorais e vulgares. Em 1962, começou a escrever crônicas esportivas, transparecendo sua paixão por futebol. Politicamente, foi um conservador. Apoiou a ditadura militar e combateu a oposição ao regime. Chegou a afirmar que Nixon havia ensinado ao Brasil a ver que o general Emílio Garrastazu Médici era o maior presidente brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo.
Uma análise da narrativa de Marcos
(Ciclo de estudos EAD)

06 de março a 14 de maio de 2017

Saiba mais em ihu.unisinos.br



VI COLÓQUIO INTERNACIONAL IHU.

**Política, Economia, Teologia. Contribuições
da obra de Giorgio Agamben**

**14h30min – Conferência – Ser e
Agir, Reino e Glória: a oikonomia
trinitária e a bipolaridade da
máquina governamental**

**Conferencista: Prof. Dr. Colby Dickinson –
Loyola University - Chicago**



**23 de maio de 2017
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros
Instituto Humanitas Unisinos – IHU**

IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

**IHU em
Revista**

A omissão do papel do negro na história do Rio Grande do Sul

Para Jorge Euzébio Assumpção, “a sonegação histórica é um ato de discriminação”

Por João Flores da Cunha

De acordo com o professor da Unisinos Jorge Euzébio Assumpção, “existe no Rio Grande do Sul um posicionamento ideológico de sonegação da participação afrodescendente na formação do Estado, principalmente quando se refere ao período escravista”. A reflexão sobre o papel do negro na história do Rio Grande do Sul surge em torno do Dia da Consciência Negra, celebrado em 20-11 no Brasil. O professor apresentou no IHU ideias do dia 17-11 a conferência *Rompendo o silêncio: O negro na história e historiografia do Rio Grande do Sul*.

Em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, ele citou estatísticas de censos populacionais do século XIX para sustentar o argumento de que o Rio Grande do Sul era uma província com grande número de trabalhadores escravizados. De acordo com ele, “as grandes charqueadas, que tinham

como motor de seu funcionamento a mão de obra escrava, impulsionaram a economia gaúcha do século XIX”. Segundo Jorge Euzébio, os dados “desmontam a tese da formação diferenciada”, que dá conta de uma suposta diferenciação do Rio Grande do Sul em relação a outros estados brasileiros. Para o professor, “a frase ‘*nós não somos como eles*’ guarda falácia que não se sustenta historicamente”.

Jorge Euzébio Assumpção possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, pós-graduação pela Faculdade Porto-Alegrense - Fapa e mestrado em História pela PUCRS. Atualmente é professor titular da Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul e professor e pesquisador na Unisinos. É integrante do Neabi - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Unisinos.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como se deu a participação de negros na Guerra dos Farrapos¹? O que foi a traição de Porongos e em qual contexto histórico esse fato ocorreu?

¹ **Revolução Farrroupilha:** também conhecida como Guerra dos Farrapos. Conflito separatista ocorrido entre 1835 e 1845 na então Província do Rio Grande do Sul, alcançando a região de Santa Catarina, na região Sul do Brasil. À época do período regencial brasileiro, o termo farrapo era pejorativamente imputado aos liberais pelos conservadores (chimangos) e com o tempo adquiriu uma significação elogiosa, sendo adotado com orgulho pelos revolucionários, de forma semelhante à que ocorreu com os sans-culottes à época da Revolução Francesa. (Nota da IHU On-Line)

Jorge Euzébio Assumpção - Os africanos e seus descendentes estiveram presentes no movimento de 35, desde a tomada de Porto Alegre; ou seja, a partir de sua origem. Daí por diante, o número de afrodescendentes só aumentou, a ponto de eles se tornarem imprescindíveis no conflito e na manutenção do exército insurgente, como destacou Garibaldi²: “A gente que me acompanhava era uma verdadeira

² **Giuseppe Garibaldi** (1807-1882): foi um general, guerrilheiro e patriota italiano. Foi alcunhado de “herói de dois mundos”, devido à sua participação em conflitos na Europa e na América do Sul. Uma das mais notáveis figuras da unificação italiana, lutou na Guerra

chusma cosmopolita, composta de homens de todas as nações e de todas as cores. Os americanos, na maior parte, eram negros livres ou mulatos e, via de regra, os melhores e mais fiéis”. Assim o foi até a Traição de Porongos.

Sua importância pode ser comprovada também numericamente, pois, segundo o historiador Spencer Leitman³, os negros chegaram

dos Farrapos ao lado dos rebeldes. (Nota da IHU On-Line)

³ **Spencer Leitman** (1943): historiador estadunidense que realizou pesquisas sobre a Guerra dos Farrapos. É autor do livro *Raízes Sócio-econômicas da Guerra dos Farrapos*. (Nota da IHU On-Line)



As grandes charqueadas, que tinham como motor de seu funcionamento a mão de obra escrava, impulsionaram a economia gaúcha do século XIX

a compor de 1/3 à metade do exército rebelde. Segundo o mesmo autor: "Desde que continuassem ligados à revolução que prometia liberdade quando da vitória final, os negros podiam significar bem mais do que indicam os números", constituindo assim a espinha dorsal do movimento.

Os africanos e seus descendentes não lutavam pelos "ideais farroupilhas", mas, sim, por sua liberdade. A maioria dos cativos incorporados às forças farroupilhas pertencia aos imperiais, que se engajaram aos republicanos levados pela promessa de serem livres ao término do conflito, sonho que jamais se realizou.

Estando os revoltosos sem chances mais de vencer, só lhes restava propor a paz, que foi aceita pelo Império de bom grado, mas não sem exigências - dentre as quais a manutenção da condição de cativos dos trabalhadores escravizados, transformados em soldados, como havia sido acordado. O governo central não aceitava a combinação feita entre farroupilhas e ex-cativos, que passou, então, a constituir empecilho para o término do conflito.

Entretanto, o embaraço foi logo resolvido, secretamente, entre as partes. Caxias⁴, representando o

Império, e Canabarro⁵, os republicanos, acharam a saída para o impasse: os negros deveriam ser exterminados. Para a execução do plano, Canabarro fornece ao então Barão de Caxias o local onde acamparia com suas tropas, informação que é repassada ao coronel Francisco Pedro de Abreu (Moringue)⁶, para que este possa atacar o acampamento; não sem antes, porém, os negros terem sido desarmados por ordem do general farroupilha, o que ocorreu na madrugada do dia 14/11/1844. Assim teve sua origem o episódio a que os historiadores denominaram "a traição de Porongos".

A principal peça documental desse desprezível acontecimento histórico é a carta enviada pelo barão de Caxias a Moringue: "Ilmo. Sr. Regule suas marchas de maneira que no dia 14 às 2 horas da madrugada, possa atacar a força ao mando de Canabarro, que estará neste dia no cerro de Porongos [...]. Suas marchas devem ser o mais ocultas que possível seja, inclinando-se sempre sobre a sua direita, pois posso afiançar-lhe que Canabarro e Lucas

5 Davi José Martins Canabarro (1796-1867): militar brasileiro. Participou das campanhas militares no Rio da Prata em 1811, 1816 e 1825-1828. Integrou a rebelião republicana conhecida como Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos, cujo comando assumiu em junho de 1843, quando o antigo chefe, Bento Gonçalves da Silva, para evitar a cisão entre os republicanos, desligou-se do comando e passou a servir sob as ordens do próprio Canabarro. (Nota da **IHU On-Line**)

6 Francisco Pedro Buarque de Abreu (1811-1891): primeiro e único barão do Jacuí, também chamado Chico Pedro ou Moringue (Mouringue ou Muringue), foi um militar brasileiro, a serviço do exército imperial durante a Revolução Farroupilha. (Nota da **IHU On-Line**)

ajustaram ter suas observações sobre o lado oposto. No conflito, poupe o sangue brasileiro quanto puder, particularmente da gente branca da Província ou índios, pois bem sabe que essa pobre gente ainda nos pode ser útil no futuro".

A ordem não deixa dúvidas de quem deveria morrer: os negros. É bom lembrar que os farroupilhas possuíam três acampamentos distintos e separados etnicamente - brancos, índios e negros. Entre mortos e prisioneiros, os insurgentes perderam em torno de 447 combatentes, em esmagadora maioria negros.

IHU On-Line - É possível afirmar que existe um "racismo historiográfico" na história do Rio Grande do Sul? Em que ele consiste?

Jorge Euzébio Assumpção - É possível, sim! Este racismo se dá ao modo do *jeitinho brasileiro*. Nos dias atuais, diferentemente do que acontecia anteriormente, não se procura adjetivar os negros, mas, sim, sonegar sua participação na formação histórica, social e econômica do Rio Grande do Sul. Podemos dar como exemplo a cidade de São Leopoldo. De uma maneira geral, sua história é contada a partir da chegada dos primeiros colonos, o que não corresponde à realidade. Antes, já existia uma história merecedora de registro. A casa do imigrante, antes de receber este nome, era chamada de "casa da feitoria", onde estava presente atividade econômica que havia como base a mão de obra negra escravizada. Não se trata de retirar valor ao papel do imigrante, mas de dizer, a bem da verdade, que, antes de sua vinda, houve uma história que merece também ser narrada. Nem sempre o Vale do Sinos teve o atual perfil étnico.

A sonegação histórica é um ato de discriminação. Temos que redescobrir e divulgar a feitoria e a história dos afrodescendentes que ali viveram e vivem nesta região. Os negros são sujeitos históricos desse município, em que pesem as tentativas de esconder tal fato.

IHU On-Line - Qual era a importância da mão de obra escravizada para a economia do Rio Grande do Sul no século XIX?

Jorge Euzébio Assumpção - Existe no Rio Grande do Sul um posicionamento ideológico de sonegação da participação afrodescendente na formação do Estado, principalmente quando se refere ao período escravista. Ao admitir que a antiga província era sustentada pela mão-de-obra servil, bate-se de frente com o mito do gauchismo que pretende uma formação diferenciada do restante do país, a tornar o gaúcho um ser distinto dos demais brasileiros, chegando-se até, em face de tais pretensas diferenças, a criarem-se movimentos de tendências nazifascistas, propondo a separação da Região Sul do restante da nação. A frase "*nós não somos como eles*" guarda falácia que não se sustenta historicamente.

Analisando os censos populacionais, verifica-se que o Rio Grande do Sul sempre esteve entre as províncias que se destacaram por possuir uma grande quantidade de trabalhadores escravizados, o que desmonta a tese da formação diferenciada. Como se não bastasse sermos iguais por possuirmos quantidade significativa de cativos, a economia do Brasil meridional também dependia dos cativos negros. No século XIX, o charque era o carro-chefe das exportações da província, estando sua fabricação centralizada no polo charqueador, em Pelotas, que tinha como principal característica a utilização de trabalhadores escravizados em seu modo de produção. Tal circunstância ocasionava uma concentração

de africanos e seus descendentes nesta região. Diga-se de passagem que Pelotas chegou a possuir mais de 70% de sua população com origem afrodescendente.

As grandes charqueadas, que tinham como motor de seu funcionamento a mão de obra escrava, impulsionaram a economia gaúcha do século XIX, chegando a ser responsável por 85% das exportações gaúchas do período. Portanto, para se falar de economia e prosperidade da Região Sul, tem-se que falar sobre a escravidão dos afrodescendentes, e o papel que esta representou para a região.

IHU On-Line - Recentemente, uma iniciativa de transformar o Dia da Consciência Negra em feriado foi rejeitada em Porto Alegre. Qual seria a importância dessa data fazer parte do calendário oficial da cidade?

Jorge Euzébio Assumpção - O dia 20 de novembro deveria ser feriado nacional, a exemplo do que acontece nos Estados Unidos, onde é comemorado o dia de Martin Luther King Jr.⁷, sendo celebrado na terceira segunda-feira do mês de janeiro. Em mais de 700 municí-

7 **Martin Luther King Jr.** (1929-1968): pastor e ativista político estadunidense. Pertencente à Igreja Batista, tornou-se um dos mais importantes líderes do ativismo pelos direitos civis (para negros e mulheres, principalmente) nos Estados Unidos e no mundo, através de uma campanha de não-violência e de amor para com o próximo. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1964. King foi assassinado em 4 de abril de 1968, em Memphis, Tennessee. Ele recebeu postumamente a Medalha Presidencial da Liberdade, em 1977, e a Medalha de Ouro do Congresso, em 2004. O Dia de Martin Luther King Jr. foi estabelecido como um feriado federal dos Estados Unidos em 1986. (Nota da **IHU On-Line**)

pios brasileiros, o dia que celebra a morte de Zumbi⁸ é marcada como feriado. Em Porto Alegre, o mesmo não acontece devido à resistência de setores conservadores da sociedade, que arguíram a inconstitucionalidade da comemoração - da mesma forma que impediram, no passado, a construção da pista de eventos próxima ao centro da cidade, quando a associação de moradores do bairro Menino Deus se postou contra, pretextando que o carnaval iria trazer intranquilidade aos ali residentes, de classe média. Estas atitudes mostram lamentável fundo de racismo gaúcho.

Fosse marcada a data como feriado, ter-se-ia o reconhecimento do martírio pelo qual os africanos e seus descendentes passaram, vitimados pela escravidão, um dos crimes mais cruéis já cometidos na história da humanidade.

IHU On-Line - O senhor acredita que a ideia de democracia racial se aplica ao Rio Grande do Sul?

Jorge Euzébio Assumpção - Jamais! No Brasil, não existe democracia racial; o que existe é um perverso racismo não assumido, que coloca os negros na base da pirâmide social, onde os jovens negros têm mais probabilidades de serem assassinados do que os brancos, onde os negros são mais de 53% da população e somente 8% chegam aos bancos universitários. Isto é democracia racial? ■

8 **Zumbi dos Palmares** (1655-1695): último líder do Quilombo dos Palmares. Foi capturado e entregue a um missionário português quando tinha aproximadamente seis anos. Aos 15 anos de idade, fugiu e retornou a seu local de origem. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS

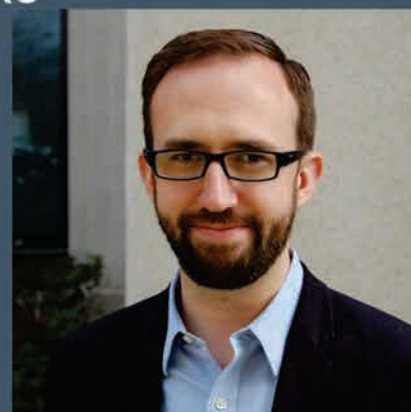
- *O negro no Rio Grande do Sul: uma história de omissão e esquecimento*. Reportagem com Jorge Euzébio Assumpção publicada nas **Notícias do Dia**, de 19-11-2016, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/2ffNzRb>
- *O racismo e a sonegação da história afrodescendente no Rio Grande do Sul*. Entrevista especial com Jorge Euzébio Assumpção publicada nas **Notícias do Dia**, de 30-5-2014, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/2fMj7uf>.



**VI COLÓQUIO
INTERNACIONAL IHU.
Política, Economia, Teologia. Contribuições
da obra de Giorgio Agamben**

9h – Conferência – A oikonomia trinitária
enquanto paradigma da máquina governamental.
O arcabouço conceitual/teológico de
“O Reino e a Glória”

Conferencista: Prof. Dr. Adam Kotsko –
Shimer College – Chicago



**23 de maio de 2017
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros
Instituto Humanitas Unisinos – IHU**

#Crítica Internacional - Curso de RI da Unisinos

Eurasianismo: identidade e diplomacia na Rússia

Por Diego Pautasso, Augusto Colório, Vitória Galle

Após o vazio ideológico decorrente da dissolução da URSS, a Rússia tem construído sua identidade num misto de mimetismo e reação às influências ocidentais, e nesse sentido o Eurasianismo tem se destacado como uma nova ideologia para o Estado pós-soviético. No fundo, a Rússia busca seu novo lugar na cena internacional após o colapso soviético e os reveses dos anos 1990. Nesse sentido, o presente artigo busca lançar luz sobre o papel do Eurasianismo na construção de identidade e diplomacia da Rússia no período Putin.

Diego Pautasso é doutor e mestre em Ciência Política, professor de Relações Internacionais da Unisinos, autor do livro *China e Rússia no Pós-Guerra Fria* (Editora Juruá, 2011).

Augusto Colório é graduando em Relações Internacionais pela Unisinos.

Vitória Galle é graduanda em Relações Internacionais pela Unisinos e em Ciências Sociais pela UFRGS.

Eis o artigo.

O debate sobre a identidade russa tem sido o núcleo de sua inserção internacional e política externa por séculos. A questão da identidade remonta à expansão do Estado russo e às diversas orientações de suas lideranças. Primeiro, as políticas ocidentalizantes que remontam a Pedro, o Grande (1672-1725), e Catharina, a Grande (1762-96), cujo objetivo era a modernização e a integração com a Europa. Com Nicolai Danilevsky (1822-1885), o pêndulo do debate voltou-se à definição das fronteiras com a Ásia. Danilevsky definiu Eurásia como uma massa territorial delimitada pelas montanhas do Himalaia, Cáucaso e Alpes, entre os mares Mediterrâneo, Negro e Cáspio, e os Oceanos Pacífico, Atlântico e Ártico (SCHIMIDT, 2005).

Com a revolução russa liderada por Lênin, e a posterior formação do campo socialista, a Rússia se desenvolveu numa relação tensa e contraditória com o mundo liderado pelo eixo EUA-Europa Ocidental. Diferentemente do que a retórica da Guerra Fria sugeria, o fim do cisma capitalismo-socialismo soviético não dissolveu os conflitos. Ao contrário, à tentativa russa de alinhamento com o Ocidente, os EUA e Europa responderam com ampliação da OTAN e da UE, bem como o recrudescimento da presença militar e diplomática no entorno russo. Como destacamos em outra oportunidade (PAUTASSO, 2014), a contenção da Rússia cessou apenas quando o país abriu mão de sua condição de potência assertiva durante os anos 1990, no governo Yeltsin.

Para Trenin (2002), a dissolução da União Soviética recolocou o dilema da identidade internacional da

Rússia. O autor sugere que a diplomacia russa deveria voltar-se para a União Europeia e os EUA, pois Rússia e Eurásia deixarão de compartilhar os mesmos objetivos geopolíticos. Trenin, do Carnegie Endowment for International Peace, não escondia seus desejos de que a Rússia mantivesse a política dos anos 1990, nessa obra publicada no início da era Putin.

Como as políticas de Yeltsin inegavelmente não surtiram os efeitos esperados, diversas forças políticas russas mobilizaram-se em torno de uma agenda de desenvolvimento e maior autonomia e assertividade internacionais. O novo movimento Eurasianista, capitaneado por Aleksander Dugin e Alexander Panarin, é ilustrativo desse contexto. Fortemente aferrado às tradições da Geopolítica Clássica, este grupo sofre influências múltiplas, incluindo um pan-Eslavismo chauvinista (SCHIMIDT, 2005), ambições imperialistas e viés tradicionalista e religioso. Se, por um lado, tal grupo tem forte impacto propagandístico, por outro, tem orientações políticas não compatíveis com os desafios internacionais da Rússia. Em suma, o Eurasianismo oriundo de Primakov e amadurecido com Putin e Lavrov possui uma sofisticação maior para lidar com a arena internacional.

A conjuntura global tem colocado desafios para a inserção internacional da Rússia. Por um lado, o novo pensamento Eurasianista é entusiasta da formação de um eixo Paris-Berlim-Moscou, além de um projeto de império Euroasiático de Dublin a Vladivostok. As ideias Eurasianistas duginistas, por exemplo, buscam criar



A conjuntura global tem colocado desafios para a inserção internacional da Rússia. Por um lado, o novo pensamento Eurasianista é entusiasta da formação de um eixo Paris-Berlim-Moscou, além de um projeto de império Euroasiático de Dublin a Vladivostok

uma nova ordem global em que a Eurásia poderia se desenvolver autonomamente sem a interferência da potência Atlantista estadunidense (BASSIN, 2008).

Para os formuladores de política externa dos EUA, há sempre a sombra do *heartland mackinderiano* prestes a desafiar sua hegemonia. Nesse sentido, os EUA podem ter conseguido cindir a Europa da Rússia com a dissolução da Iugoslávia e agora com a guerra na Ucrânia, gerando um sentimento anti-russo no bloco ocidental. O próprio Kissinger reconhece que a Rússia “tem desempenhado papel único no cenário internacional”, fazendo parte do equilíbrio de poder tanto da Europa quanto da Ásia, de forma intermitente para a ordem internacional (KISSINGER, 2015, p. 55).

A política dos EUA voltada a afastar as relações entre Europa e Rússia tem empurrado Moscou para os interesses chineses. A aproximação sino-russa pode ser o efeito não calculado do cerco à Rússia, como ilustram os casos da integração energética, a cooperação militar, a concertação da Organização para a Cooperação de Xangai, a implementação da Nova Rota da Seda (OBOR - *One Belt, One Road*) etc.

Enfim, a política externa de Putin não é, como faz supor a narrativa da grande mídia, nem antiocidental, nem antiliberal (SEGRILLO, 2011, p. 151). Ao contrário, em diversas oportunidades buscou - sem sucesso - fortalecer as relações com o Ocidente. Navegando em águas agitadas, a diplomacia russa se mostra hábil para se recolocar como potência mundial, de modo a readquirir autonomia e protagonismo (COLIN, 2007).

Como a Rússia possui um enorme território e uma ampla complexidade étnica, o Eurasianismo tem se configurado num mecanismo identitário russo. Objetiva, primeiro, construir uma identidade política para a inserção internacional da Rússia, legitimando a ascen-

dência do centro russo do território sobre as demais regiões nacionais e do entorno estratégico. E, segundo, funciona como mecanismo de propaganda para moldar a opinião pública sobre os interesses da Rússia e o imperativo da autonomia nacional em face do hegemonismo dos EUA.

Entretanto, a liderança de Putin e seu chanceler Lavrov transcendem os objetivos e a forma de atuação proposto pelo discurso Eurasianista militante. A Rússia de Putin não é anti-americana nem anti-ocidental, mas uma potência que precisa recuperar a capacidade de defender seus interesses globais diante da escalada intervencionista dos EUA.

Referências

- COLIN, Roberto. O ressurgimento da grande potência. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2007.
- BASSIN, Mark (2008) Eurasianism “Classical” and “Neo”: The Lines of Continuity. In: Tetsuo Mochizuki (ed.) Beyond the Empire: Images of Russia in the Eurasian Cultural Context. Sapporo, Japan: Slavic Research Centre. pp. 279-294.
- KISSINGER, Henry. *Ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- PAUTASSO, Diego. Da política de contenção à reemergência. In: *Revista Austral*. Vol. 3, nº 6, 2014, pp. 73-94.
- SEGRILLO, Angelo. A diarquia Putin-Medvedev. In: ALVES, André (Org.). *Uma longa transição*. Brasília: IPEA, 2011, pp. 137-154.
- SCHIMITD, Michel. Is Putin pursuing a policy of Eurasianism? In: *Demokratizatsiya*. Winter, Vol. 13 Issue 1, 2005, pp. 87-99.
- TRENIN, Dmitri. *The end of Eurasia*. Washington: Carnegie Moscow Center, 2001.

Expediente

Coordenador do curso: Prof. Ms. Álvaro Augusto Stumpf Paes Leme

Editor: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha

PUBLICAÇÕES



Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia

O Cadernos IHU Ideias apresenta em seu número 248 o artigo *Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia*, de Roberto Romano, doutor em Filosofia e professor da Unicamp. O texto é a íntegra da conferência proferida por Romano no dia 26 de setembro de 2016, no 4º Ciclo de Estudos Políticas Públicas e Tecnologias de Governo. Territórios, Governo da Vida e o Comum, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

Na apresentação do texto, o autor afirma que “desde o século XIX, no âmbito social, político, econômico, surgiu o costume de elogiar ou criticar o ‘individualismo moderno’. Poucos notam, no entanto, que tal forma de ser tem pouca ligação com as doutrinas sobre o indivíduo na sua realidade”. Romano comenta que, quando se fala em individualismo, a intenção é mencionar o “modo pelo qual alguns setores atuam no mercado, como predadores dos semelhantes, feras famintas de lucro que sugam as forças das sociedades em proveito de elites arrogantes e truculentas”.

A versão PDF do artigo está disponível em <https://goo.gl/ut8Vom>

Esta e outras edições dos Cadernos IHU Ideias podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br.

Informações pelo telefone 55 (51) 3590-8213.

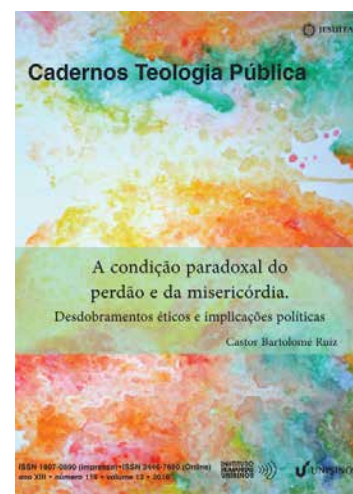
A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas

A edição 115 do Cadernos Teologia Pública publica o artigo *A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas*, de Castor Bartolomé Ruiz, doutor em Filosofia e professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). No texto, o autor afirma que “o perdão e a misericórdia, assim como os outros valores humanos, não existem em si mesmos, eles são práticas históricas dos sujeitos e, pela sua condição histórica, estão sujeitos a diversos sentidos e interpretações”. Sua pretensão é não cair na ingenuidade de “crer que estes valores são intrinsecamente bons, nem deslizar nos no ceticismo sofista de pensar que eles pervertem o ser humano, não resta outra alternativa que confrontar o perdão e a misericórdia com a condição paradoxal do ser humano e suas práticas”. Conforme Ruiz, “estes valores, em alguns casos, podem induzir uma moral de rebanho, como diria Nietzsche, e até produzir formas de dominação do outro. Porém, em outras muitas práticas, a misericórdia pode liberar ao injustiçado do ressentimento, assim como o perdão, que não dispensa a justiça, pode resgatar o vitimário de uma condenação moral indefinida pelo mal cometido”.

A versão PDF do artigo está disponível em <https://goo.gl/JatLlO>

Esta e outras edições dos Cadernos Teologia Pública podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br.

Informações pelo telefone 55 (51) 3590-8213.



Retrovisor

Releia algumas das edições já publicadas da IHU On-Line.

Euclides da Cunha e Celso Furtado. Demiurgos do Brasil

Edição 317- Ano IX - 30-11-2009

Disponível em <https://goo.gl/Jk50ym>

A edição 317 da IHU On-Line aproveitou os 50 anos da publicação do livro *Formação Econômica do Brasil*, de Celso Furtado, e os cem anos da morte de Euclides da Cunha para discutir o legado dos dois autores. A revista publicou entrevistas com João Trajano de Lima Sento-Sé, José Carlos Braga, André Moreira Cunha, José Saraiva Cruz, Marcos Formiga, Joana Luíza Muylaert de Araújo, Mauro Rosso, Cláudio Aguiar, Leonardo Vieira de Almeida e Ricardo Oiticica.



Raízes do Brasil: 70 anos interpretando o Brasil

Edição 205 - Ano VI - 20-11-2006

Disponível em <https://goo.gl/lzQtyD>

O tema de capa desta edição da IHU On-Line marcou os 70 anos de lançamento da obra de Sérgio Buarque de Holanda. Contribuíram para esta edição Angela Mendes de Almeida, Robert Wegner, Edgar Salvadori de Decca, Maria Odila Dias, Aleksandar Jovanovic, Maria José de Rezende, Mauro José Gaglietti, Eliane Fleck e Ronaldo Vainfas.



Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil

Edição 275 - Ano VIII - 29-9-2008

Disponível em <https://goo.gl/50wLRa>

O tema de capa da edição 275 da IHU On-Line foi motivado pelo centenário da morte de Machado de Assis e pela realização do Seminário Nacional de Literatura e Cultura Brasileira: Machado e Rosa. Participaram da discussão João Hernesto Weber, João Adolfo Hansen, Luis Augusto Fischer, Luciana Coronel, Marcus Alexandre Motta, Luiz Rohden, Flavio Carneiro, Susana Kampff Lages, Maria Cristina Cardoso Ribas, Cesar Zamberlan, Leonardo Vieira de Almeida e Juracy Saraiva.



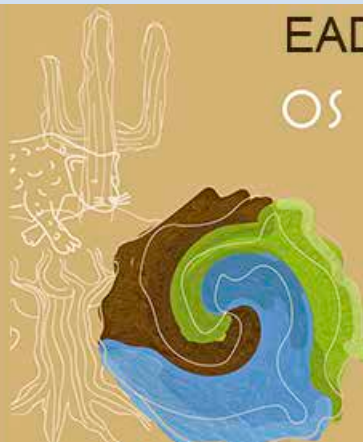
A reinvenção da política no Brasil contemporâneo.

Limites e perspectivas

14 de março a 17 de maio de 2017

Saiba mais em ihu.unisinos.br

De
24 de abril
a
09 de junho
de 2017



EAD - Ciclo de Estudos

**OS BIOMAS BRASILEIROS
E A TEIA DA VIDA**



Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo.

Uma análise da narrativa de Marcos
(Ciclo de estudos EAD)

06 de março a 14 de maio de 2017

Saiba mais em ihu.unisinos.br



ihu.unisinos.br



bit.ly/ihuon



twitter.com/_ihu



youtube.com/ihucomunica



medium.com/@_ihu